



UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
INSTITUTO DO NOROESTE FLUMINENSE DE EDUCAÇÃO SUPERIOR

- ENTRE LAMPARINAS E LAMPIÕES -
NARRATIVAS, SABERES E FAZERES QUE ENSINAM: MEMÓRIAS DOS
ATENDENTES DE ENFERMAGEM DA CASA DE CARIDADE
DE CARANGOLA-MG

JOSIAS TEODORO GUEDES

MESTRADO EM ENSINO

SANTO ANTONIO DE PÁDUA – RJ

2018

Ficha catalográfica automática - SDC/BNO

T314- Teodoro Guedes, Josias
- ENTRE LAMPARINAS E LAMPIÕES - NARRATIVAS, SABERES E
FAZERES QUE ENSINAM: MEMÓRIAS DOS ATENDENTES DE ENFERMAGEM DA
CASA DE CARIDADE DE CARANGOLA-MG / Josias Teodoro Guedes ;
Maristela Barenco Corrêa de Mello, orientadora. Santo
Antônio de Pádua, 2018.
168 f.

Dissertação (mestrado)-Universidade Federal Fluminense,
Santo Antônio de Pádua, 2018.

1. Cotidiano. 2. Enfermagem. 3. Carangola (MG). 4.
Produção intelectual. I. Título II. Barenco Corrêa de
Mello, Maristela, orientadora. III. Universidade Federal
Fluminense. Instituto do Noroeste Fluminense de Educação
Superior.

CDD -

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
INSTITUTO DO NOROESTE FLUMINENSE DE EDUCAÇÃO SUPERIOR
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO

JOSIAS TEODORO GUEDES

- ENTRE LAMPARINAS E LAMPIÕES -
NARRATIVAS, SABERES E FAZERES QUE ENSINAM: MEMÓRIAS DOS
ATENDENTES DE ENFERMAGEM DA CASA DE CARIDADE
DE CARANGOLA-MG

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ensino da Universidade Federal Fluminense, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Ensino.

Linha de pesquisa: Epistemologia do Cotidiano e Práticas Instituintes

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Maristela Barenco Corrêa de Mello

Santo Antônio de Pádua, RJ

2018

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
INSTITUTO DO NOROESTE FLUMINENSE DE EDUCAÇÃO SUPERIOR
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO

JOSIAS TEODORO GUEDES

- ENTRE LAMPARINAS E LAMPIÕES –
NARRATIVAS, SABERES E FAZERES QUE ENSINAM: MEMÓRIAS DOS
ATENDENTES DE ENFERMAGEM DA CASA DE CARIDADE DE
CARANGOLA-MG

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ensino da Universidade Federal Fluminense, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Ensino.

Linha de pesquisa: Epistemologias do Cotidiano e Práticas Instituintes.

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Maristela Barenco Corrêa de Mello (Orientadora) INFES/UFF

Prof.^a Dr.^a Mitsi Pinheiro de Lacerda - INFES/UFF

Prof.^a Dr.^a Marisol Barenco Corrêa de Mello – UFF

Prof.^a Dr.^a Maria Emanuela Esteves dos Santos – UFSJ

Santo Antônio de Pádua, 18 de Abril de 2018.

Dedico esta Dissertação
ao Vôo Pássaro.

AGRADECIMENTOS

Estava no sítio continente em meio ao silêncio e o canto das aves. As árvores e eu num dia de sol majestoso. Tudo parecia gigante naquele local e ainda é assim na minha lembrança. Acharia as mangas escondidas pelo meu pai na avolumada grama amendoim para terminar de amadurecer? Não dei sorte... Nenhuma manga nem no pé, nem na grama. Olhei para os lados. Para onde ir?

Vi um pássaro inesperadamente cair. Veio ao chão interrompendo seu vôo.

Debatia-se numa angústia apressada. O que teria acontecido? Dei alguns passos e me aproximei. Abaixei meu corpo e peguei o pequeno ser da terra e do ar.

Tão linda como tantas outras que sempre estavam por lá. Seria um pardal? A ave entre as pequenas mãos da minha infância ficou imóvel. No pequeno bico carregava um alimento. Abri suas asas. Não pareciam quebradas. Olhei as patinhas: sem nenhum problema. Toquei cada parte dela admirando a plumagem castanha e branca em várias nuances e tons, uma delicadeza. Percebi em seu peito uma “tumefação”.

O que fazer? Faça. Concordamos. “Peraí”, mas aves não falam!

Espremi delicadamente num misto de coragem e temor a “massa” gigantesca para aquela criatura tão pequenininha. Da bicheira foram aos poucos saindo os pequenos vermes e ela inerte.

Aquela não era qualquer ave... Estava ali como parte de mim em sagrados momentos. A avícula parecia fraca, teria morrido? Fizemos o acordado...

Enquanto a olhava inerte pensei nas inúmeras tentativas frustradas de ter um pássaro preso em minha arapuca que ficava em outra parte do sítio, próximo ao portão de entrada dos carros, debaixo das goiabeiras. Dias e horas entre as árvores tentando pegar uma ave. Algumas chegavam perto da arapuca em busca do alimento. Eu escondido, um pouco distante, com os olhos sem piscar e mãos atentas para puxar a linha amarrada ao galho e... nada! Sempre voavam bem mais espertas que eu. Lembrei-me do beija-flor que fez seu ninho na mais saborosa das mangueiras. Como conseguir tê-lo para mim?

Morreria nas minhas mãos com aquele alimento sabe-se lá de onde havia conseguido? Teria filhotes a esperá-la? Imaginei todos de boca aberta no ninho aguardando o retorno da mãe que não poderia perder tempo para conseguir mais comida para cada uma de suas crias. Do que temos controle nesta vida?

A avezinha subitamente alçou voo com suas asas da cor da terra que meus pés pisavam. Já não estava em minhas mãos. Foi o mais belo dos voos! Para onde foi aquele ser? Fiquei petrificado, com meus olhos a tentar achá-lo entre o céu azul e a copa das árvores.

Eu e você no vôo pássaro!

Arapuca nunca mais.

“Sem cuidado deixamos de ser humanos.”

Leonardo Boff, 1999

RESUMO

A presente dissertação tem como proposta o comprometimento com o cotidiano epistêmico de pessoas que se dedicaram ao Cuidado, na figura dos Atendentes de Enfermagem da Casa de Caridade de Carangola-MG - segmento de categoria hoje inexistente na Enfermagem brasileira - e busca o diálogo entre sujeitos em suas singularidades. Inspira-se na pertinência dos conceitos postulados por Boaventura de Sousa Santos, em sua Sociologia das Ausências, que nos ajudam a compreender como se dá, na história, o processo de produção de inexistências, que promove a morte de saberes e lógicas distintos (epistemicídios), e o desperdício da experiência social mundial, além de legitimar o chamado pensamento abissal. Este trabalho, pois, assumiu o desafio de ouvir aqueles que foram invisibilizados, através de metodologias que não os (re)colocasse como “objetos de pesquisa”. Assim, a relação Sujeito-Sujeito de Boff, como a necessidade de “*ouvir para aprender a ouvir*”, de Bakhtin, foram inspiração. A “possibilidade caminho” de Entre Lamparinas e Lampiões não utilizou de entrevistas. Foi tecida entre conversas, como instrumento de pesquisa, com seis Atendentes de Enfermagem. Exercitou-se a prática de ouvir e conversar. Este universo inspirou a escrita em forma de narrativas como possibilidade e estratégia contra-hegemônica, envolvendo o Cotidiano do Cuidado. As vozes, memórias e histórias ouvidas não se subjugaram a um monólogo minimizador de existências, pelo contrário: foram e são desobedientes. Caminham em suas singularidades pelo cotidiano hospitalar e da vida no que poderia ser visto como roteiro predeterminado do considerado “forte e poderoso” em Certeau. Na aparente “obediência” do que lhes “pensam impor” existem resistências e estratégias, talvez confusas, mas persistentes que representam, penso, a teimosia histórica do povo brasileiro. São preciosidades da camada popular através do contato e desdobramentos com a realidade. Busquei traduzir estes encontros em forma de Narrativas. Elas são uma possibilidade de reflexão sobre o cuidado humano, transpondo o tempo e o espaço de um ambiente hospitalar, e foram tecidas com o cuidado que brota dos grandes encontros.

Palavras-chave: Cotidiano; Atendentes de Enfermagem; Diversidade das formas de cuidar; Casa de Caridade de Carangola (MG)

ABSTRACT

This dissertation has as a proposal the commitment to daily epistemic of people who have dedicated themselves to care, in the figure of nursing attendants of the charity of Carangola-MG-category segment today non-existent in nursing and seeks dialogue between subjects in their singularities. It is inspired by the relevance of the concepts postulated by Boaventura de Sousa Santos, in his sociology of absences, which help us to understand how, in history, the process of production of inexistences, which promotes the death of different know-how and logic (epistemicides), and the waste of world social experience, in addition to legitimizing the so-called abyssal thought. This work therefore took on the challenge of listening to those who were rendered, through methodologies that did not (re) put them as "research objects". Thus, the subject-subject relationship of banks, as the need to "hear to learn to listen", from Bakhtin, were inspirational. The "possibility-path" between lamps and lamps did not use interviews. It was woven between conversations, as a research tool, with six nursing attendants. Exercised the practice of listening and talking. This universe inspired the writing in the form of narratives as a possibility and hegemonic strategy, involving the daily care. The voices, memories and stories heard were not subjugated to a minimizing monologue of stocks, on the contrary: they were and are disobedient. They walk in their singularities by the daily life of the hospital and in what could be seen as a predetermined roadmap of the considered "strong and powerful" in Certeau. In the apparent "obedience" of what they "think impose" there are resistances and strategies, perhaps confusing, but persistent that represent, I think, the historical stubbornness of the Brazilian people. They are precious to the popular layer through contact and unfolding with reality. I sought to translate these encounters in the form of narratives. They are a possibility of reflection on human care, transposing the time and space of a hospital environment, and were woven with the care that springs from the great encounters.

Keywords: Daily life; Nursing attendants; Diversity of ways of caring; Carangola House of Charity (MG)

SUMÁRIO

1. Ponto de partida: um convite à “travessia” do cuidado e da humanização.....	12
2. O encontro de um lugar de pesquisa entre os muitos lugares que passei.....	16
3. A Casa de Caridade de Carangola-MG: a metáfora dos lampiões como forma de praticar cuidado	34
3.1 Quem eram os atendentes de enfermagem	52
3.2 A voz dos sujeitos invisibilizados	55
4 . Lentes	61
5. Chronus	74
5.1 Onírico: diálogo sobre o cuidado entre lamparinas e lampiões- de “O Progressista” de Themudo ao “Gazeta” de Carelli	74
5.2 Uma rosa nas águas de oxum	93
5.3 Ilíada e Odisséia	101
5.4 “Divino maravilhoso”?	112
5.5 Gotejamento: cotidiano e cuidados	131
6. Considerações	162
REFERÊNCIAS	166

1. PONTO DE PARTIDA: UM CONVITE À “TRAVESSIA” DO CUIDADO E DA HUMANIZAÇÃO

A presente dissertação, busca o diálogo entre sujeitos em suas singularidades. Tem como objetivo o cotidiano epistêmico de pessoas que tiveram suas vidas e existências marcadas pelo cuidado com seus saberes e fazeres na figura dos Atendentes de Enfermagem da Casa de Caridade de Carangola-MG.

Ele nasce após treze anos de trabalho no Hospital. Passei em minha trajetória por outros ambientes de trabalho, em caminhos cotidianos da vida, mas aquele local sempre esteve e está presente em mim. Parece que faz parte da minha própria respiração.

Não é uma pesquisa positivista. A proposta tem íntima relação com a heteroglossia. Essa diversidade heteroglóssica é produzida por forças sociais, tais como profissão, gêneros discursivos, tendências particulares e personalidades individuais. São vários olhares envolvendo os saberes e fazeres que ensinam através de Narrativas.

Esse trabalho nasce em um contexto inebriado por diversas subjetividades e sob vários pontos de vista. Fui aguçado a escrever um pouco sobre esta história. Este trabalho registra um pouco desta história, uma nesga, mas ela é muito mais ampla e complexa. Esse aguçamento brotou de algo que me revirava há muito tempo, visto que já estava com minha vida em caminhos totalmente diferentes da Enfermagem. Havia cursado História e Geografia. Depois de um tempo trabalhei na Rede Privada de ensino. Fiz concurso e estava trabalhando como Professor de Geografia na Rede Pública Municipal de Ensino em Carangola e na Estadual de Minas Gerais, na área de História. Iniciei o Bacharelado em Direito e graduei-me em 2017, cinco anos após minha turma formar, em um longo processo de luta e resistência, diante de uma celeuma repleta de injustiças, na qual não abaixei minha cabeça, simplesmente acreditei no que é justo. Depois de uma enfermidade, passei pela Secretaria Municipal de Educação e Secretaria Municipal de Cultura como Historiador. Pensei em desenvolver um Projeto de Pesquisa para o Mestrado envolvendo meu cotidiano num Projeto Escolar, chamado “Escola Leitora”. Cheguei a Pensar em Patrimônio Histórico e Cultural para um Mestrado Profissional, mas aquilo não me “revirava”. Tudo indicava que o caminho seria outro, bem distante de um hospital. O que aqui foi alinhavado e me moveu é o desejo e o compromisso com o cuidado humano.

Os Sujeitos Atendentes de Enfermagem, devido à Lei do Exercício Profissional, passaram por um dilema pessoal envolvendo um segmento de categoria: deixariam de existir por força de lei. Uma das questões que me fizeram refletir foi sobre a presença deles para além daquele momento crítico na década de noventa. Muitos colegas tinham seus certificados de Ensino Fundamental e Médio e estavam aptos a adentrarem nos cursos que passaram a ser ofertados inicialmente pelo governo federal via PROFAE - Programa de Formação de Auxiliares de Enfermagem. Entretanto, outros trabalhadores, com tantos saberes, peregrinaram em busca da conclusão do Ensino Fundamental para se adequarem à literalidade da lei que passou a dividir a Enfermagem em três segmentos: Auxiliar, Técnico e Enfermeiro. Ora, muitos Atendentes não tinham sequer o chamado primário, atualmente Ensino Fundamental I. A lei da década de oitenta deu uma elasticidade para as pessoas se adequarem. Na década posterior, as portas se fecharam.

Com a lida cotidiana de minha vida e a pesquisa, percebi-os além de um tempo mesquinamente delimitado. Eles estavam lá, na Casa de Caridade de Carangola (MG), há mais de um século, desde quando abriram a porta para o primeiro enfermo, antes mesmo da inauguração oficial da “Casa”, praticando a arte e o ofício do cuidado aos doentes e carentes, antes de serem nomeados, décadas, de “Atendentes” ou “Práticos”.

Eles também estão aqui no tempo presente, neste trabalho e na vida. Não é a mera celebração de um passado. Cada tempo tem sua especificidade. O estudo das diferenças não é para subtrair ou dividir o presente e o passado, ou vice-versa, é para refletirmos sobre seres humanos em suas vivências, em um processo de aprendizagem sobre o cuidado.

A metodologia desta pesquisa baseia-se em Narrativas e parte da necessidade de ouvir algumas destas pessoas, que se tornaram enfermeiros, através do cotidiano histórico do cuidado e, que, por força da lei, tiveram que deixar de sê-los. No universo desta pesquisa tive minha vivência e percepções influenciadoras, todavia, são eles que, na tecitura da conversa, expuseram os seus cotidianos. Não houve pressão, nem opressão: houve conversa, houve diálogo, houve encontro. Gradativamente, seis Atendentes de Enfermagem foram ouvidos. Foi um processo contra-hegemônico diante de uma “lógica perversa” de *invisibilização e epistemicídios*. As narrativas, oriundas do ouvir, foram *contra a razão indolente e contra o desperdício da experiência, contra a produção de não-existências* (SANTOS, 2009b). A heteroglossia, assim como os

inúmeros olhares desses sujeitos do cuidado, estão presentes em autores como Santos, Boff, Larrosa, Bakhtin e outros.

Falo de minha vida e do meu encontro com a Enfermagem em “O Encontro de um Lugar de Pesquisa Entre os muitos Lugares que passei”. Creio ter sido este capítulo muito importante, pois foi nele que perceberam em mim, no Mestrado, uma escrita repleta do cotidiano. Inicialmente, pensei que não conseguiria escrevê-lo. Coisas extremamente pessoais, que viviam dentro de mim, foram para o texto na forma de um memorial num trabalho para a Disciplina Epistemologias e Ensino. Como escrever sobre existências se não exponho a minha própria? Como ensina Portelli (1997a, p.22) “por que devo eu esperar que outros me falem de sua vida se eu não me mostro disposto a contar algo a respeito da minha”. Nesta dissertação não existe, penso, a dicotomia pesquisador e objeto. Trabalho na perspectiva sujeito e sujeito.

Em “A Casa de Caridade de Carangola: A Metáfora dos Lampiões como Forma de se Praticar Cuidado”, apresento a necessidade de se pesquisar a Enfermagem, com suas especificidades locais, ao mesmo tempo que não marginalizo influências mundiais tão atuais como a presença da Inglesa Florence Nightingale para a Enfermagem. Se isto fizesse reproduziria, talvez, a arrogância epistêmica. Com o objetivo de reflexão falo de uma “Enfermagem Mestiça”, com inúmeros entrecruzamentos, para se tentar repensar o presente tão engessado, universal, infalível e ditatorialmente científico. São inúmeras possibilidades do cuidado, de saberes e de humanização. Escrevo sobre o surgimento da Casa de Caridade de Carangola-MG, o contexto social de sua criação, a importância atual da instituição para a cidade e a região. No capítulo em questão, dou ênfase para quem eram os Atendentes de Enfermagem e a voz que estas pessoas possuem.

Em “Lentes”, dialoga-se sobre as “Crônicas”, a brasilidade de sua escrita, sua gente, seus autores. O capítulo posterior tem o título de “Chronus”. Nele, a trajetória dos sujeitos com as suas narrativas. Lentes e Chronus são complementares e irmãos, principalmente por serem populares e cotidianos. Em cada escrito de Chronus elaborei uma página pré-textual com um enunciado sobre a “Crônica”: o que significa o título, a quem se refere e o que me tocou com o diálogo com este sujeito, apresentado aqui com seus respectivos codinomes.

Esta Pesquisa foi elaborada envolvendo os cuidados na Casa de Caridade em Carangola-MG. São inúmeras possibilidades de reflexão: uma delas é sobre o cuidado,

como tão bem explica Leonardo Boff: “Sem cuidado deixamos de ser humanos” (BOFF, 1999, p.89). Espero que este trabalho seja humanizador e toque a todos, enquanto seres humanos. Que seja uma “Travessia” para as vidas que dele se achegarem, assim como foi para a minha.

2 O ENCONTRO DE UM LUGAR DE PESQUISA ENTRE OS MUITOS LUGARES QUE PASSEI

Um diálogo pode se iniciar de várias maneiras. Creio que seja interessante apresentar, via diálogo, o meu lugar epistêmico. Sem isso, eu nada seria. Não sou uma pessoa potencialmente pragmática, sinto-me um argonauta.

Pragmático era meu pai, alma potencializada pelo universo sensível perceptível na alma e ações de minha mãe. Papai era um homem que sabia transitar, rígido, filho de seu tempo, com seus potenciais significativos. Um homem que só desenhava o próprio nome. Fugiu da palmatória em uma escola no Distrito de Ponte Alta em Carangola-MG, Zona da Mata Mineira. Fez a opção pela enxada. Fazia cálculos no ar, com o dedo e ainda fazia o rabisco antes de efetuar a operação. As contas sempre fechavam. Mamãe, a cuidar dos filhos, dez... em carreira, como as carreiras de café que meu pai cuidava em Minas. Agora estavam em outro espaço: Piabetá - Rio de Janeiro, minha saudosa Baixada Fluminense. Ali me criei enquanto penúltimo filho, muita privação. A pobreza nunca retirou do rosto de minha mãe a esperança e a alegria. Fazia disto tudo inclusive motivo de comédia. Papai era fugitivo do hospício de Petrópolis e desencarnou idoso fugitivo, com minha eterna ameaça amigável de denunciá-lo e voltar para o tratamento até então manicomial. Minha mãe, vivia internada também no hospício em Guapimirim-RJ, fui algumas vezes visitá-la.

Era tudo muito restrito, miserável, mas não nos abandonaram, mesmo em um período onde a camada popular não possuía o mínimo de condições de subsistência: um cotidiano que impunha a mais dura realidade, oriundas de séculos de uma sociedade para poucos que desaguava em minha comunidade e em minha casa, desprovida de comida, escola, saúde e tantos outros direitos fundamentais humanos. Entretanto, por mais que nos recusassem e estruturassem a máquina do engano e manutenção dos privilégios seculares de uma minoria escravizadora de um Brasil para poucos, nós conseguíamos um jeito para transcender o sistema perverso traçado aos pobres numa luta pela sobrevivência. “Pobre não é burro”!

Não sei explicar os motivos de alguns caminhos da vida. Fui criado em igreja evangélica, no meu caso, a Batista, fundamental e fundamentalista. Obrigatória para todos os nove filhos vivos de Leni Teodoro Guedes. Na igreja havia um lampião:

cantávamos hinos de origem inglesa e norte-americana, líamos a Bíblia, orávamos. Não percebia a atual lógica empresarial dos templos. Via irmãos pobres, tentando ajudar outros irmãos também na mesma situação, numa mistura de amparo espiritual, diálogo, amorosidade e compartilhamento que, de certa maneira, lembrava-me um pouco a chamada “Igreja Primitiva” das Sagradas Escrituras. Dividíamos o pão e as aflições, numa comunidade marcada pelos chamados transgressores e mortes. Minha mãe sempre me levava pelas ruas para visitar um cadáver de um nomeado bandido, um transgressor, morto geralmente pela polícia ou por rivais no meio da rua. Não verbalizava, mas estava claro que “se enveredasse por aquele caminho, o fim seria o mesmo”. Quando indagada sobre levar os filhos para verem aquilo, ela afirmava: “a vida não perdoa.”

A vida social abraçava a religiosa. Em família, indisciplina era tratada rigidamente com uma ancestralidade punitiva que remonta à chibata. A Bíblia era fundamental e de capa a capa minha mãe procurava entendê-la e compreender o mundo em nossa volta. Escrevia cartas para todos, obviamente sem as regras gramaticais ou ortográficas. A Bíblia e as revistas da Escola Bíblica Dominical eram importantes fontes para uma mulher guerreira que cursou até a terceira série e fez meu parto sozinha. Simplesmente colocou meu pai para fora do casebre e todo o trabalho de médica e enfermeira por ela foi feito numa tarde ensolarada de dois de setembro de 1976. Ela ensinou meu pai a desenhar o próprio nome. Uma questão de dignidade humana e um signo: escrever/desenhar o nome e não usar a digital. Uma estratégia do “Seu Biu”, como era chamado meu pai.

Quando doente, sempre aparecia em meio à escuridão um lampião, minha mãe Enfermeira fazia os cuidados, cobria-me bem. Um suadouro e no outro dia estava novo. Minha casa tinha um lampião, chamado Leni. Não havia saneamento básico, água tratada e o pequeno hospital não dava conta dos atendimentos. Havia o Posto de Saúde no Centro por nome Dr. André Luiz, muitos doentes, pouquíssimos médicos para atender. A madrugada, o sol quente, horas e horas de espera para um atendimento. Em casos graves o jeito era muitas vezes na madrugada pegar o trem na Estação de Piabetá e ir para o Hospital Souza Aguiar, na capital. Aquilo tudo era muito sofrido.

Quando menos pensava já estava eu na beira do córrego brincando com argila e pulando de um lado para outro. Avenida Canal, Lote 11, Quadra 43, Bairro Maurimárcia: ali eu nasci e vivi boa parte de minha vida e sonhávamos com dias melhores. Minha mãe e os afazeres, saberes e fazeres. Mineira que tinha conhecimento

das ervas, das plantas que curam, dos chás, dos emplastos e inalações. Vida bastante sofrida, mas uma opção: não deixar os nove filhos. Em meio a tantas coisas que ensinou foram em atitudes e ações positivas as que ficaram marcadas. A última a comer. O pé de galinha sempre sobrava para ela. Ela dizia que gostava. Talvez seja por isso que gosto tanto de pés de galinha com batata. Em meio a tantas coisas, a pobreza não despotencializou minha mãe. Foram muitas famílias em que os filhos foram para o crime, ela nos conduziu para o “se vira”, “procure”, “dá seu jeito” e, se aprontasse, “eu te arremento!” e dá-lhe chicotada, panelada, varada e versículos da Bíblia. Uma pessoa em meio a tudo isso exemplar. Sempre creu na vitória do bem sobre o mal, nem que fosse no arrebatamento de Jesus nos últimos dias, conforme revela a Bíblia. Como era minha casa? Um lar com tantas diferenças e indiferenças, mas lá estavam meus pais, o que para mim bastava. Minha mãe nos ensinou que felicidade não era ter tudo. Ter as coisas era bom sim, mas com honestidade. Pedir as coisas nem pensar. Modos e conduta eram fundamentais. Para tudo se dava um jeito e para o que não tinha jeito havia o tempo. A pobreza não nos envergonhava. Hoje entendo a pobreza como uma produção histórica, o que me potencializa para aqui escrever.

Papai tinha umas carroças e cuidava também de um sítio, gostava de várias mulheres e de cachaça. O que causava repúdio em minha mãe. Crescemos ouvindo minha mãe falar mal de meu pai todo santo dia. Isto não nos dava o mesmo direito. Era muito simples e claro: era nosso pai e ponto. Papai era um grande contador de causos. Era uma pessoa de narrativas. Lá da Baixada Fluminense, muito pequeno, numa época sem internet e pouco acesso à informação do que era Minas Gerais eu imaginava como era a terra que hoje me acolhe. Havia nos relatos dele uma eterna saudade. O relevo e a gente destas terras já eram por mim conhecidas muito antes de aqui pisar. Tudo isto era muito sedutor para minha vida, nos rios de minha vida. Até hoje essas memórias formam um bálsamo que eu uso quando minha alma sente falta do meu Pai.

Fui uma criança como muitas: brincava na rua de pique-esconde, garrafão, carniça... Pulava o córrego em frente à minha pobre casa e pescava piabas com peneira. Vivía subindo as árvores do sítio onde me sentia tão bem, além de saborear as inúmeras frutas que eram fartas: goiabas, jacas, mangas, carambolas, cerejas, abacates, cacau, cajá, laranjas, cocos, pitangas, amora e minha eterna espera pela florada das jabuticabas, que nunca aconteceram enquanto lá morei até meus doze anos. Aquele sítio parecia-me gigante, talvez um continente... Até que um dia me levaram para a escola: tinha que

começar a estudar e iniciar o primeiro ano. Lugar estranho, infernal, desestruturado e para poucos. Minha irmã e eu levávamos no embornal coisas do tipo: uma laranja ou um cajá, mesmo que ainda não amadurecidos. Em um tempo em que esta política pública, como outras, não existia como direito, cada um levava alguma coisa para uma sopa... o que não demorou para acabar e todos ficarem sem a merenda coletiva. Não guardo na memória a fisionomia de minha primeira professora. Lembro-me que a sala era extremamente lotada, o quadro dividido, pessoas bem maiores que eu, indisciplina recorrente. A única coisa que melhor me recordo foi quando ela se aproximou de minha carteira e, pelas minhas costas, muito próxima, preencheu um pontilhado com as vogais e segurou em minha mão para o preenchimento da primeira letra. Mais nada me lembro.

Ficava entre as árvores, as brincadeiras e um lugar quente e abafado acima da laje que tinha infiltrações, onde fizeram um telhado com espaço para guardar coisas não usuais. Lá estavam os livros, alguns molhados, com bolor... Aquele destrato me incomodava. Olhava as figuras e imaginava o que estava escrito ali. Fiquei indignado quando doaram um saco de livros, presentes da Dona Anunciada, proprietária do sítio para um irmão da igreja. Nada poderia dizer.

Tinha fobia de ir para aquela escola chamada de Corujão. Lá as professoras revistavam as unhas e cortavam os cabelos dos chamados piolhentos. Meu cabelo era encaracolado e um pouco grande. Não deixei ninguém mexer neles, nem nos meus pretensos piolhos... Se os tinha eram meus! Minha mãe matava tudo com neocid e baygon, asfixiando os bichos com um pano, geralmente branco da paz. A estratégia era fugir e se esconder durante o dia todo pela escola como um bicho. O problema era que não havia um lugar fixo. Odiava quando a diretoria me chamava para avaliar se eu sabia ou não ler... O sistema de apoio do lar aos exercícios para casa era no mínimo traumatizante. Primeiro que minha mãe não dispunha de tempo. Os afazeres domésticos tomavam arduamente o fazer diário de minha mãe. Tantos filhos, tantos desafios para garantir o mínimo que aquela alma se desdobrava para tornar este mínimo num pouco mais. Uma ocasião presenciei o auxílio pedagógico de minha mãe com minha irmã repetente para fazer as atividades:

Minha mãe Leni:

- Carmem: b com a, bá...

- b com e, bé...

- b com i, bi...
- b com o , bo...
- b com u, bu...

E a cartilha em nosso meio estava.

Minha mãe:

- Carmem: b com a?

Carmem:

- “Pá”! E assim trocou o “b” pelo “p” sucessivamente...

A explicação inicial de minha mãe voltava, já com um tom de voz, para ser educado, alterado.

Nada da parte da Carmem.

Como resolver o problema? Minha mãe pegou uma panela e bateu com força na cabeça dela... o “be” com “a” virou “bá” e assim sucessivamente. A cartilha em nosso meio estava como único e exclusivo recurso.

Percebi que precisava criar “estratégias” para estudar e ser. Buscar autonomia no transcurso de minha vida como estudante. A escola não foi o “ponto zero”, foi um caminho que percorri entre encontros e desencontros.

O universo feminino de minha mãe e tantas outras Lenis sempre esteve presente em minha vida. Hoje sou Professor e lido com inúmeras mulheres. Na Enfermagem o mesmo se repetia. A Enfermagem apareceu pela primeira vez em nossas vidas quando minha irmã mais velha foi trabalhar na Casa de Saúde de Piabetá-RJ, como Atendente de Enfermagem e posteriormente fez o curso de Auxiliar. Os relatos sobre o cotidiano hospitalar eram muito interessantes. Ela sempre estava a servir a todos: família, vizinhos, desconhecidos. Temos respeito e admiração por ela.

Enquanto isto, a vida transcorria. Tive outras Professoras formidáveis no primário. Gostava de estudar. A Dona Neuza e Dona Maria Voleide, grandes Professoras! Delas lembro perfeitamente: a fisionomia, as aulas e até mesmo o modo de vestir e sorrir. Com o encontro com Dona Neuza e Maria Voleide comecei a nutrir um sonho: fazer uma faculdade. Mas o que era faculdade meu Deus, principalmente em Piabetá-RJ?

Comecei a juntar latas, vidros em geral, alumínio, papel, ferro e juntamente com meu amigo Milton vendíamos para o Ferro Velho do bairro. Juntávamos muita coisa... sacos e mais sacos, todos levados em carrinho de mão. No final, após pesagem, sempre críamos que o preço pago não era o justo. O material que juntava era bastante. Meu amigo dava apoio e ajudava principalmente no transporte. Após a venda parávamos no Bar do Seu Ary e tomávamos um refrigerante Paquera. O primeiro gole ele sempre oferecia para a terra. A terra abraçava o guaraná com o mesmo prazer que o tomávamos. Mesmo sem entender direito o porquê daquele ritual, passávamos para a próxima fase de contentamento: jogávamos uma partida de totó. Era uma festa! Tomar guaraná e jogar totó era um dia de glória. O dinheiro restante era entregue nas mãos de minha mãe e tinha a meu pedido um destino certo: a Caderneta de Poupança para fazer a tal Faculdade.

O ritual do primeiro gole de guaraná para a terra era um ritual comum no Candomblé: “o primeiro gole para o santo”. A mãe e a avó do meu amigo e vizinho eram do Candomblé.

Meu pai até o nascimento de meu irmão caçula foi uma pessoa muito próxima, depois depositou um cuidado ao pequeno. Senti um certo distanciamento após meus sete anos. Não sei definir o motivo. Seriam as atividades cotidianas?

Um dia voltávamos com a carroça cheia de capim para os cavalos e um menino gritou de uma rua paralela à rua Onze:

- Josias viado!

O velho irritou-se e parou bruscamente a carroça com o uso do freio de burro. Olhou para mim, entregou o chicote e disse:

- Vai lá!

Desci da carroça, dei alguns passos. Voltei, subi a carroça e entreguei o chicote nas mãos dele. O rosto bravo, repleto de raiva. Chicoteou o cavalo... sinalizou com os “beijos” para o cavalo avançar e fomos embora.

Em silêncio.

A vida transcorreu.

Percebi na convivência com os filhos da Dona Anunciada e com sua amada presença que sempre me aflagava a importância dos livros. Tudo nela girava em torno dos livros. Só depois de mais velho e longe de lá me contaram que ela era médica. Foi

uma pessoa muito especial em minha vida. Sempre me dava livros infantis, roupas e brinquedos que eram dos seus filhos que estavam a crescer.

Cheguei até a quarta série. Chegou o momento solene da formatura. “Esse meu filho é realmente diferente dos outros”, era algo não verbalizado, mas a atmosfera doméstica dizia isso. A roupa era especial e padronizada para o tão esperado dia.

- Meu filho sabe ler e está formando!

A calça tergal, sempre com o “fecho éclair” aberto. Gravata borboleta, sempre torta. Creio que a costureira, irmã Erenite, não dominava costurar uma gravata borboleta. Camisa branca longa e um conga... Ai o conga!

- Pai, a Professora pediu para todos irem de conga preta.

- Tudo bem, compro o conga.

O conga era quatro números acima. Ficava como um palhaço. Ele argumentou que o pé crescia. Eu disse que faltava somente uma semana para a formatura.

- Não tem problema: enchemos de algodão.

Assim fomos no ônibus lotado para a formatura. Ele muito feliz com aquilo tudo.

Quando ele viu que eu era o “Orador” das duas turmas percebi que dos nove filhos, do jeito dele, havia por mim um carinho diferenciado. A importância de respeitar as diferenças.

A cerimônia prosseguiu.

A Diretora:

- Agora vamos convidar para vir aqui o aluno que conseguiu as melhores notas das duas turmas de formandos da Escola Municipal Vereador Antônio Garcia Filho. Era tudo surpresa. Todos estávamos calados e na expectativa.

- Josias Teodoro Guedes.

Recebi timidamente o presente. Parei em meio às duas Professoras da quarta série para uma fotografia. Voltei para o meu lugar. Tímido, muito tímido... Fora de mim. Muito feliz, mas sem entender aquele momento... Fazia as atividades escolares, mas sem aquela loucura de se chegar naquele momento tão especial e único.

Ao terminar a cerimônia vieram mais fotos, a saudade das professoras, os agradecimentos e os cumprimentos. Meu pai me deu um abraço e me apresentava para

todos. As fotos eram momentos solenes e caras para a camada popular... a figura do fotógrafo era um luxo!

Em casa, tive notícia de que ao anunciarem a premiação e me virem lá na frente, uma pessoa comentou sobre as roupas e desdenhou do fato de uma criança daquele jeito ser premiada. O velho Biu revelou que era meu pai para o depreciador, e a briga de verbal poderia ter se tornado física.

O chicote ficou para trás. Não era um filho para uso de chicotes. A vida, talvez, o chicoteou tanto por não saber ler. Eu estava livre! Com o passar do tempo, percebi que voltar, subir na carroça e entregar o chicote de volta não nos deixou impotentes. Pelo contrário!

Não imaginei que um dia me encontraria com as lamparinas e lampiões da Enfermagem. A vida nos leva muitas vezes sem nos perguntar. Meu pai terminou seus dias envolto por cuidados da Enfermagem: filhos da Enfermagem, netos da Enfermagem... Minha mãe cuidadora sempre sonhou com a Enfermagem. Há poucos dias me contou que iria morrer sem realizar o sonho de ser Enfermeira. Disse para ela, aos 75 anos de idade, que a vida a consagrou Enfermeira pela trajetória de cuidados, seus saberes e fazeres com filhos, netos e como cuidadora de idosos. A Enfermagem perpassa a existência dos Guedes.

A vida foi transcorrendo em minha infância e adolescência. Já não morava mais no estado do Rio e do “Pendura Saia” na entrada da cidade nos mudamos para o Bairro Santo Onofre. Este bairro é bastante interessante e importante para se entender a cidade e o Vale do Carangola-MG. Ele é serpenteado por sua parte mais plana à beira do Rio Carangola por uma área que até então era ocupada pela linha férrea.

Os pioneiros do bairro eram pessoas pobres e negras que, com a construção da linha, ali fizeram morada. O bairro tem na margem ocidental uma via de acesso fundamental para entrada e saída da cidade, a Avenida Capitão Antônio Carlos de Souza. Entre a área serpenteada e a do Capitão ficam o Alto e Baixo Santo Onofre. Um longo e contínuo morro.

Eu “morrava” no alto, mais especificamente no Escadão Santo Onofre. Estudei numa escola de origem tecnicista da década de setenta por nome Escola Estadual Emília Esteves Marques na área serpenteada. Descia o morro todos os dias para estudar naquela escola que atende uma grande clientela de várias partes da cidade.

O IBGE¹- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística em sua página registra o contexto histórico da gênese do município escrito por Rogério Carelli² que no ano de 2017 a população estimada era de 33.559 habitantes:

Situada na Zona da Mata de Minas Gerais, na confluência com os estados de Minas Gerais, Rio de Janeiro e Espírito Santo, o município teve seus primórdios de colonização na primeira metade do século XIX. A colonização tardia se deve ao fato da região se situar nas “áreas proibidas” interditas à penetração visando coibir o contrabando de ouro do período colonial. A afluência à região se deve à procura de novas lavras auríferas e não se encontrando ouro, colonizadores foram forçados a optar pela agricultura, inicialmente de subsistência e, pouco mais tarde, para a cultura cafeeira, que se tornou a base econômica de toda região e fator de crescimento. Em 1936 existiam em Carangola treze grandes armazéns exportadores de café e, em 1950 estes já se reduziam a apenas três. Em 1968 o município aderiu ao Programa de Erradicação dos Cafeeiros tidos como improdutivos a troco de pavimentação das rodovias que cortavam o município. Assim se esvai o restante da economia local, outrora uma das mais pujantes do estado de Minas Gerais. (<https://cidades.ibge.gov.br/painel/frota.php?codmun=311330>)

Nesta História local e regional, com o declínio cafeeiro, emancipação dos outrora distritos percebe-se algumas alterações econômicas e sociais. Uma delas é em relação ao comércio que durante muitas décadas possuía um certo grau de potência e referência. Atualmente esta área encontra-se em notório declínio levando-se em conta os

¹ Página do site do IBGE: Brasil, Minas Gerais, Carangola, pesquisada em 15/03/18, no link História e fotos, sendo a fonte o Professor Rogério Carelli.

² Rogério Carelli foi Professor de História Contemporânea da Fundação FAFILE- Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, posteriormente incorporada à UEMG-Universidade do Estado de Minas Gerais. Mesmo aposentado na carreira de magistério permaneceu na instituição como funcionário e foi um dos célebres nomes na luta pela estadualização, sendo contemplado posteriormente como membro benemérito. Historiador Sócio Correspondente do Instituto Histórico e Geográfico de Minas Gerais. Autor de Efemérides Carangolenses (1827-1959). Arquivista e pesquisador do Arquivo Público Municipal Carangolense. Diretor do Museu Municipal Carangolense. Escritor de inúmeros artigos no extinto jornal “Gazeta Carangolense”. Cidadão eternizado na memória dos munícipes. Registrado como Personalidade no popular “Livro de Tombo” ou “Livro Registro”, pela Secretaria Municipal de Cultura de Carangola, enquanto Professor, Escritor e Historiador.

municípios circunvizinhos. A incipiente industrialização iniciada na segunda metade do século XIX obteve seu “embrião” e apogeu nas primeiras décadas do XX, paralelamente ao café, e hoje é praticamente inexistente. Um aborto?

Em termos de serviços, a área de saúde oxigena a cidade com seus consultórios médicos e serviços de saúde, principalmente com o atendimento hospitalar através da CCC- Casa de Caridade de Carangola e HEC- Hospital Evangélico de Carangola (sendo este da década de 70). A Casa de Caridade durante décadas foi a referência maior de atendimento em saúde, não possuía na região nenhuma instituição com os serviços, qualidade e prestígio de atendimento aos enfermos. Com o tempo, o Hospital decaiu e cidades como Itaperuna-RJ e Muriaé-MG estabeleceram-se neste cenário e elevaram a qualidade e quantidade de serviços prestados. A partir da década de 90 do século passado a Casa de Caridade de Carangola iniciou um processo de investimentos com um novo padrão administrativo empresarial obtendo um elevado grau de crescimento regional o que é muito importante para a economia de Carangola.

A cidade também tornou-se um importante centro universitário com a estadualização da antiga FAFILE- Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, fundada em 1970, que por um certo período passou-se a se chamar FAVALE- Faculdade do Vale do Carangola. Em 1999 foi credenciada na qualidade de Campus Fundacional Agregado à Universidade do Estado de Minas Gerais- UEMG. Em 2013, a FAVALE passa a integrar, oficialmente, a Universidade. A UEMG- Carangola oferece atualmente a quase 1.500 estudantes dez cursos de graduação: Administração, Ciências Biológicas, Geografia, História, Letras, Matemática, Pedagogia, Serviço Social, Sistemas de Informação e Turismo. Isso sem contar com seus cursos de extensão e projetos de pesquisa que beneficiam a toda a Zona da Mata Mineira, Noroeste Fluminense, Sul Capixaba e alunos de outras partes do país. O curso de Direito é ofertado na rede privada pela Faculdade Doctum.

“Carangola não possui fábricas, a cidade possui escolas.” Poucas vezes vi uma cidade do interior com tantas escolas: vai muito além da prestação de serviços, é memória, um patrimônio cultural. A figura da Professora e Professor em Carangola tem uma marca e conotação repleta de singularidades e uma bela história a ser contada. O percentual de pessoas que trabalham na área da educação é bastante significativo e o impacto econômico é bastante perceptível.

A SRE- Superintendência Regional de Ensino de Carangola da SEE- MG Secretaria Estadual de Educação de Minas Gerais atende a Rede Pública de Ensino Municipal e Estadual de 11 municípios: Tombos, Faria Lemos, Pedra Dourada, Carangola, Fervedouro, Orizânia, Divino, Espera Feliz, Caiana, Caparaó e Alto Caparaó. O município possui uma Subsede do segundo maior sindicato do Brasil, SindUTE-MG, Sindicato Único dos Trabalhadores em Educação de Minas Gerais, atendendo dez municípios da região. Ocupo atualmente o cargo de Coordenador da Subsede, eleito pela categoria via votação, prestando um serviço voluntário, sem remuneração. Além disto, pessoas de vários municípios vizinhos estudam em escolas da rede privada de Carangola.

A Comarca de Carangola abrange além da sede mais três municípios: Faria Lemos, Fervedouro e São Francisco.

O Serviço Militar conta com o Tiro de Guerra 04/002 para Carangola e região. Preteritamente, mais precisamente na década de 90 tive que procurar emprego, ajudar em casa. Aprendi que precisava ser bom no que fazia: algo necessário, salutar. Meus padrões era um casal de Professores. Estava numa cidade com hábitos e costumes bem diferentes dos meus. Até o sotaque foi um desafio. Tenho um sotaque mineiro um pouco “mais carregado” do que o típico desta região do estado de Minas Gerais. O padrão além de Professor era Pastor. Os filhos foram estudar em Juiz de Fora. As duas primeiras graduaram-se na UFJF- Universidade Federal de Juiz de Fora- MG, e agora era a vez do caçula que ajudava o pai no serviço da Quitanda e da Fazenda em Faria Lemos, de onde vinham boa parte dos produtos comercializados. Com a ida do último filho para estudar fora, o Pastor subiu o morro e, sabendo que estava à procura de emprego, convidou-me para trabalhar com ele. Aceitei prontamente como se fosse trabalhar em uma embaixada.

Até então meu sonho era cursar o Curso Científico que só era ministrado no turno diurno, via ali a oportunidade de tentar um vestibular federal e fazer uma faculdade. Sim, fazer uma faculdade! Cursá-la não era socioeconomicamente viável para qualquer pessoa. Eram poucas e caras as particulares, mesmo a de Carangola. As federais ficavam historicamente restritas a uma minoria onde pobre dificilmente lá punha os pés. O sonho de cursar o Científico morreu: tinha que trabalhar em tempo integral, não tinha dinheiro para comprar os livros caríssimos do Ensino Médio ou fazer

xerox, tive que me contentar em cursar o Técnico em Contabilidade ou Magistério no noturno.

Tive durante a oitava série uma crise de toxoplasmose ocular que levou boa parte da visão do olho esquerdo e um foco ainda estava ativo no olho direito. Do dinheiro da quitanda, meio salário mínimo, ficava o desafio de conseguir o tratamento. A consulta com oftalmologista e infectologista e medicações não cabiam no orçamento familiar.

A convite de minha irmã da Enfermagem fiz uma verdadeira peregrinação para tratamento pelo Rio. Voltei para Carangola para buscar meu Histórico Escolar para concluir o Ensino Médio no estado do Rio. O Pastor precisou de outro funcionário e uma pessoa ocupava o que antes era a minha vaga de trabalho.

Cheguei de viagem à noite e falei rapidamente que iria embora. Fui dormir e no dia seguinte meu pai disse:

- Não vai embora não meu filho. Na vida tudo se ajeita!

Decidi ficar.

Lembro-me que na quitanda tinham várias senhoras que geralmente apressadas iam lá comprar alguma coisa para o almoço. Muitas eram Enfermeiras. Perguntei como entrar para trabalhar. Elas disseram que tinha que fazer uma inscrição e esperar. Fiz a minha muito antes de passar pelo problema de saúde e ir para Piabetá.

Em um dia ensolarado, o Pastor subiu os cerca de duzentos degraus do escadão e me disse que a Casa de Caridade pediu para que eu ligasse. Desci com ele e fui ligar para o hospital. Informaram-me que haveria um processo seletivo para Atendentes de Enfermagem. Eram sete vagas.

Estudei e fiz a prova. Fui aprovado e fiz o curso com as Enfermeiras. Lá descobri que Enfermeira era quem cursava uma Faculdade de Enfermagem na lógica espaço temporal vivenciada. Era um sonho ver minha Carteira de Trabalho assinada. Fomos chamados pelas Enfermeiras do hospital para fazermos um curso básico. O local do curso era na sala da Diretoria. Aprendemos com elas o básico da Enfermagem. O básico teórico (aferir sinais vitais; pressão arterial, pulsação, respiração e temperatura), ministração de medicações, curativos, tapotagens, observar e auxiliar nas dietas, arrumar um leito na técnica (aprendi na prática, nunca consegui fazê-lo na teoria. Adaptei a teoria à prática), calçar luva sem contaminá-la, sondagem nasogástrica, vesical e tantas outras coisas pertinentes à profissão. Estudamos o Código de Ética da Enfermagem: “Nunca

façam o que não sabem.” A Pedagogia da Enfermagem estava agora sob a tutela das Enfermeiras, não mais com as Irmãs de Caridade. Algumas coisas ficaram claras em nossas mentes: nada de fazer o que é atribuição médica! Percebi uma proposta além do cuidado com o enfermo bastante pragmática. A Enfermagem passava por um momento novo na instituição. Entretanto, nos dez anos que me entreguei ao ofício algo me chicoteava naquele ambiente de vida e morte, conflito de interesses e egos, onde baixar a cabeça e silenciar era por vezes necessário e de sabedoria: “–Enfermagem é água, sabão e bom senso” -, disse-me uma grande Enfermeira.

Contam que no início do mundo somente água existia aqui!

Dos sete aprovados no processo seletivo, uma colega teve problemas com o exame de urina. Ela estava tomando remédios para após a cura de seu mal ser admitida para o período de três meses de estágio. Durante este espaço de tempo, o COREN- Conselho Regional de Enfermagem informou ao Departamento de Recursos Humanos que não poderia mais contratar Atendentes de Enfermagem.

Passado o curto período de curso com as Enfermeiras, cerca de dois meses, diante da necessidade urgente de pessoas para cuidar dos enfermos, fomos para o estágio previsto em lei como todo e qualquer profissional. As Enfermeiras, novidade para a instituição, pelas quais nutro grande admiração e respeito, nos pediram para usar blusa branca, crachá de identificação, um garrote (para fazer punções venosas periféricas, “pegar veia”), uma caneta azul para anotações do plantão diurno e uma vermelha, caso fosse necessária uma dobra de plantão e fazer anotações noturnas no prontuário do paciente, calçado fechado branco, mas sem o uso de calça branca. Usamos durante o período probatório calça azul jeans. Depois de três meses veio a linda calça branca

Nos meus primeiros minutos do primeiro plantão: uma emergência. Sentia-me perdido antes mesmo da emergência. O que fazer? Por onde começar? Recordo-me que uma colega Atendente de Enfermagem responsável pela medicação estava separando os cartões e preparando as medicações quando começou o tumulto. A clínica parou para o atendimento de um paciente que estava morrendo. A Enfermeira e o médico de plantão do CTI foram solicitados pelo sistema de som para comparecer à CMB (Clínica Médica B) considerada o Hospital Escola da instituição, o local “dos pobres” que não tinham condições de pagar o tratamento particular e não possuíam plano de saúde, lugar que “dava de tudo”: dos “loucos aos terminais”, um técnico, uma Atendente de Enfermagem com longa bagagem e dois novatos (um deles era eu) também Atendentes, todos ao redor

do leito do paciente. Meu amigo que eu considerava “preparado”, pois já havia trabalhado em farmácia e sabia aplicar injeção no músculo, “amarelou” e tive que sentá-lo. Eu e ele estávamos petrificados! Depois da assistência dada e o óbito, Médico e Enfermeira saem. A Atendente de Enfermagem, com longa experiência, continua a ministrar a medicação aos outros pacientes que devido à emergência, já estavam atrasadas, e o Técnico responsável pelas papeletas (pedidos médicos, prescrições, etc.) pergunta: - Vocês sabem fazer um tamponamento? Respondi que só sabíamos preparar um corpo na teoria. Ele disse: - Prestem atenção, pois só vou ensinar uma vez, mas primeiro limpem bem o paciente (estava todo evacuado). E completou: - Acho que isso vocês conseguem fazer... Ao nosso redor tudo era um caos: bandejas abertas e misturadas, gazes e compressas com sangue, material de entubação e aspiração espalhados. O soro ainda pingava no moribundo.

Dos sete selecionados, um foi trabalhar na Radiologia, quatro deixaram o hospital. O meu amigo que havia trabalhado em farmácia deixou o serviço devido à dura realidade do serviço. Comecei a perceber que para ser um bom profissional deveria aprender com todos, inclusive com a “velha guarda” e sua episteme do saber cuidar. Esses Atendentes de Enfermagem, companheiros de lida, com anos de experiência me contavam histórias de um outro contexto espaço temporal e de um conhecimento empírico que se tornaria um trunfo e um desafio: o segmento Atendente de Enfermagem deixaria de existir por força de lei.

Fiquei muito abalado ao levar o paciente ao necrotério numa maca com um lençol cobrindo todo o seu corpo. Os cuidados seguiram assim como o plantão.

No horário do almoço a copeira não levou comida para um paciente. Tomei a iniciativa de procurá-la em seu setor para pedir a refeição. A responsável pela copa era uma senhora negra com cara de poucos amigos, não havia naquele tempo Nutricionista e me impressionava a variedade de dietas dos pacientes e a logística para alimentá-los. Ao me aproximar da porta pedi licença e uma delas disse: “pode entrar.” Entrei e expliquei a situação. Fui expulso pela chefe do setor, uma senhora antiga de casa que coordenava as atividades. Cara de brava, um bom coração, repleta de responsabilidades... Carinha da Anastácia, do Sítio do Pica-Pau Amarelo, mas sem aquela docilidade. Depois me explicaram que ela acreditou que eu fosse um Guardamirim, talvez por ser bastante jovem.

Guardas-mirim eram adolescentes, menores de idade, que trabalhavam no hospital em vários departamentos burocráticos. Eles poderiam, após os dezoito anos de idade, permanecer na instituição e terem a carteira assinada pelo hospital caso prestassem um bom serviço. Esse tipo de contratação de serviços chegou ao fim na instituição por força de lei. A legislação inviabilizou a estrutura e funcionamento dos serviços de Guarda- mirim não somente no hospital, mas em toda a cidade.

Saí imediatamente da Copa, muito sem graça e sem meu pedido atendido e voltei para as inúmeras atividades, geralmente transbordantes, da clínica onde trabalhava. O prato de comida chegou. Um prato sobre o outro, bem fechadinho... Alimentei o paciente e percebi a felicidade dele ao perceber que alguém largou tudo para ir buscar o seu alimento. Não um mero alimento, mas um cuidado, um alimento que simbolizava a cura.

Era assim, Clínica dos chamados pobres, desvalidos, dos terminais, dos psiquiátricos ainda amarrados e sedados. Clínica dos que cheiravam mal, dos sem posses, dos sem eira nem beira. Clínica que me esperava repleta de odores às sete da manhã: um misto de xixi, cocô, feridas, gente que precisava se banhar. Eram pessoas. Pessoas são pessoas, com suas histórias, vivências, perspectivas, sucessos, fracassos, sonhos, medos e desejos. Para lá fui. Aprendi a amar aquele lugar. Aprendi a amar aquele setor chamado de Clínica Médica B ou CMB.

A Atendente de Enfermagem responsável pela medicação retornou para a atividade que estava desenvolvendo antes da emergência. Separava medicação por medicação, cartão por cartão. Eram de várias cores separados em bandejas de inox reluzentes. Medicamentos orais, medicamentos venosas, intramusculares, nebulizações... cada via medicamentosa tinha uma cor.

Observei que o “prontuário médico” não era acessível a todos. Ficava restrito ao Médico, ao colega responsável pela papeleta, que cuidava, por exemplo, de transcrever para os cartões todas as medicações e prescrições feitas pelo médico. As Enfermeiras passaram a transitar por este território e lentamente foi-se passando para uma lógica de “prontuário do paciente”.

Ao transcrever o estipulado pelo médico, a pessoa responsável pelo prontuário entregava todos os cartões para a responsável pela administração das medicações.

Cartões cuidadosamente espalhados pelas bandejas. Copinhos sobre os cartões brancos, onde cada comprimido era colocado. Tudo era separado liturgicamente. Nos outros cartões, cada um com sua cor específica, as medicações intramusculares e venosas. As medicações que vinham em ampolas eram aspiradas cuidadosamente e colocadas sobre seus respectivos cartões. Eu tinha fobia de ver aquilo tudo e me perguntava: será que um dia consigo fazer isso? No cartão vinha escrito o nome do paciente, o quarto e o leito. E eu pensava: e se isso tudo se misturar? Aos poucos foram criados mecanismos mais seguros para essas atribuições da Enfermagem. O tempo também nos traz outras perspectivas e nos encaminha passo a passo para onde, creio, devemos passar.

De repente ouvi uma voz: - Vamos nos quartos 33, 34 e 35, para dar banho nos pacientes? Fui para os cuidados: banho, curativos, auxiliar na alimentação dos enfermos, levá-los para exames. Corria o dia inteiro. Aos poucos aprendi “papeleta” e “medicação”, pois o tempo além de ser curto, eram poucos que, de fato, queriam ensinar o trabalho considerado por muitos “melhor”, “mais relevante”, “para poucos”, “menos pesado” e de “mais responsabilidade”. Depois de dois anos percorrendo vários setores percebi que o lugar que mais me identificava era a CMB. Um certo dia, um paciente teria que fazer uma pequena cirurgia por não ter mais condições de acesso venoso periférico. Faria uma Dissecção de Veia. Geralmente deixávamos o material todo arrumado numa bandeja de inox, mas muitos colegas não gostavam de auxiliar o procedimento.

O Cirurgião Geral de Plantão veio para resolver a questão de acesso venoso. Uma colega fez a assepsia, enquanto eu segurava o braço. Durante o procedimento observei a variedade de pinças e o passo a passo para se chegar ao que pretendíamos. Quando o Médico solicitou ajuda com os “farabelf”, usado para afastar tecidos, a colega segurou o braço do paciente e eu “calcei” a luva para ajudá-lo. Era necessário alguém para com a mão esquerda e direita usar o “farabelf”, para afastar os tecidos para o médico dissecar a veia. As pessoas observaram meticulosamente se iria contaminar a luva estéril ao calçá-la, o que não ocorreu. O Médico foi me explicando o procedimento. Gostei de auxiliar. Perguntei o nome de algumas pinças. Toda vez que tinha algum procedimento cirúrgico gostava de estar por perto. Quando fui trabalhar no Centro Cirúrgico fiquei no setor por oito anos e entre inúmeras atividades exerci a de Instrumentador Cirúrgico.

Na Casa aprendi entre tantas coisas com as Enfermeiras, um pouco sobre a História da Enfermagem: Florence Nightingale, precursora da Enfermagem científica,

seu grande legado para a profissão e também suas controvérsias históricas. Ana Neri também era citada, numa perspectiva de referencial de uma Enfermagem brasileira com inúmeras características entre elas o altruísmo, a abnegação, pioneirismo e “norte”.

Saliento que a palavra Enfermeiro aqui utilizada pode ter a conotação atual com a devida graduação. Pode se referir aos chamados “Práticos” ou Atendentes de Enfermagem. Em dados momentos pode se referir ao Auxiliar e Técnico. O substantivo “Enfermeiro” pode variar em múltiplas possibilidades por revelarem a realidade de um substantivo que se tornou, penso, adjetivado, dependendo da conjuntura sócio-histórica. A aparente confusão de nomenclatura neste trabalho revela um processo de tensão e transformações históricas na profissão. Atualmente, o tratamento dado aos segmentos da profissão são melhores definidos, inclusive no cotidiano hospitalar.

A lamparina de Florence ficou durante muito tempo na parede da Gerência da Enfermagem em um quadro. Achava-o lindo e me instigava... É a enfermagem que fica dia e noite com os pacientes. Ela ilumina... Incandeia! Aos poucos minha vida foi se encontrando com a História e Geografia. Durante toda a minha trajetória o que vi, vivi e senti, nunca me deixou. Ficou como poetisa Chico Buarque de Holanda, marcado como tatuagem. A lamparina norteava meus pensamentos, mas aprendi muito tempo depois com Boaventura Sousa Santos que é preciso *sulear* em busca de outros referenciais epistêmicos. A Enfermagem atravessou minha vida. Senti a necessidade de dialogar com os lampiões.

Mas de onde surgiu este processo de diálogo entre lamparinas e lampiões?

A Casa de Caridade de Carangola teve como Gerente de Enfermagem o Enfermeiro Getúlio Gomes da Silva. Ele me contou que foi Atendente de Enfermagem em Teresópolis-RJ enquanto cursava Enfermagem na Faculdade Serra dos Órgãos. Um dado dia na rua acompanhado de sua deliciosa cerveja super gelada e com um sorriso tão peculiar me chamou no bar onde estava e em meio a nossa conversa relembrando os velhos tempos me disse:

- Meu jovem você é formado em História, não é?
- Sim.
- E a Enfermagem? Perguntou Getúlio.

- Foi um período de aprendizagem, mas creio que cumpri minha missão nos treze anos de profissão. Te confesso que não passo um dia de minha vida sem falar de algo sobre esses anos que passei pela profissão.

- Josias quem vai contar a nossa História? É preciso que alguém conte a nossa História.

Fui para casa e a insônia foi minha companheira naquela noite.

3 A CASA DE CARIDADE DE CARANGOLA-MG: A METÁFORA DOS LAMPIÕES COMO FORMA DE SE PRATICAR CUIDADO

Como eram as condições históricas em um hospital secular e como esses sujeitos que, por esta História perpassam, atuavam neste palco dos cuidados? São os lampiões! É uma Enfermagem dos pés descalços, de pés no chão, dos que alumiam e incandeiam, fora dos padrões da emblemática Lamparina de Florence Nightingale. Traçar este caminho lança luz sobre a face do cuidado e resplandece rostos até então na escuridão.

Esses lampiões pertencem a um contexto singular da prática dos cuidados. Para isso, se faz necessário resplandecer em historicidade a Casa de Caridade de Carangola-MG.

A presença de Virgínia Mascarenhas Nascimento Teixeira foi um farol na penumbra em que me encontrava inicialmente. Em de “Práticos a Enfermeiros: Os Caminhos da Enfermagem em Belo Horizonte 1897-1933”, Tese de Doutorado UFMG:

Por que não estudar o período pré-profissional da enfermagem? Será que não existe nada de novo em relação à enfermagem praticada anteriormente ao que foi estabelecido como profissão? Quais as dificuldades em seguir por esse caminho? (TEIXEIRA, 2012, p. 26).

Os profissionais da Enfermagem aprendiam o ofício basicamente na prática, nos cuidados com a vida. Muitos Atendentes de Enfermagem eram oriundos de outras áreas do cuidado humano que envolvem o cotidiano hospitalar. Pessoas que psicologicamente já estavam “acostumadas” com a dura realidade, rotina e sofrimento de um hospital. O que constituía uma fronteira para os “de fora”, pessoas que não faziam parte desta complexa realidade do cuidado. Essa moldura ainda está presente na memória hospitalar, pois muitos profissionais ainda na ativa são oriundos deste segmento e constituem relicários de uma geração com sua sabedoria e cuidados:

Ao sair da perspectiva da “história geral da enfermagem”, para o específico, o particular, acreditamos não apenas poder contribuir para um maior entendimento da construção da enfermagem em Minas Gerais, mas também para problematizar e enriquecer o debate em torno dessa profissionalização em Minas e no Brasil, contribuindo para a construção histórica desse processo. (TEIXEIRA, 2012, p. 27).

As singularidades desses lampiões são instigantes. O trabalho dos que inicialmente eram chamados de Enfermeiros e depois foram “segmentados” como Atendentes ou “Práticos” estimulam o estudo do cuidado também numa perspectiva regional. Há importância das especificidades locais e de novas pesquisas sobre este processo e modelos de cuidado:

[...]mas esse outro lado, o da enfermagem prática, precisa ser mais considerado, permitindo a ampliação das discussões no campo de sua história.” “... como ressalta Marques (2005), nas especificidades regionais, pistas muitas vezes desprezadas ou negligenciadas em abordagens gerais podem mostrar processos diversos aos já apresentados. (TEIXEIRA, 2012, p. 35).

O belo quadro emoldurado na Sala da Gerência da Enfermagem, na Instituição, com a clássica Lamparina de Florence, símbolo maior da Profissão, parecia ter luz. Na mesma parede, bem abaixo, ficava o quadro com um organograma dos profissionais da enfermagem. A maioria das pessoas até então, 1995, eram Atendentes de Enfermagem:

O treinamento e a atividade de cuidar de feridos e doentes já existiam antes de Florence Nightingale, porém sua forte personalidade, a visão e a habilidade prática para a organização conseguiram dar à enfermagem os poderosos fundamentos, os princípios técnicos e educacionais e a elevada ética que impulsionaram a profissão e criaram oportunidades impensáveis anteriormente. Por isso, ela constitui a figura dominante no desenvolvimento pleno da profissão de enfermagem (OGUISSO, CAMPOS, MOREIRA 2011, p.68).

A “Dama da Lâmpada”, figura controversa na História da Enfermagem é reverenciada mundialmente como precursora da Enfermagem Moderna e Científica. A sua trajetória é estudada intensamente por Historiadores, Enfermeiros e Biógrafos. Um grande marco em sua vida foi a sua decisão de participar da Guerra da Criméia na segunda metade do século XIX como Enfermeira voluntária e ao retornar para a Inglaterra se tornou uma referência inglesa nos cuidados e estudos sobre saúde. Em “O Legado de Florence Nightingale: Uma Viagem no Tempo”, a Enfermeira Florence “dá voz” ao silêncio daqueles que prestavam cuidados de Enfermagem:

A enfermagem para Nightingale, era uma arte que requeria treinamento organizado, prático e científico, ou seja, PROFSSIONAL: a enfermeira deveria ser uma pessoa capacitada a servir à medicina, à cirurgia e à higiene e não servir aos profissionais dessas áreas. O Grande mérito de Florence Nightingale foi dar voz ao silêncio daqueles que prestavam cuidados de enfermagem, que provavelmente não percebiam a importância dos rituais que seguiam, que já indicavam uma prática profissional organizada. É indiscutível sua ligação com a prática científica da Enfermagem. A orientação de diferentes ordens religiosas, a presença de virtudes na educação moral

dos enfermeiros, são justificadas para a representação social da enfermagem como profissão abnegada e altruísta (AMANTE, et al, 2005, p.3).

Como havia pouco treinamento formal para os enfermeiros à época, Florence Nightingale foi autodidata, principalmente no assunto pertinente a este tema: hospitalização e enfermagem. Ao aprender com a experiência, ao se dedicar aos estudos, ela pôde não só se estabelecer como uma respeitável enfermeira, mas também se tornou uma das primeiras especialistas no mundo em higiene e saneamentos públicos.

As famosas reflexões de Florence Nightingale sobre a Enfermagem vão além de sua popularização na Inglaterra ou da Enfermagem mundial. Florence estabeleceu um parâmetro de Enfermagem e tornou-se uma referência sobre o cuidado:

Escolhi os plantões, porque sei que o escuro da noite amedronta os enfermos. Escolhi estar presente na dor porque já estive muito perto do sofrimento. Escolhi servir ao próximo porque sei que todos nós um dia precisamos de ajuda. Escolhi o branco porque quero transmitir paz. Escolhi estudar métodos de trabalho porque os livros são fonte do saber. Escolhi ser enfermeira porque amo e respeito a vida! (AMANTE *et al*, 2005, p. 11).

A figura de Florence é amplamente debatida em termos de História da Enfermagem. É através de sua influência que se estabelece critérios morais e científicos para a Enfermagem que, para ela, se trata também de uma arte, “a mais bela das artes...”:

A enfermagem é uma arte; e para realizá-la como arte, requer uma devoção tão exclusiva, um preparo tão rigoroso, como a obra de qualquer pintor ou escultor; pois o que é tratar da tela morta ou do frio mármore comparado ao tratar do corpo vivo, o templo do espírito de Deus? É uma das artes, poder-se-ia dizer, a mais bela das artes... (AMANTE, *et al*, 2005, p.13).

Na concepção de Florence Nightingale a Enfermagem teria dois elementos fundamentais definidoras de um modelo de cuidado: a vocação e profissão. Estabeleceu-se, nesta dualidade de elementos, uma transposição do cuidado para além da mera vocação e/ou caridade cristã. O sentimento de religiosidade estaria assim atrelado ao pretérito no tocante aos cuidados e sua relação com o atendimento aos enfermos pela Enfermagem:

Para Florence, a Enfermagem era compreendida, tanto como vocação quanto como profissão, e os dois aspectos deviam estar unidos... O sentimento de religiosidade marcou parcialmente o ideário da enfermagem, principalmente quando se alia a este, àquelas qualidades desejadas, tanto para a religiosa quanto para a enfermeira, como

obediência, respeito à hierarquia e humildade (AMANTE *et al*, 2005, p.10).

É controversa entre autores sobre a vida de Florence e as suas ações no campo do gênero. Uma das vertentes a apresenta como feminista considerando-se que ela era uma mulher da chamada Era Vitoriana. A própria família não a queria como Enfermeira.

Outros estudos destoam desta perspectiva e relatam, por exemplo, a sua postura contrária à entrada de mulheres na Medicina. Outro aspecto notório em sua biografia foi a sua não participação no movimento *Womens's Suffrage Society*, importante para o voto feminino e direitos das mulheres, na sociedade inglesa (AMANTE,2005).

“O Legado de Florence Nightingale: Uma Viagem no Tempo” cita de maneira incisiva a bandeira de Nightingale. Penso ser importante tentar entender que, além de um legado, as pessoas também são fruto de seu tempo. Será que ao analisarmos o tempo dos chamados pioneiros, encarnamos uma perspectiva absolutizadora do tempo presente? Creio que seja necessário, no mínimo, cuidado e vigilância. Entre a educação e a profissionalização da Enfermagem existe uma mulher de seu tempo:

A educação e as pontes para uma enfermagem profissional é uma bandeira de Florence Nightingale. Ela defendia o ensino da enfermagem ligado à instituição hospitalar, e considerava o ideal da enfermagem uma vocação, que requeria dedicação exclusiva e árdua preparação (AMANTE *et al*, 2005, p.8)

Este estudo não tem o objetivo questionar a contribuição científica de Florence para a Enfermagem. O que é inquestionável. A figura dela é extremamente controversa e com inúmeros estudos publicados envolvendo sua biografia. As pesquisas e a relação da Enfermeira Florence envolvendo o sanitarismo, por exemplo, é bastante instigante:

[...] marco histórico mais relevante deu início na publicação do livro *Notes on nursing* (1869) onde teve o espírito irrequieto de criar e adicionar gráficos multicoloridos para exemplificar em síntese de poucas páginas gráficas o argumento de seu livro clamando à necessidade de se adotar medidas sanitárias nos hospitais de guerra demonstrando pelos gráficos os efeitos estatificados de salvar muito mais vidas dos feridos. O impacto de usar gráficos ilustrando o livro acabou invertendo a ordem de importância deles com o texto do livro pelo seu peso de alta comunicabilidade e por isso convencimento imediato da validade dos seus argumentos perante às autoridades reais com toda sua larga e variada ocupação. A partir desse marco histórico se iniciou a instalação de medidas sanitaristas como a *Royal Sanitary Commission* (Comissão Sanitária Real), difusão das práticas sanitárias nas escolas de saúde (AMANTE, *et al*, p. 10).

Abrir o campo das possibilidades da Enfermagem para além da clássica lamparina de Florence, com as especificidades regionais, faz-se necessário para a compreensão dos cuidados pelo mundo, saindo de uma perspectiva eurocêntrica e estudando múltiplos processos e possibilidades.

Paulo Mercadante em “Os Sertões do Leste. Estudo de uma Região: A Mata Mineira”, é um marco antropológico do homem da Mata e seu meio. O que abaixo transcrevo penso ser ímpar em termos de contribuição sobre a História do Cuidado na Zona da Mata. Mercadante descreve uma realidade específica invisibilizada atualmente onde não basta o não reconhecimento destas práticas. A ciência ainda os rotula como curandeirismo. Isso é mais que algo menor:

Mal crescera a comunidade, apareceu o bacharel. Muitas vezes é filho da região, de fazendeiro. Encontra rábulas itinerantes, de comarca a comarca, em longas distâncias, solicitando no crime. Monta banca, casa-se na terra, entra resoluto na política. O médico ora o segue, ora o precede, no arraial. Enfrenta o curandeiro, poderoso na Mata, misterioso e temido, respeitado pelos adultos. Preto velho, em geral, cuja ciência de bruxedo o afasta dos seres comuns. Vive distante da comunidade, em palhoças, quase sempre, pois a moeda só é recebida em casos especiais. A lamparina, ao longe, aclara a morada tosca, de banco apenas e fogão. Solitário, fuma o cachimbo e convive com animais, alimenta-se de ervas, reza e medita. A medicina é mistura de crenças africanas e conhecimento de branco, empírico e difuso. O curandeiro atende a todos, sem distinção, ao senhor e ao escravo. Benzem-lhe as mãos com igual fervor ricos e pobres. O olhar é arma dos milagres, que se projetam pelas distâncias. O simples toque no local dolorido, no braço imobilizado, as palavras sussurradas em estranho murmúrio, produzem no enfermo a tremura a desfazer o mal. Por quase um século, dominam o sertão. Chegam os doutores, mas eles permaneceram até a morte sem abalo do prestígio, tranquilos em face do adventício. (MERCADANTE, 1976 p.122)

A ancestralidade africana com sua sabedoria milenar contada e praticada principalmente pelos Pretos Velhos e Pretas Velhas com suas “lamparinas” foi com o transcorrer do tempo ligada à figura do chamado mal, do sombrio, numa metamorfose preconceituosa, maniqueísta atrelada e rotulada como coisas do diabo. Renegam e desconsideram os saberes e fazeres oriundos do continente mãe, de pessoas que tão bem acolheram os saberes nativos e dos imigrantes que em levadas migratórias sucessivas vinham para o Brasil. Mercadante mostra uma outra fisionomia do cuidado e precisamos repensar estas concepções tão arraigadas na sociedade brasileira atual.

Atendiam as pessoas sem distinção. Possuíam o conhecimento das ervas, das raízes, do cosmos, do sincretismo, da fé, do que afeta a alma, o espírito e a matéria dos seres humanos sem dividi-los em “partes de gente”:

Defronta-se o doutor com curandeiros, e até com as pretas velhas, aptas a tratamento de pequenos males, quebrantos e mau-olhado. A criança que facilmente se constipava ou que surgisse urticárias, furúnculos, cólicas, era benzida sete vezes seguidamente. Com linha e agulha, a preta indagava: - “Que coso?” Após a resposta do paciente: “-Carne quebrada, nervo torcido e osso desconjuntado”- Volvia a preta, cosendo em cima da contusão: “- Isso mesmo eu coso, em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo e da Virgem Maria”. (MERCADANTE, 1976, p. 123)

O cuidado nestas terras consideradas “Sertão” reveste-se historicamente de uma mestiçagem africana, indígena e com elementos do universo sagrado católico. As Pretas Benzedeiras eram cotidianamente procuradas para a cura dos males, realização de partos da população sem distinção dos considerados “ricos e pobres”. Em suas benzeções não havia um padrão, fôrma ou forma pré-estabelecida. Um conhecimento atrelado e conectado ao divinal e à natureza. Nesta natureza, o ser humano. As benzeções eram realizadas de diversas maneiras, conforme a sabedoria e sensibilidade nos contatos físicos e espirituais dos “benzíveis”³. Suas mãos tocaram durante séculos corpos e almas. Cosiam vidas:

Depoimentos de moradores de Carangola: Dr. José Garcia de Freitas, Jurema Cruz. “Recorda que a avó curava doenças. Toda vez que a menina tinha uma dor de cabeça, a dor voava. Contava-lhe como havia ervas que saravam qualquer doença, muitos vizinhos de Ubá visitavam a casa da avó para receber plantas para isto ou para aquilo”. Galhos secos vinham embrulhados à casa, postos em óleo e de leve batidos, enquanto se orava com mistério. E pretas ainda ajudavam nos doces, fazendo enfeite, mexendo goiabadas nos grandes tachos de cobre. Eram versáteis. Desde contadeiras de histórias até parteiras. Neste particular, a admissão do médico tornou-se difícil. Quase impossível: o mineiro da Mata não admitia que mão masculina lhe tocasse a esposa. Até a década de vinte, eram elas, as pretas, que chegavam para o serviço do parto e assistência à sinhá. Mas o doutor acabaria vencendo as desconfianças... (MERCADANTE, 1976, p.124).

³ A procura por Benzedeiras, Pretos Velhos, Pretas Velhas e Parteiras no contexto de época, era volumoso. Essas nomenclaturas também se fundem em possibilidades de múltiplos cuidados. No caso específico da relação das Benzedeiras com a sociedade, o respeito e apreço pelos seus conhecimentos, chamo esta população de “benzíveis”. Talvez, este neologismo, expresse o contingente populacional que de benzíveis poderiam se tornar naturalmente benzidos.

O cuidado na zona da Mata, mais especificamente em Carangola, remonta a inúmeras possibilidades: Benzedeiros, Parteiras, Caboclos, Pretos Velhos e Pretas Velhas e a figura do Bacharel. Uma “Enfermagem Mestiça”, bem distante de uma fisionomia bretã. O cuidado é historicamente mestiço. Existem inúmeras singularidades e entrecruzamentos. A mata da Mata vai sucumbindo e muito de suas estórias e História foram ao chão. Viraram carvão para alimentar fornos de locomotiva. Viraram vapor. De longe se ouve os apitos de trem, da capital, do capital, de mudanças paradigmáticas sócio-históricas produtoras de silenciamentos e invisibilização de sujeitos dos cuidados. E a concepção ancestral africana que valoriza o “Velho e Velha” não só em palavras, mas por todo um conjunto de vivências e saberes, para onde foi?

As transformações urbanas vão se agigantando. O contato direto com a Corte Imperial se deu com a chegada da linha férrea em 1887 à Carangola, como ponto final da Leopoldina Railway. A Mata é rasgada. Tropas de burros, mercadorias, pessoas vão para a cidade ao encontro de uma dimensão cronológica do apito do trem. O trem grita, Carangola se urbaniza. O trem apita, mais mercadoria chega ao entreposto comercial carangolense. Entretanto, inúmeras epidemias assolam a cidade drasticamente e a fazem “gritar” entre enfermos e mortos.

O saneamento público e os cuidados sanitários tornam-se necessários. O número dos chamados desvalidos aumentava conforme as mudanças urbanas na comunidade de Santa Luzia do Carangola.

O que até então era considerado os “Sertões” passa a ser redimensionado. Carangola é batizada com o título de “A Princesinha da Zona da Mata Mineira”. O progresso atrelado ao café e a uma incipiente industrialização faz da cidade “um berço de civilidade”. Um local de serviços e negócios para as Minas Gerais, Sul Capixaba e Noroeste Fluminense.

Nem todos eram “príncipes e princesas” por aqui. Para muitos tudo em “diminutivo” em termos de direitos e cidadania. A exclusão social brasileira também se faz presente na “Princesinha da Zona da Mata”.

Rogério Carelli escreve no Jornal Gazeta de Carangola, ano LXII, artigos sobre a origem da Casa de Caridade de Carangola:

Pouco tempo depois de iniciada a campanha pela fundação de um Hospital, Antônio Themudo através de seu Jornal “O Progressista” tornou a chamar a atenção da população desta cidade, para o fato de

estar ocorrendo outro fato semelhante ao início do movimento. Num artigo de 21 de maio de 1905, relatou que um ex-escravo, de nome Laureano Martins, sexagenário, já se encontrava há dois dias e duas noites, deitado sobre o capim que cobria a Praça Coronel Maximiano. Sendo o caminho da Matriz, todos passavam, se compadeciam, e não faziam nada. Por isso ele chamava a atenção do povo, no sentido de não deixar a campanha ficar em promessas e esquecimentos. Era necessário atender desde já, casos como aquele. (CARELLI, 1979, p. 2).

A Casa de Caridade nasce envolta num contexto social dos desprovidos de assistência e cuidados na cidade de Carangola e região. A necessidade embrionária é de uma “CASA DE CARIDADE”. Caridade que não envolve o valor da moeda. José Branco Júnior escreve sobre a insistência de Antônio Themudo, Jornalista de Carangola, sobre esta necessidade de Caridade e Cuidados:

A triste e dolorosa ocorrência foi habilmente explorada pelo jornalista Antônio Themudo, Diretor de “O Progressista” que, em sucessivos editoriais do seu conceituado semanário, exortou todas as classes do município a fundar uma Casa de Caridade para abrigar e socorrer os bastardos da sorte (JÚNIOR, 2007, p. 7).

A sociedade civil carangolense mobiliza-se. Inicia-se um processo para estabelecer na cidade um local de Caridade e Cuidados. O Presidente do Estado de Minas Gerais atende ao pedido da comunidade e o que até então era a “cadeia velha” vira um hospital, uma Casa de Caridade. Tantas coisas mudaram em Carangola e nesta instituição atualmente trabalham cerca de 600 funcionários e atende uma população de mais de 500.000 pessoas. O embrião:

Em 7 de maio de 1905, era publicado outro editorial, comunicando a notícia, que havia recebido informações de que o Dr. Francisco Salles, Presidente do Estado de Minas Gerais, estava intencionado a ceder o prédio, que tinha sido Cadeia Pública de 1890 até dezembro de 1904. Era uma casa baixa, que ficava situada na Praça Getúlio Vargas, na esquina com a ponte, onde é atualmente o prédio da Casa Lopes. (CARELLI, 1976, p.3)

Tarefa árdua de abnegados: observa-se as atuações políticas envolvendo o governo municipal e estadual para a construção de uma casa de caridade. A sociedade carangolense se transforma e cria-se um parâmetro civilizatório do urbano, da indústria, de uma cidade chamada de Princesa da Zona da Mata ligada em “linhas de ferro” à capital federal, Rio de Janeiro. Antônio Themudo e tantos outros percebem a necessidade de um lugar para a caridade em Carangola e região. A sociedade republicana, com sua

perspectiva de “modernidade” cria casas de caridade, mas não resolve problemas complexos deixados aos “sem nada” da lacunosa Lei Áurea monarquista. É uma sociedade repleta de miseráveis, com feridas tamanhas que mesmo de maneira improvisada recebe seu primeiro enfermo na “Casa”:

A adaptação da antiga cadeia pública para o Hospital foi um trabalho moroso. As grades das janelas foram retiradas, e substituídas por janelas de clarabóia. As dimensões do prédio permitiram apenas a instalação de duas enfermarias: uma para homens e outra para mulheres, com um banheiro para cada uma. Em salas acanhadas foram instaladas um gabinete cirúrgico, uma secretaria que funcionava também como Rouparia, um Vestíbulo de entrada, que dava acesso direto às enfermarias, um refeitório. Em outras minúsculas dependências foram instaladas a Cozinha e a Dispensa. Muito depois que foi possível anexar ao lado do Hospital, um cômodo para Necrotério. O hospital ainda estava em obras quando recebeu em fins de dezembro de 1906, seu primeiro doente. Um negro velho, portador de uma ferida enorme no rosto, e, encontrado numa casa em construção na rua 15 de Novembro (atual Pedro de Oliveira) ...Finalmente em fevereiro de 1907 ficaram concluídas as obras de adaptação da Cadeia em Hospital. (CARELLI, 1979, p.3)

Os chamados desprovidos de recursos procuravam a Casa de Caridade. Essas pessoas não possuíam dinheiro para pagar um serviço médico e serem atendidas em suas casas. Será que possuíam casas levando em consideração o contexto histórico? Os Médicos percorriam quilômetros para atender muitos enfermos em suas residências, mas isto era para poucos, geralmente “Senhores e Senhoras da sociedade”. A “ambulância” do pobre era o burro ou o carro de boi em estradas tão precárias quanto a saúde e condição financeira do doente:

Só procuravam o hospital quem não possuía recursos de qualquer outra natureza. Naquela época todos os tratamentos eram ministrados nas residências. Em casos extremos eram realizadas intervenções cirúrgicas na sala de curativos do hospital. Naqueles casos as mesmas eram realizadas por dois médicos, e um farmacêutico trabalhava como anestesista. A anestesia da época era ministrada por uma bomba manual de borracha, um pouco semelhante ao de barbeiros para aspergir água (CARELLI, 1979, p.3).

Carelli, em seus estudos, demonstra historicamente a Enfermagem Carangolense. Chamou-me atenção o fato de que os pioneiros desta História foram todos homens. O que destoa, por exemplo, do contexto proposto por Florence, quanto à figura da mulher na enfermagem. Os Lampiões, aqui apresentados, representam a especificidade do cuidado em termos locais. Todavia, é uma Enfermagem masculina que

marca a Casa de Caridade de sua fundação até a segunda década do século XX. Sobre a Enfermagem local:

O Enfermeiro (único a princípio) era o Sr. Xavier, que ao que tudo indica foi o que por mais tempo permaneceu ali. Houve outros, mas que serviam apenas alguns anos, e, depois deixaram o emprego. Estes primitivos enfermeiros tinham as origens mais incríveis possíveis. Um indivíduo de sobrenome Barros, por exemplo, chegou à Carangola como artista de uma companhia Teatral. Aqui adoeceu, sendo internado no hospital. Terminada a temporada, a companhia foi para outra cidade, deixando o doente em tratamento. Como os tratamentos da época eram demorados, o ex-artista, quando se restabeleceu, “virou” enfermeiro também (CARELLI, 1979, p.4).

O cuidado vai aos poucos, conforme abordaremos nesta Dissertação de Mestrado, ter inúmeras faces e fisionomias. Um mosaico. Neste multicolorido é salutar a presença dos Atendentes de Enfermagem. As populares Enfermeiras e Enfermeiros.

Ao iniciar o Mestrado na UFF/INFES, fui à Casa de Caridade de Carangola-MG, dialogar sobre a proposta inicial do projeto “Epistemologias e Invisibilização dos Atendentes de Enfermagem da CCC- MG”, e estreitar relações. Um funcionário, antes que eu explicasse a proposta e abrisse a pasta foi taxativo: “- Atendentes de Enfermagem não existem mais... Acabou!”. Respondi que realmente... Ele estava correto, mas era preciso ouvir um pouco mais a respeito da proposta. Disse-lhe de maneira sintética o objetivo da pesquisa. O semblante mudara. Perguntou-me: -Quem era esse primeiro enfermeiro? Levou-me até uma sala de fotos antigas e em meio a uma grande alegria do reencontro com amigos que há muitos anos não via, aponte e disse: - É este aqui! À porta, de braços cruzados. Este é o Enfermeiro Francisco Xavier. A foto é preta e branca, mas é possível observarmos sua roupa toda clara na instituição, cercado por crianças, no primeiro prédio em estilo colonial.

Dialogamos e saí daquele espaço hospitalar em reflexão.

A Casa de Caridade de Carangola está localizada bem no coração da cidade, ocupando uma área de aproximadamente 4.058m² e área de construção de 7.892,07m². Funcionando 24 horas por dia, com equipe multidisciplinar. Possui atualmente 578 funcionários. É referência como Hospital Estratégico pelo Ministério da Saúde e faz parte da Rede de Urgência/Emergência da Macro Sudeste de Minas Gerais, disponibilizando atendimento a uma população de aproximadamente 527.185 habitantes, que abrange 36 municípios, sendo uma média de 85% categoria SUS -

Sistema Único de Saúde. Em 2017 foram realizadas no Centro Cirúrgico 3147 cirurgias. Estes números são muito significativos, visto que Carangola é um município brasileiro no interior do estado de Minas Gerais, Região Sudeste do país. Ocupa uma área de 353,404 km² e sua população em 2017 era de 33.559 habitantes. A Casa de Caridade de Carangola possui atualmente 163 leitos – 10 leitos UTI adulto e 11 leitos UTI neonatal. O hospital passa por uma obra de 196m² de ampliação da UTI adulto, que vai dobrar o número de vagas. Entre os inúmeros serviços prestados destaca-se o de hemodinâmica, hemodiálise e a busca e captação de órgãos entre tantos outros. O hospital ampliará o número de vagas com a construção de um prédio de oito andares. Ofertando mais 61 leitos em Enfermarias e 12 Apartamentos. O Corpo Clínico é composto de 71 médicos, atuando em diversas especialidades. A Enfermagem possui 262 funcionários, sendo 32 Enfermeiros, 214 Técnicos em Enfermagem e 16 Auxiliares de Enfermagem. Conta também com profissionais nas áreas de Serviço Social, Nutrição, Fisioterapia, Fonoaudiologia, Psicologia, Segurança do Trabalho e, Assistência Religiosa, entre outros. A Instituição gera diversos empregos diretos e indiretos para Carangola e região. A Casa de Caridade é hoje uma das principais fontes de divisas para o município de Carangola. É uma instituição considerada filantrópica com uma forte gestão empresarial. Entretanto, toda esta estrutura teve uma gênese. Em mais de um século de existência, a Casa de Caridade de Carangola foi se transformando em uma potência para a cidade e região. Em pensar que ela nasceu de uma nota no Jornal O Progressista, de Antônio Themudo, que hoje é nome de uma pequena e bela rua de Carangola que liga com uma ponte a antiga “rua do alto, atual Pedro de Oliveira, à rua de baixo, Doutor Juarez Quintão Hosken”. Ela nasce com o objetivo de prestar Caridade, por uma necessidade humanitária e de dignidade humana envolvendo principalmente as pessoas miseráveis da época que se multiplicavam pela cidade e região e padeciam sem nenhum cuidado. Não havia o objetivo de lucro e sim de se criar uma “Casa”, com fins de “Caridade”.

Em um anexo da Casa de Caridade funciona a tradicional Sociedade Médica de Carangola, fundada em 1946, antes mesmo da respeitável AMMG- Associação Médica de Minas Gerais.

Existe em Carangola o Hospital Evangélico que passa por uma crise agônica sem precedentes. É uma instituição filantrópica fundada na década 70 do século passado, possui uma estrutura considerável e um histórico de serviços na área de saúde de grande

respeito. Tem um amplo espaço para construção, o que para a Casa de Caridade constitui um problema grave: a falta de espaço para ampliação. É público e notório, inclusive vinculado na imprensa, a situação calamitosa do hospital. Segundo relatos, o hospital estava por fechar. Houve uma greve dos funcionários por falta de pagamento. Depois de uma grande celeuma que apontava para o fechamento da instituição, com a movimentação da sociedade local e diálogo entre as partes foi definido que a Diretoria da Casa de Caridade assumiria o Hospital Evangélico com sua reinauguração no dia 05/02/18, o que é algo inédito para a História das duas instituições e para Carangola. Parece-me que aquela pequena nota no Jornal Progressista para fundação de uma Casa de Caridade tem tomado rumos outros.

O Cuidado envolve a Dignidade Humana e deveria perpassar por toda a existência, incluindo a morte. Eu vou morrer e você também. Não existe vida sem morte, por mais que isto seja desestabilizador do viver. As pessoas deveriam ter direito a viver e morrer com dignidade. Este aspecto é sublime e perturbador da existência. Adentrar à Casa de Caridade, em um estudo envolvendo os Cuidados, permite repensar as relações humanas. Vai-se além de um segmento de Enfermagem, hoje extinto.

Viver, adoecer e falecer era algo complexo para os menos favorecidos. A Enfermagem é a profissão que cuida da vida, do ser humano em seus momentos, inclusive da vida para a morte. Devido à precariedade estrutural, até os últimos momentos de existência, os cuidados com os menos favorecidos, era revestido de peculiaridades que nos levam a pensar sobre a figura de sujeitos que se revestem de amor, carinho, respeito e dignidade com o outro, de maneira ímpar. Não somente no trato em vida, mas com atitudes que revelam um modelo de cuidado onde a morte não sepulta a dignidade de uma vida. É um momento complementar digno e específico:

Quando falecia um doente, geralmente sem nenhum parente para dar alguma assistência, o enfermeiro Xavier, empregava os seguintes recursos para enterrar o indigente. O primeiro recurso era solicitar o carroceiro Beijo, para transportar o defunto em sua carroça. O segundo era chamar alguns rapazinhos da vizinhança para conduzir o féretro. Em último recurso era empregado o Delegado de Polícia. Notificava ao mesmo que necessitava de efetuar o enterro e aquela autoridade ordenava que 4 soldados da Força Pública providenciassem o mesmo (CARELLI, 1979, p.4).

Essa ressignificação traz à minha mente lampiões que incandescem! O desafio de redimensionar “o ser”. Sujeitos que se envolvem com outros sujeitos históricos que

numa teia complexa formam a tecitura do encontro, de um diálogo envolvendo os cuidados.

Minha memória volta à fotografia da Administração. Fotos eram momentos solenes. O que se passava na cabeça do Xavier, com seus braços cruzados, próximo da porta de entrada? O que movia aquele senhor de Bigode? Quem seriam as pessoas próximas a ele? Todos estão vestidos tão elegantemente como se fossem para uma festa. Alguns estão sem sapatos. Sapato era para poucos. Ter um sapato era um luxo. Pessoas dividiam um par de sapatos. E os cães à porta da casa? Quem foi o fotógrafo? Seriam as crianças da fotografia as mesmas que acompanhavam as pessoas pobres no cortejo fúnebre organizados por Xavier? Como era a relação das pessoas com este local que hoje está entre o extremo da felicidade do parto e para muitos um signo do medo e da morte? Estaria por ali o Beijo, Pimenta ou o Barros? Por que a distância entre alguns dos fotografados? Será que algum dos pacientes estaria por ali ou ficaram todos confinados? Qual a relação psicossocial daquelas pessoas entre o que era uma cadeia e virou uma Casa de Caridade?

A idealização da sociedade carangolense no início do século XX de uma “Casa de Caridade” é repleta de desafios colossais para se tornar uma realidade. Tais desafios eram cotidianos, envoltos em miséria e pobreza dos renegados pela História. Uma dura realidade social revelada por José Branco Júnior, em uma pequena cidade no interior de Minas Gerais:

Como enfermeiro, tinha na direção o mulato bexigoso de nome Pimenta e o velhinho Xavier, com franqueza era uma coisa pavorosa, o cheiro provocado pelo desinfetante “creolina” era enorme. Eram poucas as camas e alguns colchões pelo chão, em dois salões para homens e mulheres. Não havia quartos separados. Possuía sala de operação e os recursos que se utilizavam eram mais que escassos. Lembro-me dos médicos assistentes, o baiano bem escuro Dr. Arthur Marques de Oliveira, Dr. Torres, Dr. Aristóteles Dutra. Os médicos viajavam a cavalo pela região. Na residência de José Augusta Albuquerque, quase diariamente aparecia o velho enfermeiro Xavier queixando que não tinha alimento para os doentes, então mandava pegar galinhas no galinheiro, verduras e legumes na horta e ainda fornecia dinheiro do seu bolso para outras compras (JÚNIOR, 2007, p. 25).

Com o “progresso” da cidade, no início do século XX, é lançada a pedra fundamental do novo hospital, a Princesinha da Zona da Mata projetada para Carangola e região uma estrutura hospitalar a ser ampliada e redimensionada para atendimento dos

enfermos. Causou muita polêmica o lugar onde seria construída a nova Casa de Caridade:

Contra esta localização houve protestos de grande parte da população. O povo simples de então, raciocinava que seria assaz deprimente uma pessoa ser internada num Hospital construído num lugar que tinha sido cemitério. Julgavam que isto seria um fator de desânimo que poderia até apressar a morte do doente em face ao ambiente psicológico que cercava o local (CARELLI,1979, p.5).

A filantropia do cuidado era um traço fundamental do hospital em sua origem. A quantidade de atendimentos na Casa de Caridade aumentava significativamente e é instigante o número de atendimentos ambulatoriais, conforme relatório apresentado à Assembleia Geral de 11 de janeiro de 1920:

Mesmo assim, com instalações tão modestas durante o ano de 1919, apresentou um movimento, sendo internados 148 doentes, dos quais 22 faleceram, 110 tiveram alta e continuavam em tratamento 16, sendo 09 homens e 07 mulheres. No serviço de ambulatório, que o povo denominava “sala de banco”, devido os bancos de madeira ali existentes para os que aguardavam as consultas, havia registrado um atendimento de 137 enfermos, não carentes de internação. O serviço de Farmácia era feito sob um contrato entre a entidade, e a “Pharmácia Sta Izabel” (CARELLI, 1979, p.5).

No Gazeta de Carangola, Ano LXII nº 2667 de 21/07/1979, no 5º de uma série de artigos sobre a “História da Casa de Caridade” revela a criação municipal de um “imposto de caridade” e movimentos festivos na cidade para se obter fundos para a nova edificação hospitalar. A inauguração foi em 7 de setembro de 1924. A data emblemática nos remete à Independência do Brasil, em 1822. O local de construção do hospital redimensiona o espaço geográfico e psíquico, ao mesmo tempo que entrecruza o secular com o espiritual numa comunidade do interior:

O Cemitério era propriedade da Irmandade de Santa Luzia, sendo que ali existia ainda uma Capela de Sta Efigênia. Os túmulos estavam em completo abandono, em ruínas. O mato de trepadeiras cobria inteiramente a área. Para auxiliar a situação financeira do Hospital o Governo Municipal criou um imposto “de caridade” de 02 mil réis por contribuinte, em substituição a subvenção anual de 01 conto e 500 réis. Para aquisição de fundos destinados a construção do novo prédio foi realizado no jardim nos dias 10,11 e 12 de outubro de 1920 uma série de festividades” (CARELLI, 1979, p.5).

O hospital, para se manter aberto em momentos de crise, fazia parceria com a sociedade civil, principalmente com a Igreja Católica. O cuidado e a caridade como expressões humanas e religiosas envolvem a própria história do Cristianismo. Cristo

cuidou e por muitos foi cuidado. O cuidado torna divina nossa existência e redimensiona as relações humanas.

Um momento marcante na História da Casa de Caridade foi a vinda, em 1934, das Pequenas Irmãs da Divina Providência. Foram fundamentais para a concretização de um hospital com prestação de serviços interestadual. Organizadoras e angariadoras de fundos para que a instituição se mantivesse de portas abertas em períodos de crises agônicas. Eram respeitadas pelos cuidados enquanto caridade cristã, por serem hábeis e abnegadas na administração de Casas de Saúde. Eram potências em gestão e cuidados. A ação pedagógica das Irmãs entrelaça-se com a assistência da Enfermagem, com a Pedagogia dos Cuidados.

Atualmente, elas não estão mais presentes no hospital. Saíram segundo carta ofício de despedida em 2011 (gentilmente me concedida pela CCC), por motivos de “redução numérica dos membros da congregação, doença e envelhecimento”. Durante esta pesquisa fiquei surpreso pelo fato da fundadora das Pequenas Irmãs da Divina Providência, Madre Tereza Grilo Michel ter sido beatificada no Vaticano pelo Papa João Paulo II, por ocasião da exposição do Santo Sudário, em Turim, em 24 de maio de 1998.

Foi celebrada uma comovente cerimônia, na praça Vitério Vêneto. A praça estava tomada de gente até às margens do rio Pó. No ofício de despedida da casa relatam que a decisão não foi fácil para elas, pois “é aqui” que se realizou o milagre que a levou à Beatificação. Elas, por não quererem perder o vínculo com a instituição, combinaram com a Diocese de Caratinga a continuidade da assistência religiosa através de um Padre que passaria a atender a Casa de Caridade de Carangola.

Até então, nunca ouvi na cidade nada referente ao assunto da beatificação. Obtive a seguinte informação a respeito do milagre que beatificou a Madre Teresa Grillo Michel envolvendo os cuidados e a religiosidade:

Trata-se da cura de uma criança de 27 meses, Paulo Roberto de Araújo Porto, nascido em Ponte Alta, no Município de Carangola, estado de Minas Gerais, diocese brasileira de Caratinga, no dia 8 de agosto de 1962. Desde o nascimento, Paulo Roberto é “um menino magro, desnutrido, portador de raquitismo e de helmintíase”. No dia primeiro de novembro de 1964, a criança está morrendo por intoxicação aguda causada por remédio. Ingeriu uma forte quantidade de um medicamento que sua irmãzinha Maria Luiza, dominada por tosse convulsiva, devia tomar em pequenos goles. A quantidade ingerida constitui para o pequeno um poderoso veneno. No hospital onde é atendido em condições desesperadoras, Irmã Maria Georgina Campos

e Irmã Maria Armida Golcher, religiosas da Divina Providência, tomam a iniciativa de rezar à Madre Teresa pela salvação do menino e decidem colocar sobre o corpo do pequeno uma relíquia da Madre (“uma partícula da veste”). O agonizante Paulo Roberto tem uma imediata melhora e se recupera rapidamente. Os médicos e os enfermeiros admitem imediatamente que se trata de um milagre, não conseguindo explicar cientificamente aquilo que tinham visto com os próprios olhos. Depois de um atento exame, a Igreja também reconhece a veracidade do milagre realizado por Madre Teresa” (ALVAREZ, 2004, p.104).

Sobre o processo de beatificação, “depois da morte de Madre Teresa Grillo, a sua fama de santidade não cessa de aumentar”. Em 1953 é aberto o “processo informativo”, em Alessandria, Itália, terra natal da Madre, primeiro passo para a canonização. Em 1963, inicia-se o processo apostólico. Em 1985, João Paulo II decreta a heroicidade das virtudes, declarando-a venerável. No dia 18 de dezembro de 1997, o Papa aprova o decreto para a sua elevação às honras dos altares, reconhecendo o milagre que abre as portas para a beatificação (ALVARES, 2004). Paulo Roberto fora recebido no Vaticano pelo Papa João Paulo II.

Quando comecei a trabalhar na Casa de Caridade, as Irmãs cuidavam do universo espiritual, da Higienização e Lavanderia. Depois de algum tempo esses setores também deixaram de ser administrados por elas. O número de Irmãs foi diminuindo. Era recorrente os relatos de “outros tempos”, um período de nobreza e de abnegação nos cuidados. De uma gestão e administração que zelava do secular e espiritual. Isto se consolidou no material gravado com os seis Atendentes de Enfermagem, fonte principal para a escrita de *Chronus*. “-Eram outros tempos!” Observei também a diferença da ação Pedagógica dos Médicos em relação à Enfermagem. Os Médicos mais “antigos”, geralmente, são citados por sua Caridade e companheirismo. Nos dois casos, Irmãs e Médicos, por tratar-se de seres humanos, os relatos de problemas e conflitos são pontuados no trato interpessoal profissional. Nas falas sobre as Irmãs é nítido e recorrente que elas estavam cuidando o tempo inteiro. Não era um “vai cuidar que eu estou vendo” ou “vai cuidar e qualquer coisa me fale”. Elas cuidavam. Transpareceu-me um elo de confiança em termos de cuidado entre Irmãs de Caridade, Enfermagem, Médicos e Pacientes. Majoritariamente os diálogos nos remetem a um cuidado encarnado em caridade cotidiana.

Esta Dissertação não é para defender que os tempos de outrora foram melhores. Cada tempo possui suas características e peculiaridades. Não se trata de um estudo

dicotômico. Ouvimos pessoas que relataram suas vivências, percepções, dores, aflições, alegrias, contradições, mágoas, saudades e esperanças. Um tempo específico que, assim como o tempo presente, precisa ser respeitado em suas singularidades e com eles pode-se aprender.

Não ouvir e reconhecer as vivências, práticas e saberes de outrora pode estabelecer um processo de arrogância que não reconhece no presente uma trajetória que pertence a toda a humanidade. Não é uma nostalgia, mas uma aprendizagem! Aprendi com uma sábia que não se faz memória para recuperar o passado, mas alargar o presente.

O hospital redimensionado passou a atender, na década de 30, com as Pequenas Irmãs da Divina Providência, Médicos e Funcionários uma ampla região que foi muito além das primeiras subscrições dos até então Distritos que pertenciam à Carangola. A vinda delas para a Casa de Caridade, já na colina do antigo cemitério, foi fundamental para assistência de milhares de pessoas.

É nesse contexto que estão inseridos os Atendentes de Enfermagem que, durante vinte e quatro horas do dia e noite, velavam e cuidavam dos enfermos. Foram décadas de atendimento. Todo um quadro histórico da área de saúde é delineado por esses profissionais que ainda estão vivos quer fisicamente e/ou na memória Carangolense, sob a lembrança de “Enfermeiros(as)”. Muitos foram esquecidos ou estão “nas paredes de um quadro” *invisibilizados* (SANTOS, 2009a).

Esta dissertação tem, como artéria, a relação dos cuidados de enfermagem na Casa de Caridade de Carangola – MG realizada, durante longos anos, pelos chamados Atendentes de Enfermagem – pessoas que foram aprendendo a arte de cuidar na lida do próprio cotidiano do cuidado. Os escritos aqui presentes expressam um pouco sobre os Atendentes de Enfermagem, com suas práticas epistemológicas fundamentais para a História do Cuidado na Instituição e em todo o território nacional, pois o que ocorreu na pequena cidade de Carangola, ocorreu em maior ou menor grau em todo o país. Sem a presença dos Atendentes de Enfermagem nada funcionaria na instituição.

Uma sábia me contou que estas memórias é uma forma de restaurar o mundo na capacidade cognitiva que ele tem, de saberes que ele produz e que não são da Academia essencialmente. É uma forma de fazer justiça epistêmica, condição para uma justiça social.

Santos (2004;2009a), com sua *Sociologia das Ausências*⁴, inspira-me a perceber como, a partir de um determinado momento histórico houve a *invisibilização*⁵ deste segmento, com um conseqüente *epistemicídio*⁶ ocorrido pela exigência de diploma escolar de Nível Fundamental para o ingresso dos profissionais no Curso de Auxiliar de Enfermagem, ou Nível Médio para Técnico. A Legislação leva em conta os conteúdos teóricos, considerados inexistentes, mas não leva em consideração a práxis⁷ construída por estes profissionais.

⁴ Santos em sua obra “Para uma Sociologia das Ausências e uma Sociologia das Emergências” escreve sobre a monocultura do saber científico e, em termos sociais, suas conseqüências: a produção das ausências no mundo resultando em desperdício de experiência social mundial. A epistemologia dita científica foi posta como a válida, infalível e universal. Os outros conhecimentos foram marginalizados e rotulados como “não científico”. O autor expõe que a Sociologia das Ausências é necessariamente “transgressiva” e que “ausências podem se tornar em presenças”.

⁵ O padrão dito científico produz seus efeitos e um deles pode ser a invisibilização. Qualquer episteme que se afaste do padrão cientificista corre o risco de ser ignorado ou visto como algo menor, ou mais que menor, numa invisibilização de sujeitos que não se encaixam neste modelo excludente padronizado cognitivo e social. O conhecimento científico pauta-se na relação sujeito/objeto. Não há possibilidade de diálogos, visto que é um processo colonizador Santos em sua obra “Para uma Sociologia das Ausências e uma Sociologia das Emergências” escreve sobre a monocultura do saber científico e, em termos sociais, suas conseqüências: a produção das ausências no mundo resultando em desperdício de experiência social mundial, mesquinho, arrogante e de extrema violência. A invisibilização envolve toda uma complexidade da sociedade contemporânea global. Faz-se necessário uma democracia epistemológica humana que crie caminhos e possibilidades outras como a relação sujeito/sujeito.

⁶ A marginalização de saberes e atores sociais tem como esteio a lógica colonialista, hegemônica, produtora da morte dos conhecimentos alternativos ou epistemicida. A epistemologia dominante não aceita, não abre espaço para outras epistemes e práticas sociais que não estejam ao seu serviço. Com isto, acarreta o que Santos chama de desperdício de experiência. Produzem não-existência, ausências, subalternidades e silenciamentos cognitivos e sociais.

⁷ Refiro-me ao que entendo do conceito básico da Filosofia de Karl Marx para a transformação material da realidade. A práxis é a base, o fundamento da teoria. A teoria deve estar incluída na práxis. Ela seria os instrumentos em ação que determinam as transformações das estruturas sociais. É a lida cotidiana desses sujeitos que penso ser a práxis.

Esses saberes e fazeres que ensinam passaram por um processo de deslegitimação jurídica e o legado desse segmento extinto cristalizou-se como *produção de não-existência*⁸.

Esses sujeitos passaram a ser submetidos a uma dura realidade, através da Lei do Exercício Profissional. A Lei 7.498/86 que estabeleceu a “profissionalização” de toda a Enfermagem previa que o segmento de Atendentes de Enfermagem seria extinto. Desta maneira, pessoas sem grau de escolaridade, com anos de dedicação à profissão, deveriam ingressar em cursos para formação de Auxiliares e Técnicos, seguindo, assim, a literalidade da lei. O dilema é que a maioria possuía baixo nível de escolaridade e começa uma *via crucis* para obter os diplomas de Ensino Fundamental. Pelo Brasil e no caso em tela, Carangola, instalou-se para toda região em 1996 o Curso de Auxiliar de Enfermagem pelo PROFAE (Programa de Formação de Auxiliares de Enfermagem) e, posteriormente, o de Técnico em Enfermagem, gratuitos, financiados pelo Governo Federal. Não havendo até então em Carangola um curso de iniciativa privada em funcionamento.

3.1 Quem eram os atendentes de enfermagem?

Composto principalmente por pessoas de origem economicamente pobre, negros, mulheres e outras pessoas com outras orientações sexuais, muitos deles vinham de outras atividades profissionais. Muitos viam na Enfermagem a perspectiva do cuidado numa opção de vida, noutros uma mudança do *status quo*.

Os Atendentes de Enfermagem, geralmente, iniciavam sua vida profissional dentro do próprio Hospital, como Faxineiros, Cozinheiras ou Copeiras e estavam, *a priori*, psicologicamente ambientados com a dura realidade de um Hospital, fronteira esta que deveria ser ultrapassada “pelos de fora”.

Vestiam-se de branco e eram evocados como Enfermeiros. O tornar-se Enfermeiro se concretizava de maneira gradual: aprendendo aos poucos a dar banho de

⁸ É necessário uma Sociologia das Ausências e uma Sociologia das Emergências como ensina Santos. Uma crítica à razão indolente. O resultado da produção de não-existência é a subtração do mundo, a contração do presente e o desperdício de experiências.

aspersão e banho de leito; auxiliar e estimular a alimentação; fazer curativos; puncionar veias para administrar soros ou medicações venosas; fazer injeções intramusculares; aferir sinais vitais (pressão, pulsação, respiração e temperatura); levar pacientes para fazer exames como radiografia e ultrassonografia.

Viviam e aprendiam no cotidiano hospitalar.

Chegavam a níveis práticos como passar sondas nasogástricas e vesicais: o que compete hoje ao Enfermeiro e, em sua ausência, ao Técnico em Enfermagem; cuidar da papeteleta e prontuários médicos na coordenação dos serviços; cuidar das ministrações de medicações gerais nas clínicas médicas, cirúrgicas Pediatria e isolamento; auxiliar em pequenas cirurgias ambulatoriais ou na própria clínica (dissecção de veia, subclávia, debridamento, etc.); fazer partos; instrumentar cirurgias e tudo que envolve a Enfermagem em sua relação com o Enfermo.

Executavam até mesmo o que hoje está delimitado como atividade médica: desbridamentos, suturas, episiotomia em partos. Uma vez aprendido o ofício, o Enfermeiro representava um investimento humano e profissional para a instituição. O cuidado hospitalar não funcionaria sem este segmento. A Enfermagem foi se modificando. Quando iniciei minha vida profissional, a nomeação “Enfermeira”, entre nós, Atendentes, era proibida na presença das Enfermeiras Graduadas. A palavra tinha a quem de Direito: as Enfermeiras chamadas em sua ausência de “Supervisoras”. Esta expressão longe delas era muito utilizada. As Atendentes de Enfermagem falavam da “falta de prática” e de uma formação acadêmica, que não dava conta das demandas do cuidado cotidiano

Entretanto, as “Enfermeiras” passaram a ocupar um espaço que até então era das Irmãs de Caridade e possuíam outra visão a respeito da realidade vivida. Eram poucas “enfermeiras para supervisionar todo o hospital”. O primeiro “Enfermeiro” da casa que assumiu a Gerência da Enfermagem, durante anos, foi Getúlio Gomes da Silva. A nomeação dada pelo paciente para aqueles que não possuíam um Diploma Universitário, mas vestiam o branco e lidavam com o cuidado diretamente com os enfermos era de “Enfermeira”. Creio que esta “celeuma” aos poucos foi sendo “sublimada”, visto que, nas cidades da região começaram a surgir cursos de graduação em Enfermagem.

Penso que a expressão *enfermeiro* e *enfermeira* perpassa por esse contexto complexo de transformações da Enfermagem. Em *Chronus*, capítulo desta Dissertação, esta “contradição” se faz presente, assim como na realidade pretérita da Enfermagem na instituição. Penso que a expressão “Enfermeiros Práticos” também não seja ideal. Pelo contrário, expressa uma visão atual acerca de um tempo pretérito específico que não consultou os Sujeitos envolvidos nesta História.

Durante a escrita desta dissertação alguns encontros cotidianos me fizeram refletir sobre esta celeuma. Citarei dois episódios. Conversei com uma amiga que se graduou em Enfermagem. Ela era Auxiliar e depois fez Técnico. Quando fui falar na figura de Francisco Xavier como Enfermeiro, isto em 1907, devido seu pioneirismo, ela me perguntou no meio da praça central da cidade: “- Ele era formado?”. Tão somente ouvi. Da mesma maneira que me recordo que após a implantação das primeiras Faculdades Particulares na região, alguns Enfermeiros passaram a questionar o termo Doutor para o Médico e ouvi coisas do tipo: “Se ele pode, eu também posso. Também estudei e sou Doutora!”

Outro episódio envolveu o pequeno Josias Teodoro Guedes Filho. Ao passear com meu filho pelo calçadão da Rua Pedro de Oliveira, centro da cidade, encontrei-me com uma grande amiga da Enfermagem. Ela iniciou na carreira e trabalhamos juntos no Centro Cirúrgico. Ingressou como Técnica e passamos para ela a nossa prática, em nossa lida cotidiana. Graduou-se em Enfermagem. Especializou-se em Enfermagem e Obstetrícia. Ao “apresentar” Josias Filho para a companheira e amiga disse:

- Meu filho, ela te ajudou a chegar ao mundo! Ela fez o seu parto, ela é “Enfermeira Parteira”.

Ela sorriu e agradeceu. Entretanto, deixou claro que não era “parteira”. Entendi que para ela a expressão verbalizada era “algo menor”. E isto me deixou um pouco triste e a pensar, enquanto historiador, sobre a importância da história da enfermagem local. Saberá ela da existência e presença do Hábito no setor de Maternidade da Casa de Caridade dias e noites ininterruptos na figura da Irmã de Caridade Parteira? E as “Enfermeiras Atendentes de Enfermagem”, que tantas vidas receberam naquele setor, mesmo sem a presença dos grandes nomes da obstetrícia Carangolense? Teria conhecimento das Parteias e a dimensão deste saber na História da Saúde? Seria o cartesianismo em sua fisionomia maniqueísta? Uma arrogância científica? O meu pensamento sobre ser Parteira era bem diferente do dela, apesar do meu anacronismo.

Hoje na instituição, no Setor Maternidade, o “enfermeiro obstetra” está presente em cuidados durante 24 horas. As hiperespecializações estão cada vez mais presentes nas profissões e na Enfermagem isso não é diferente. São eles e elas que fazem os partos com ou sem o Médico Obstetra. A presença de homens no cuidado através da figura do “Enfermeiro” na Maternidade é recente e histórico. Homens na Enfermagem não eram aceitos em setores como Maternidade, Berçário e Pediatria.

Lembro-me que em cirurgias ginecológicas a minha figura como Instrumentador inicialmente não era bem-vinda no Centro Cirúrgico, depois tornou-se algo natural. Com o tempo, quando verificavam a listagem de instrumentação e o nome era de um homem para instrumentar uma cirurgia ginecológica, não havia mais questionamentos.

O cotidiano dialético dos Atendentes de Enfermagem de “aprender, saber, fazer” voltados para uma realidade de experiência e atrelados a um contexto sócio-histórico específico passou por um processo de mudanças paradigmáticas.

Os cursos de Auxiliar e Técnico em Enfermagem do Governo Federal e, posteriormente, os ofertados por cursos particulares para adequação à nova realidade legalmente instituída, revelava uma nova “proposta imposta” e era também sustentada por um discurso de adequação científica que, supostamente, reverteria entre outras questões, todo o legado de subalternidade dos profissionais de Enfermagem na História da Saúde sob a tutela do Enfermeiro diplomado a exemplo da Medicina, nem que para isso fosse provocado um *desperdício de experiência* (SANTOS, 2009b, p.30) para os que não tivessem o mínimo de estudo para se tornar um Auxiliar ou Técnico.

3.2 A voz de sujeitos invisibilizados

A leitura de Santos, em Epistemologias do Sul: “Não há, pois, conhecimento sem práticas e actores sociais” (SANTOS, 2009a, p.8), inspirou-me a ter uma visão contra hegemônica da Enfermagem. Minha orientadora utiliza um verbo que aprendeu, com uma querida professora no doutorado: “Cascavilhar!” Eu, então, comecei a fazer isso, a partir de Santos: cascavilhar! Termo usado em uma de suas fenomenais aulas de Epistemologia, no Mestrado em Ensino. Por *cascavilhar* entendo um processo de busca longo e árduo! Por vezes pensei que nada obteria em termos acadêmicos e era para esquecer o que me movia. Três anos de pesquisa e, no penúltimo processo seletivo, guardei todo o material no guarda-roupas e passei por um processo de luto acadêmico. Mas tudo pode mudar

quando encontramos pessoas com visão epistemológica em uma instituição, com o potencial da UFF/INFES, quando submeti a proposta no Mestrado em Ensino, na linha Epistemologias e Práticas Instituintes.

Esses “*sujeitos obscuros*”, excluídos pelo “*paradigma dominante*” expressões de Santos (2004, p.60), constituíram, como aqui expusemos, a força motriz do atendimento de saúde de uma grande área da Zona da Mata Mineira, Sul Capixaba e Noroeste Fluminense, durante décadas.

Saberes e fazeres que nos ensinam, que nos tocam o coração por estarmos tratando de seres humanos que cuidavam de outros seres humanos. Essas memórias produzidas como *não-existência* - onde “nesta forma de conhecimento a ignorância é o colonialismo e o colonialismo é o não reconhecimento do outro como sujeito” (SANTOS, 2009a, p.30) - da enfermagem demonstram que existe um campo de pesquisa para uma *Pedagogia das Ausências na Saúde*. Essas memórias não são somente dos Atendentes de Enfermagem, pois reproduziria ausências. As narrativas aqui presentes são fazeres e saberes singulares. É sobre o cuidado. Um cuidado que perpassa toda a nossa existência enquanto seres humanos em nossas opções, mas no caso da Enfermagem, é uma espécie de *Sul*, como nos lembra Santos, como campo de desafios epistêmicos (SANTOS, 2009a, p. 12). O modelo de cuidado hoje e seus saberes são referendados pela titulação: mas como se exerciam tais funções, quando não existia a titulação no horizonte das formações?

Uma Saúde das *ausências*. Um modelo de saúde integral, outro modelo de cuidado, outras versões sobre o adoecimento, a vida e a morte. Aquela Casa de Caridade constitui a arqueologia de um modelo presente, que se ancora em outros paradigmas. A academia aprende com essas figuras que se dedicaram em dias e noites inumeráveis em uma poesia contra as misérias do cotidiano, em trajetórias de esperança, lágrimas, alegrias, tudo o que tateia a vida de pé descalço. A vida ensina e legitima. No esquecimento, o ser vira objeto para o capitalismo. A enfermagem aqui não é objeto de estudo, mas o sujeito, como nos ensina Santos. É a vida que sempre ensina. Sim, a vida ensina e a academia, quando se abre, também aprende.

Em “Saber Cuidar”, Ética do Humano e Compaixão pela Terra, percebe-se a nobreza do Cuidado como dimensão ontológica e constituinte do ser. O “modo-de-ser

cuidado” transpõe o individualismo tão presente na sociedade chamada moderna. Levamos ao desafio de pensar sobre o cuidado de uma maneira holística:

O cuidado não se opõe ao trabalho mas lhe confere uma tonalidade diferente. Pelo cuidado não vemos a natureza e tudo que nela existe como objetos. A relação não é sujeito-objeto, mas sujeito-sujeito. Experimentamos os seres como sujeitos, como valores, como símbolos que remetem a uma Realidade Total. A natureza não é muda. Fala e evoca. Emite mensagens de grandeza, beleza, perplexidade e força. O ser humano pode escutar e interpretar estes sinais. Coloca-se ao pé das coisas, junto delas e a elas sente-se unido. Não existe, co-existe com todos os outros. A relação não é de domínio sobre, mas de convivência. Não é pura intervenção, mas inter-ação e comunhão (BOFF, 1999, p.95).

Nesse riacho, nosso caminhar não se pretende uma denúncia de produção de não-existência do caso genérico dos Atendentes de Enfermagem. E nem se pretende ser uma exaltação ao passado. Muito menos uma homenagem. Mas muito se ganha em termos de humanidade quando se dá visibilidade a essa *enfermagem de igarapés!*

Dar visibilidade ao Cuidado demonstra a evolução do Homo Sapiens Sapiens. Os nossos semelhantes são, também, as árvores, os pássaros, os animais, as águas, a terra e tudo o que nos acolhe e por nós é acolhido, tomando a dimensão de um “útero acolhedor de todos”:

Representam também o modo de ser mãe, as educadoras e os educadores que se devotam ao crescimento humano, mental e espiritual dos educandos, as enfermeiras que cuidam dos seus doentes e tantas outras pessoas que anonimamente se desvelam no cuidado de alguém (BOFF, 1999, p.167).

Este elo entre Ensino, Memória e Enfermagem, irmanados pela categoria de Cuidado que nos apresenta Boff, fez-me refletir sobre as dimensões do “saber cuidar” atrelado ao carinho.

Com palavras e ações de cura:

Jesus de Nazaré, ao lado de Buda, é uma das figuras religiosas que mais encarna o modo-se-ser-cuidado. Revelou à humanidade o Deus-cuidado experimentando Deus como Pai e Mãe divinos que cuida de cada cabelo de nossa cabeça, da comida dos pássaros, do sol e da chuva para todos... Teve cuidado com a vida integral (BOFF, 1999, p.168).

E são muitas as questões que me povoam e permanecem como interrogações: o que a vida perde quando a ciência silencia realidades como a dos Atendentes de

Enfermagem? O que a vida perde quando os confina a um segmento extinto por força de lei, sem titulação, aparentemente sem memória e “menores”?

A Narrativa presente, via “Chronus”, é uma possibilidade de “bagunçar” o campo *das não-existências* (SANTOS, 2004). Aqui se busca seres humanos como potência e não como um mero fato passado. São referências em saúde, em cuidado. A *canoas* epistemológica vai até esse lugar histórico repleto de pessoas que por aqui passaram e foram modelos na arte de cuidar.

Memória, narrativa e ensino se abraçam. E por isso afluem de mim e em mim narrativas em forma de “crônicas” autorais e autobiográficas e, num panapaná migratório, nuvens de borboletas voam, trazendo possibilidades de escrita. Memória, narrativa e ensino se abraçam. E por isso afluem de mim e em mim narrativas em forma de crônicas. Nadei juntamente com Santos em busca de um *pensamento pós-abissal*⁹, e na *Ecologia dos Saberes*¹⁰ (SANTOS, 2009a), para sair da única epistemologia dita viável que é a científica, e se pretende geral.

Se conhecer é objetivar, aqui vamos subjetivar, levados pela Ecologia dos Saberes, porque Santos me levou ao reconhecimento da diversidade epistemológica e

⁹ Segundo Boaventura de Sousa Santos “o pensamento moderno ocidental é um pensamento abissal” (SANTOS, 2009a, p. 23). O conhecimento estaria sob a tutela da ciência. Ela diz o que é verdade ou não, pois é universalmente científica e comprovável. O monopólio do saber não permite outros saberes ou conhecimentos alternativos. Segundo Sousa existem dois universos distintos e invisíveis: o universo “deste lado da linha”, do científico e o do “outro lado da linha” produzido como inexistente, incompreensível e irrelevante. O pensamento pós-abissal reconhece a diversidade epistemológica, cognitiva e “sócio-humanística”. Reconhece a pluralidade das diversas formas de conhecimentos, de saberes, fazeres e vivências. Não caberia a palavra subjugar nem ações de domínio “deste lado da linha” se houvesse o reconhecimento de que o “outro lado da linha” também tem a sua episteme. O “outro lado da linha” não quer o desmonte do “deste lado da linha”. Todos tem o seu valor epistemológico num diálogo entre saberes. São todos saberes onde não deveria existir lado de linha.

¹⁰ A ecologia de saberes é o diálogo entre os saberes, uma possibilidade epistêmica fora da lógica da monocultura do saber e rigor científico. Para tal é necessário o questionamento dos rigores da razão metonímica. O domínio do chamado científico, forjado pela razão metonímica “obcecada pela ideia da totalidade sob a forma da ordem”. “Não há compreensão nem ação que não seja referida a um todo e o todo tem absoluta primazia sobre cada uma das partes que a compõem” (SANTOS, 2004, p.241). Daí a importância da sociologia das ausências de Santos que substitui “a monocultura do saber científico por uma ecologia de saberes”. A ditadura colonizadora do chamado científico poderia ser superada, mas o autor vai além, pois não se trata de uma alternativa que leva em consideração o contexto e as práticas onde são tomadas: “a ideia de alternativa pressupõe a ideia de normalidade e esta, a ideia de norma pelo que, sem mais especificações, a designação de algo como alternativo tem uma conotação latente de subalternidade”(SANTOS, 2004, p.250). Assim, a sociologia das ausências é de suma importância para a ecologia dos saberes: “não há ignorância em geral nem saber em geral. Toda ignorância é ignorante de um certo saber e todo o saber é a superação de uma ignorância particular”, assim ensina o mestre Santos.

pretendo navegar para além, para o outro lado da linha, e ali brindarmos o saber que outrora ficou como inexistente ou irrelevante.

“Navegar é preciso”, mas neste mar-oceano nem todo conhecimento e nem a ciência dão conta da completude. Caso contrário, não seriam oceanos. Aqui, não quero utopicamente fazer algo completo, nem penso que todos vão gostar. Aprendi a lidar com a importância e necessidade da incompletude. Não vou desqualificar minhas ignorâncias porque todo mundo fala de “certezas”. Espero que este trabalho nos afaste do egocentrismo da completude. As pessoas aqui são sujeitos de carne e osso, em suas alegrias e dores, e cada sujeito se torna um oceano. O coração do ser humano é um oceano... nele existem inúmeros “relevos possibilidades” que ultrapassam a limitação mediana da não-existência. Não seria diferente com o ser humano que cuida de vidas.

Na perspectiva da História Tradicional, o paradigma estanque da produção histórica estaria atrelado aos documentos oficiais. Durante um longo período, só seria histórico os registros oficiais, com sua lente única, produtora de datas, fatos e nomes de reis e rainhas, por exemplo. As “crônicas” e “narrativas populares” não teriam historicidade. Cria-se um monopólio da História “vista por cima”.

Neste trabalho, se prevalecesse a visão tradicional da História, os sujeitos aqui apresentados não teriam espaço, não teriam vez. Seriam negligenciados. É com a Nova História e todo seu potencial interdisciplinar, intimamente interligada a heteroglossia (uso de vários pontos de vista sobre o mesmo assunto), que este trabalho obteve amparo: “A História vista de baixo ajuda a convencer aqueles que nós, nascidos sem colheres de prata em nossas bocas, de que temos um passado, de que viemos de algum lugar (BURKE, 1992, p.70).

A História, “vista por baixo”, considera a opinião das pessoas comuns sobre seu próprio passado, reintegrando grupos sociais que pensavam ter “perdido” sua história, ou que nem tinham conhecimento da mesma. As pessoas empobrecidas por um sistema nefasto de exploração passam a ser sujeitos de História com um passado, presente e futuro.

A História é como a vida, construída de vários problemas que se misturam e que possuem aspectos múltiplos e diversos, não podendo estar limitada a apenas um tipo de tema ou abordagem.

Gostaria de trazer aqui as sábias palavras de Yara Aun Khoury, na apresentação de Ensaios de História Oral, de Portelli:

Na conjuntura globalizada que vivemos, em que contingentes cada vez mais numerosos da população vivem processos de desarticulação e de desenraizamento de modos culturais de viver, de trabalhar, de se socializar, a história oral tem se constituído numa prática significativa, alcançando maior reconhecimento em ambientes acadêmicos, profissionais e militantes e uma dimensão pública mais ampla. Praticada nesses ambientes como metodologia de investigação social, ou como área de conhecimento, e/ou como instrumento de luta política, ela tem gerado trabalhos ricos e variados, visibilizando sujeitos e lugares ocultados e silenciados por esses processos, trazendo novas questões para o debate (PORTELLI, 2010, p.7).

Onde ficou esse passado, esse lugar epistêmico entre a memória, a História, o Cuidado e o Ensino da Enfermagem e da Vida?

Espero, nesta pesquisa, e com a voz dos sujeitos aqui envolvidos, contribuir no avanço de uma proposta epistemológica, de seres potentes, contra a cultura indolente do absolutismo científico - que faz da diferença uma subalternidade produtora, o que Santos chama de epistemicídio e, conseqüentemente, o desperdício de experiência de conhecimentos humanos.

Propõe-se, no campo das possibilidades, avançar numa proposta que não compactue com uma epistemologia que “conferiu à ciência a exclusividade do conhecimento válido e que traduziu-se num vasto aparato institucional onde escolas, universidades, centros de investigação perpetuam um pensamento colonial”. (SANTOS, 2009a, p.11)

Avançar no campos das possibilidades que vá além do tratamento e concepção do outro como objeto e tratá-lo, ouvi-lo e respeitá-lo enquanto sujeito. Diferentemente do colonialismo que nega o Sujeito. “Nesta forma de conhecimento conhecer é reconhecer, é progredir no sentido de elevar o outro à condição de objeto à Sujeito. Esse conhecimento é o que designo por solidariedade”. (SANTOS, 2009a, p.30)

4 LENTES

Durante o processo de Qualificação para o Mestrado escrevi que precisava dar voz aos Atendentes de Enfermagem. Eu precisava “dar voz a esses sujeitos”. Onde agora está escrito no sumário: “A Voz desses Sujeitos”, tinha escrito “Como Dar Voz a esses Sujeitos”. Vejam como a prepotência e a arrogância nos seduz! Não sou Deus, nem Olorum. Sou tão somente um ser humano.

Fiquei pensando durante meses sobre este meu processo de arrogância. Cheguei ao limite de escrever literalmente: “dar voz a quem não a teve”. Esta afirmação engendra dois princípios: a prepotência de constituir-se alguém que concede ao outro falar; por outro lado, implica na crença de que todos os grupos históricos que vêm sendo silenciados não possuem voz. Como escrever a respeito da desconstrução destas calcificações desumanizadoras, que tornam Sujeitos por mim des(caracterizados) como “sem voz”? Pretensiosamente eu queria falar sobre eles e tornei-me algo “divinamente superior”. É preciso “vigilância epistemológica” porque a arrogância faz morada facilmente.

Enquanto refletia sobre este processo no Mestrado em Ensino, li a seguinte frase: “crônicas podem ser feitas com a voz desses sujeitos”. Isto me animou. Era isto: as pessoas possuem voz! As crônicas tão somente viriam com a voz desses sujeitos. Trazer suas vozes, num exercício polissêmico, numa narrativa que lhes é comum, porque nascem e desembocam no cotidiano...

As crônicas apareceram num momento muito especial. Escrevi um trabalho para a Disciplina de Epistemologias e Educação. O referido escrito é o Capítulo I desta Dissertação de Mestrado, uma espécie de Memorial. Em minha cabeça, os escritos foram um “Ensaio”. Das Professoras a sensível percepção da perspectiva da escrita no estilo crônica. Eu pensei que não conseguiria, mas muito agradei da proposta. Revisitei centenas de vezes as transcrições e as gravações de seis Atendentes de Enfermagem, com quem venho dialogando. Envolvi-me enquanto sujeito-com-outros-sujeitos que aqui estão e estou feliz por perceberem em mim o que eu jamais percebi em termos de possibilidade de escrita.

O desafio e necessidade de “aprender a ouvir” (BAKHTIN, 1999) e a perspectiva sobre a “maravilha da conversa” (LARROSA, 2003) foram-me apresentados com a leitura do artigo “O Ditado” (LACERDA, 2017), em um momento muito oportuno

e de extrema necessidade percebi a “possibilidade-caminho”. Portelli, em “Ensaio de História Oral”, foi fundamental para tentar estabelecer um diálogo da maneira mais aberta possível, quando fez a “opção pela conversa” com os Atendentes de Enfermagem. As conversas foram uma premissa crucial para o processo de escrita. Revisitá-las foi um exercício gratificante. Senti-me caminhar “Entre Lamparinas e Lâmpadas”.

Encantou-me nas conversas o conhecimento matuto, interiorano de ouvir, observar, perceber e interagir com o mundo. São pessoas extremamente inteligentes, com uma sabedoria peculiar popular. Foi deslumbrante esta experiência para mim, por ser filho de pessoas do interior e por ter minha vida marcada por uma cidade pequena de Minas Gerais. Enriquecedor, por melhor compreender o espaço que habito e, como cidadão, dialogar com a realidade em que estou inserido em suas motivações e comportamentos singulares.

Após trancrever as conversas para o papel, sempre recorria ao material escrito para inspirar-me na escrita de “Chronos”, mas nunca era suficiente. Era preciso revisitar a voz das pessoas via áudio. O que estava escrito era insuficiente. Mesmo tendo o texto na forma escrita, eu “precisava ouvir” a voz das pessoas, a entonação e tantos detalhes que o papel, com as palavras somente não eram suficientes.

As “conversas”, o desafio de “aprender a ouvir” veio em forma de horas de gravação, onde a memória de cada pessoa vai muito além do tradicional baú de memórias: “A memória, portanto, não é: ela se faz no movimento, no acontecimento, no imprevisto. Ela se faz sempre que alguém se põe a lembrar e a contar o que se passou...” (LACERDA, 2017, p.73).

Na transcrição, o desafio de “reouvir” e repensar o que foi “ouvido”. Reouvir seria tão somente ouvir novamente? Em quais sentidos? Para onde eu iria com aquele material? Aos poucos vi-me num processo de escrita em crônicas e daí fomos aos braços de Chronos! Ao ouvir esses Sujeitos surgiram os primeiros escritos: *Uma Rosa nas Águas de Oxum* e depois *Ilíada e Odisseia*. Elas foram para o processo de Qualificação no Mestrado. Nelas inicialmente não usei o chamado discurso direto e o tamanho me chamou atenção. São narrativas em estilo crônica? Eu creio que sim. E gostei muito de escrevê-las, pois envolveu cuidado e carinho com vidas que se cruzaram. Sinto dificuldade com a escrita acadêmica. Pensei também sobre a questão do sofrimento humano nelas. Indaguei minha Orientadora que me disse:

- Josias, a vida não é assim também? – Disse Maristela, olhando-me através de seus óculos, com a cabeça ligeiramente inclinada em direção ao ombro.

- Entendi - Respondi.

Perguntei sobre o discurso direto:

- Escreva! Você já tentou?

Eu me senti livre! Eu me sinto livre mesmo vivendo em um país num momento Histórico marcado pelo regressismo! A leitura e escrita libertam!

Revi a escrita de *Uma Rosa nas Águas de Oxum*. Levei dias para decidir onde por ponto na fala de uma Atendente de Enfermagem, na expressão: “A mão foi ficando frouxa”. O Texto foi para a Qualificação sem ponto. Não sabia onde colocá-lo e nem se o colocaria. O que significa um ponto quando se escreve sobre cuidado? Isso me virou do avesso. O que significa um ponto quando o assunto é morte? Em meio à Rosa, na Enfermaria, as pessoas passaram a se expressar via discurso direto.

Não dou conta de mim. Imagine ousar dar conta de seis sujeitos ouvidos! Assumir isto foi fundamental. O Contrário seria mais um processo de arrogância do qual quero, preciso e pretendo me afastar.

Tentei lapidar *Ilíada e Odisseia*.

Na escrita de “*Divino Maravilhoso*”?, *Gotejamento: Cotidiano e Cuidados e Onírico* fiz uso do discurso direto. Pensei muitas vezes em retirar partes do *Gotejamento*, que seria o título inicial. Pensei no tamanho do texto. No entrecruzamento de falas, vidas, complexidades de existências. Pensei que teria resgatado a “suavidade” da escrita nos dois primeiros textos antes da Qualificação, mas o texto foi alongando. Pensei em diminuí-lo. Refleti bastante e enviei para análise em sua integralidade. Chego a perguntar: “Está cansado leitor?”. Todavia, vejo nos relatos gotejados os Atendentes de Enfermagem e o cuidado cotidiano. Ouço as suas vozes.

Não tive coragem de deletar os relatos gotejados. Senti em cada gota “a dor e a delícia de ser o que é”, como poetisa Caetano Veloso. As pessoas que tentei ouvir e dialogar contribuem para entender um período importante na História dos Cuidados. Algumas partes de *Chronus* são polêmicas. Penso que revelam a realidade. Espero colaborar no campo da reflexão e diálogo interdisciplinar com esta proposta no Mestrado em Ensino da UFF: diferentes pesquisas em desenvolvimento e todas dialogando com o Ensino.

Marisol Barenco Corrêa de Mello foi fundamental no processo criativo de *Onírico: Diálogo sobre o Cuidado Entre Lamparinas e Lampiões* – de “O Progressista”, de Themudo ao “Gazeta”, de Carelli. Em sua fala veio o estímulo para a escrita. Fiquei pensando durante muito tempo como seria a primeira Casa de Caridade e como seria o Encontro de Florence com Xavier, ao mesmo tempo em que fui levar uma amiga ao Pronto Socorro e vi as obras de ampliação da Casa. Quando fui embora olhei para o corredor e pensei nos dois percorrendo o atual hospital e dialogando. Os dois jornais citados marcaram a História do Jornalismo Carangolense, encontram-se disponíveis no Arquivo Público da cidade. Eles foram fundamentais para a escrita. Creio que se tornou também uma singela homenagem póstuma ao Amigo, Professor e Historiador Rogério Carelli e sua intensa pesquisa revestida de amor e cuidado por Carangola.

Os escritos desta Dissertação não estão atrelados ao que se convencionou tradicionalmente chamar de uma Crônica.

Seria o estilo da escrita envolta no Cotidiano?

Ignácio de Loyola Brandão, em crônica publicada no jornal “O Estado de São Paulo:

Uma vez nos anos 80, Analdino Paulino coordenou uma edição de crônicas de amor para um livro que seria brinde da Credicard. Convidou dez autores, eu entre eles. Escrevi a minha. Foi devolvida pelo então diretor de marketing do cartão de crédito. “Estava ruim?” Não, disse o coordenador. Estava boa, ele até gostou. “E por que recusou?” Porque ele pediu crônica e você mandou um conto. “Ah, e o que é conto e o que é crônica para ele? A resposta serviu para os milhares de teóricos que queimam cabeça. Porque, disse o marketeiro culto, uma crônica não tem diálogos. E como a sua tem, é conto (BRANDÃO, 1986, p.15).

Em “Porta de Colégio e Outras Crônicas”, Afonso Romano de Sant’Ana diz que “O cronista é um escritor crônico”. Seu primeiro texto publicado em jornal foi uma crônica e ele “fez de tudo ou quase tudo” em jornal. Chamaram-no para substituir Carlos Drummond de Andrade, no Jornal do Brasil, em 1984, passando assim a ser um “escritor crônico”:

O que é um cronista? Luís Fernando Veríssimo diz que o cronista é como uma galinha, bota seu ovo regularmente, Carlos Eduardo Novaes diz que crônicas são como laranjas, podem ser doces ou azedas e ser consumidas em gomos ou pedaços, na poltrona da casa ou espremidas nas salas de aula. (...) Que tipo de crônicas escrevo? De vários tipos. Conto casos, faço descrições, anoto momentos líricos, faço críticas sociais. Uma das funções da crônica é interferir no cotidiano. Claro

que essas que interferem mais cruamente em assuntos momentosos tendem a perder sua atualidade quando publicadas em livro. Não tem importância. O cronista é crônico, ligado ao tempo, deve estar enxarcado, doente de seu tempo e ao mesmo tempo pairar acima dele (SANT'ANA, 2003, p.3).

Luís Fernando Veríssimo: “Alguém já disse que crônica é a literatura sem tempo” e Mário de Andrade: “Conto é tudo que o autor chama de conto” (ANDRADE, 2005, p.9).

Com esta formatação que começa lá com Machado de Assis, vai passando por João do Rio, Olavo Bilac, vai chegar em Fernando Sabino, Rubem Braga, passa por Clarice, Drumond... Tem uma Linha Histórica de grande respeito a Crônica Brasileira:

Ela não nasceu propriamente com o jornal, mas só quando este se tornou cotidiano, de tiragem relativamente grande e teor acessível, isto é, há uns cento e cinquenta anos mais ou menos. No Brasil ela tem uma boa história, e até se poderia dizer que sob vários aspectos é um gênero brasileiro, pela naturalidade com que se aclimatou aqui e a originalidade com que aqui se desenvolveu (CÂNDIDO, 2003, p.90).

Em “O Nascimento da Crônica”, de Machado de Assis, a “velha e boa conversa fiada” (Cândido, 2003) ganha uma grande contribuição para formatar esse gênero com uma cara muito particular, fisionomicamente brasileira:

Não posso dizer positivamente em que ano nasceu a crônica; mas há toda a probabilidade de crer que foi coetânea das primeiras duas vizinhas. Essas vizinhas, entre o jantar e a merenda, sentaram-se à porta, para debicar os sucessos do dia. Provavelmente começaram a lastimarse do calor. Um dia que não pudera comer ao jantar, outra que tinha a camisa mais ensopando que as ervas que comera. Passar das ervas às plantações do morador fronteiro, e logo às tropelias amatórias do dito morador, e ao resto, era coisa mais fácil, natural e possível do mundo. Eis a crônica (ASSIS, 1999, p.13).

A História da Crônica Brasileira passa por um processo de grandes contribuições. Ela vai sendo abasileirada com o fino trato de grandes escritores. Segundo Antônio Cândido:

No século passado, em José de Alencar, Francisco Otaviano e mesmo Machado de Assis, ainda se notava mais o corte de artigo leve. Em França Júnior já é nítida uma redução de escala nos temas, ligada ao incremento do humor e o certo toque de gratuidade. Olavo Bilac mestre da crônica leve, guarda um pouco do comentário antigo mas amplia a dose poética, enquanto João do Rio se inclina para o humor e o sarcasmo, que contrabalançam um pouco a tara do esnobismo. Eles e muitos outros, maiores e menores de Carmem Dolores e João Luso até nossos dias, contribuíram para fazer do gênero este produto sui generis do jornalismo literário brasileiro que é hoje (CÂNDIDO, 2003, p.95).

A Crônica e as lentes. São inúmeras possibilidades de uso das lentes: talvez seja esta a singularidade, peculiaridade e possibilidades da crônica e da escrita? Cândido segue nos apresentando a historicidade da Crônica brasileira:

Acho que no decênio de 1930 que a crônica moderna se definiu e se consolidou no Brasil, como gênero bem nosso, cultivado por um número crescente de escritores e jornalistas, com os seus rotineiros e os seus mestres. Nos anos 30 se afirmaram Mário de Andrade, Manuel Bandeira, Carlos Drummond de Andrade, e apareceu aquele que de certa modo seria o cronista, voltado praticamente para este gênero: Rubem Braga (CÂNDIDO, 2003, p.96).

Em “A Borboleta Amarela”, Rubem Braga, com seu estilo, marca a Crônica brasileira. Sua escrita é de uma beleza ímpar:

Mas essa conversa de rolinha, vocês compreendem, é para disfarçar meu desaponto pelo sumiço da borboleta amarela. Afinal arrastei o desprevinido leitor ao longo de três crônicas, de nariz no ar, atrás de uma borboleta amarela. Cheguei a receber telefonemas: “eu só quero saber o que vai acontecer com essa borboleta (BRAGA, 1963, p.170176).

Refinamento e delicadeza literária! A avidez dos leitores pela Borboleta Amarela a todos encanta e seduz. Para onde ela foi? Fiquei me perguntando até o final da leitura.

“Moderns Girls”, de João do Rio é uma leitura marcante, estilosa, específica, com reflexões tão atuais que me assustei pelo fato de ser do início do século passado, de 1907:

[...]De repente, houve um movimento dos criados, e entraram em pé de vento duas meninas, dois rapazes e uma senhora gorda. A mais velha das meninas devia ter 14 anos. A outra teria 12 no máximo. Tinham ainda vestido de saia entravada, presa às pernas, como uma bombacha. A cabeça de ambas desaparecia sob enormes chapéus de palha com flores e frutas. Ambas mostravam os braços desnudos, agitando as luvas nas mãos. Entraram rindo. A primeira atirou-se a uma cadeira.

- Ufa! Que já não posso!...

- Mas que pândega!

- Não é, mamã?...

- Eu não sei, não. Se o seu pai souber...

- Que tem? Simples passeio de automóvel.

- A menor, rindo, aproximou-se do espelho.

- Mas que vento! Que vento! Estou toda despenteada...

Mirou-se. Instintivamente olhamos para o espelho, era uma carita de criança. Apenas estava muito bem pintada. As olheiras exageradas. As sobrancelhas aumentadas. Os lábios avivados a carmim líquido faziam-lhe uma apimentada máscara de vício. Era decerto do que

gostava, porque sorriu à própria imagem, fez uma caretinha, lambeu o lábio superior e veio sentar-se, mas à inglesa, trançando a perna.

- Que toma?

- Um chope.

A outra exclamou logo:

-Eu não, tomo uísque, whisky and caxambu.

- All right.

- E a mamã?

- Eu, minha filha, tomaria um groselha. O senhor tem?

- Esta mamã com os xaropes!(BARRETO *Apud* RODRIGUES, 2017, p.5)

O que parece banal para muitos, para o Cronista não é. Falam do cotidiano com um diferencial: sentem, escrevem e lapidam em arte o que para muitos seria uma banalidade. Elevam o texto para o literário profundo e de bom gosto. O escrito vai para além do local onde se dá o enredo: passa a ser entendida em qualquer lugar do mundo. Crônica vem de *Chronus*, do tempo. Ela é subjetiva, mas ao mesmo tempo fala do mundo.

Assim ela está num entre lugar:

A crônica pode dizer as coisas mais sérias e mais empenhadas por meio do ziguezague de uma aparente conversa fiada. Mas igualmente sérias são as descrições alegres da vida, o relato caprichoso dos fatos, o relato de certos tipos humanos, o mero registro daquele inesperado que surge de repente e que Fernando Sabino procura captar (CÂNDIDO, 2003, p.98).

Escrever em *Chronus* as narrativas dos Atendentes de Enfermagem foi um encontro de vida. As pessoas envolvidas foram aos poucos se metamorfoseando num processo intenso que não dependia somente do que eu escrevia, pois foram se singularizando e se libertando de qualquer possibilidade controladora enquanto Sujeitos da vida cotidiana: “[...] Tudo é vida, tudo é motivo de experiência e reflexão, ou simplesmente divertimento, de esquecimento momentâneo de nós mesmos a troco do sonho... Para voltarmos mais maduros à vida, conforme o sábio “(CÂNDIDO, 2003, p.99).

Entretanto, esta Dissertação Acadêmica em si precisa ser refletida: para trazer à presença os que são produzidos como não-existência, por uma questão de justiça, não se deveria simplesmente descrevê-los usando uma escrita de uma lógica que os memorizou. É preciso inventar outras formas narrativas e inclusive recriá-las:

Importante é que possamos dizer que temos a pretensão de buscar, mas nunca de encontrar, de chegar. (...) pretende-se potência nômade: é apenas travessia entre essas muitas paisagens, externas e internas, e um pensar, não prévio nem preexistente, entre algumas dessas paragens. (MELLO,2005, p. 20)

Em Certeau, creio ter aprendido e refletido sobre um cotidiano gerado na relação entre os indivíduos onde se observa “as mil práticas pelas quais usuários se reapropriam do espaço organizado pelas técnicas da produção sócio-cultural”, por ele chamado de “*artes de fazer*” (Certeau,1990). Entendo que os Atendentes de Enfermagem são astutos ao construírem, via “procedimentos populares”, no miúdo do cotidiano e sem dominar o espaço, uma lida que foge das estruturas da regulação disciplinar em sua não aceitação e atuando, penso, de maneira contra-hegemônica, visto que não a aceita, mas “não se conformam com ela a não ser para alterá-los” (CERTEAU, 1998, p.41). É um cotidiano que foge dos poderes controladores, pois sua ação se dá no chamado “miúdo”, imbuído de astúcia e aparentemente para muitos algo sem relevância. São sujeitos que fazem leituras com grande maestria do cotidiano, “sem levar em consideração o moralismo inquisidor e fora das convulsões tetânicas de uma pseudoliberação, joga e efetivamente arrisca a sua vida de todo dia” (MAFFESOLI, 1979, p.129).

O que cotidianamente é considerado de menor relevância ou miúdo é algo extremamente revolucionário por escapar das “forças controladoras” (Certeau, 1998). Creio que isto se faz presente em muitos momentos em *Chronus*. Os Sujeitos, aqui apresentados, como nos ensina Certeau, não possuem o espaço, mas lidam com muita sabedoria com o tempo. Em Maffesoli, o tempo presente com sua aparente banalidade ou monotonia “não é vazia e homogêneo” é o avesso, pois é intensamente carregado e “jorra da própria textura” do que se configura cotidiano. O cotidiano é construído em meio a inúmeras possibilidades do aparente banal, do que para muitos seria “nada” presentes em toda a existência humana:

Entre os ruídos da rua, as cantorias populares na mesa do bar, os rumores e explosões de cólera vindos de um apartamento com janelas abertas, os odores das castanhas quentes no inverno, de amendoins e sorvetes nos dias bonitos (MAFFESOLI, 1979, p. 153).

Essa sociabilidade é em Maffesoli encontrada em lugares como o bar. Ele também sinaliza sobre a importância dos provérbios populares como elo afetivo que vai se re(significando) com o entrelaçamento proximal entre os espaços. Em “A Filosofia do Cotidiano na Crônica Brasileira” um compartilhamento de discursos:

Também é perceptível, nas crônicas, a forma com que o trágico participa do cotidiano, pois elas se constroem através da descrição das relações interpessoais que conflitam com o espaço coletivo daquele dia a dia observado atentamente pelos olhos do cronista, característica principal deste gênero (GARCIA, 2014, p. 232).

É a camada popular, o povo, em sua informalidade, na sua dura realidade, desprovidos da chamada formalidade acadêmica hegemônica, nua em seu baixo letramento ou sem domínio da escrita, muitas vezes tachados como “fora do padrão”, que na oralidade e nos encontros cotidianos tecem a vida. São rotulados e invisibilizados “como gente pobre e sem estudo”, como se fossem o nada e sem sentido. “Nada valem e nada tem a contribuir”: são nada!

Essas pessoas vão em outros horizontes e não permitem ficar amarrados no “prego” absoluto dos “sentidos”, desdizem imposições de qualquer ordem: do acadêmico, do cientificismo, do dito e imposto como elegantemente refinado. São e estão. Criam formas e mecanismos para além das chamadas “*forças controladoras*”:

As fontes orais são condição necessária (não suficiente) para a história das classes não hegemônicas, elas são menos necessárias (embora de nenhum modo inúteis) para a história das classes dominantes, que tido controle sobre a escrita e deixaram atrás de si um registro escrito muito mais abundante (PORTELLI, 1997a, p. 37).

A Língua, música de Caetano Veloso, diz: “Flor do Lácio, sambódromo, LusaAmérica Latim em pó, o que quer, o que pode esta Língua?” Eu também me pergunto. Em meio ao povo, em seu cotidiano, a crônica “se tornou mais leve, mais descompromissada e (fato decisivo) se afastou da lógica argumentativa ou da crítica política, para penetrar poesia adentro” (CÂNDIDO, 2003, p.87-88). A aparente “conversa fiada em sua socialização, com sua vitalidade afetiva de compartilhamentos, temos os rotulados “nadas” que “perfazem toda a existência” (MAFFESSOLI, 1979, p. 153). A cumplicidade entre o cronista e o leitor via linguagem coloquial revela a camada popular, suas vivências e importância:

Num país como o Brasil, onde se costumava identificar superioridade intelectual e literária com grandiloquência e requinte gramatical, a crônica operou milagres de simplificação e naturalidade, que atingiram o ponto máximo nos nossos dias. O seu grande prestígio atual é um bom sintoma do progresso de busca de oralidade na escrita, isto é, de quebra do artifício e aproximação com o que há de mais natural no modo de ser do nosso tempo (CÂNDIDO, 2003, pp.88-89).

Em “A vida ao rés-do-chão”, Cândido diz que a crônica “não é um gênero maior”. Esse texto é uma referência para quem gosta de crônica, estuda e se interessa pelo assunto. Foi escrita para introdução de um dos volumes da famosa coleção “Para Gostar de Ler”, que apresentou a crônica com gerações de cronistas para uma geração de estudantes.

Lembro-me que na quarta série tinha um precioso livro da coleção doado pela patroa de minha mãe, a querida D. Anunciada, proprietária do “sítio continente”.

Será que Antônio Cândido não estaria sendo irônico ao dizer que a “Crônica é um gênero menor”? A crônica é um gênero menor que escapa ao modelo majoritário. Ele, depois com maestria completa: “Graças a Deus, porque sendo assim ela ficaria perto de nós.”

Percebi durante a pesquisa para esta Dissertação que há uma certa tendência em se criar estamentos na literatura. Por exemplo: a crônica em relação ao conto e este em relação ao romance. O romance seria o grande gênero, depois viriam os “subgêneros”.

O conto e a crônica estariam ao “rés-do-chão”.

O conto possuiu um enredo com uma trama, uma certa tensão que nem sempre a crônica possui ou necessita. Além disto, em seu fundamento, o conto possui personagens e diálogos. Às vezes até há diálogo na crônica, mas não é o mais comum. Todavia, “é importante insistir no papel da simplicidade, brevidade e graça própria da crônica... Outras parecem marchar rumo ao conto, a narrativa mais espaiada com certa estrutura de ficção... Nalguns casos o cronista se aproxima da exposição poética ou certo tipo de biografia lírica” (CÂNDIDO, 2003, p.98).

Estabelecer diálogos e possibilidades. Flertariam os escritos desta Dissertação com o conto? Estariam mais próximos do conto por não estarem, por exemplo, em primeira pessoa? Crônica pelo fato, talvez, de possuir uma “narrativa subjetiva”? E os sujeitos envolvidos? E eu? Transgressão?

Inicialmente ao escrever uma crônica pensei que estaria preso a um formato padrão literário. Senti-me confuso, atordoado e desafiado. A crônica é um oceano versátil com inúmeras possibilidades:

Por ela se poderá verificar o quanto é variável de um para outro o conceito desse gênero literário, tipicamente brasileiro, que engloba tudo: páginas de memória, lembranças de infância, flagrante do cotidiano, comentários metafísicos, considerações literárias, poemas em prosa, trechos de romance. O tratamento de ficção que muitas vezes lhe é dispensado dá, ao que o autor modestamente chama de crônicas, a qualidade artística de verdadeiros contos (ANDRADE, 2005, p.9).

Com a escrita e pesquisa percebi que gosto de flertar e flandar. O lugar tradicional do “flaneur” é a rua. A rua com a sua simbologia pretérita acabou? O que seria a rua e a calçada há algumas décadas? A internet seria o jornal atual da crônica? Como ficou o lugar do jornal tradicional, após a internet, e, por conseguinte, o redimensionamento do cotidiano e da Crônica? As redes sociais seriam hoje o local também de crônicas?

Uma amiga de Facebook fez um “post” no dia 29/09/17 às 08:57: “As lentes existem para que olhemos através delas e não para que nos fixemos nelas...” Estava escrevendo “Lentes” e pensei sobre o papel atual das “postagens”.

Fiz uma postagem no Facebook sobre uma senhora que subia o Morro do Triângulo, bairro de Carangola-MG. O sol castigando e ela gritando: “- Banana nanica dois reais!” O que se passou em minha cabeça era fruto de minha subjetividade e minha observação da realidade. Os comentários foram diversos. As pessoas usaram (e usam!) lentes diferentes das minhas. Isto inicialmente me irritou, pois estava querendo me referir ao que talvez historicamente era tão típico nas pinturas de Debret, sobre o Brasil Colônia, e fiz um paralelo com a situação daquela senhora e a de perda de direitos da camada popular no Brasil atual. Isto estava na minha cabeça, não na deles. Alguns comentários na postagem exaltavam na rede social, por exemplo, a origem do bairro, suas tipicidades.

Uma outra amiga fez uma postagem com galinhas empoleiradas num banco e com uma frase que se não me engano seria: “Sabia que a revolução viria da roça”. Achei formidável e lembrei de um dado político que havia “tomado ovada” em São Paulo.

Defender tese é o contrário da crônica. As pessoas hoje fazem tese sobre tudo. Ou tomam por tese tudo o que falam. Por isso falar em crônica é algo revolucionário.

Dizem que o Cronista é um “ególatra”: estaria falando o tempo inteiro de mim mesmo? Destoa o que aqui ora é apresentado com as origens ou o que é formalmente descrito como crônica? Será que a crônica flertou com o conto? Será que *Chronus* flertou com outras possibilidades de escrita?

Penso que *Chronus* busca dialogar sobre o cotidiano do cuidado, da vida no interior, que perpassa pelas memórias, saberes e fazeres dos Atendentes de Enfermagem em uma Casa de Caridade de uma pequena cidade.

As pessoas criam a teia da vida de maneira potencial mesmo que muitos não as perceba. É tudo cotidiano.

Uma pesquisa em um Hospital de uma cidade do interior de Minas Gerais revela pessoas em seus amplos potenciais e devires, que amam, choram, vivem, morrem, sonham, se realizam e se tornam múltiplas nas infinitas possibilidades de ser, de se “gentilizar”, de se perceberem e serem humanos. São sujeitos que vivem sua vida, que cuidam de outras vidas, são protagonistas históricos, sujeitos de memórias, de um modelo de cuidado não somente de Carangola, mas de um imenso e intenso interior que transpõe Minas Gerais. Não se confinaram a nenhuma imposição de uma “força controladora maior” do cotidiano (CERTEAU,1990, p.39), muito menos a um ser arrogante e hipócrita que lhes pretendeu “dar voz”.

Não sou cronista.

Na escrita de *Chronus* estabeleci uma relação inicial com “cronos”, onde o tempo e o cronista se encontram. Posteriormente com o Deus grego do Tempo Chronus. Todavia, é em Nzara Ndembu, Glória ao Tempo ou Zaratempô, minha referência principal. Kindembu é o Nikisi (o que na cultura Iorubá seriam os Orixás) das transformações, do tempo. Ele guia o povo nômade através da sua gigantesca bandeira branca. O mastro é tão gigantesco que pode ser visto de qualquer lugar, o que possibilita que ninguém se perca. Este símbolo é chamado de Bandeira do Tempo. A cultura Banto é menos conhecida do que a Iorubá, no Brasil, e com eles podemos muito aprender.

Dos bantos, de Nzara Ndembu, vem *Chronus*, com as ampulhetas da vida, das transformações que rasgam o céu e a terra com sua transversal e tantas possibilidades que envolvem o tempo. Salve rei Kindembu! Espero que nestes escritos possamos caminhar num diálogo de encontros e respeito. Não se cuida de um ser humano sem o respeito. Gratidão ao branco da Enfermagem que tanto me ensinou. Tinha uma dificuldade descomunal em lidar com a diversidade.

Espero que estes escritos reunidos em *Chronus*, deus do Tempo, de Kindembu ou Jeová, de alguma maneira, também estejam ao “rés-do-chão”.

Em “Oração ao Tempo” de Caetano Veloso:

“Tempo, Tempo, Tempo, Tempo

És um dos deuses mais lindos!”

5. CHRONUS

5.1 Onírico: diálogo sobre o cuidado entre lamparinas e lampiões - de “O Progressista”, de Themudo ao “Gazeta”, de Carelli

Um sonho. Teria sido um sonho?

Onírico: Diálogo Sobre o Cuidado Entre Lamparinas e Lampiões – De “O Progressista” de Themudo ao “Gazeta” de Carelli são diálogos metafóricos inspirados em vivências e documentações que aos poucos adentraram meu ser. Carelli escreveu no Jornal “Gazeta” cinco artigos sobre a origem da Casa de Caridade de Carangola influenciado e inebriado pelo Jornal “O Progressista” de Themudo. Os dois jornais encontram-se disponíveis no Arquivo Público Carangolense.

Seria possível dialogar Entre Lamparinas e Lampiões? - pensei. Aos poucos a escrita foi encarnando, ao mesmo tempo que sonhava e tornava-se verbo.

A metáfora *Entre Lamparinas e Lampiões* remeteu-me a outros tempos do cuidado de pessoas pioneiras emblemáticas que se encontram com outras que foram invisibilizadas com o passar dos anos, décadas e século. São vidas preciosas, singulares quanto a luz que as alumia. Uma luz que nos permite adentrar e estar entre o sonho e o real... Lampiões das especificidades dos cuidados da Casa de Caridade de Carangola-MG, de uma sociedade em seu tempo numa delicada ampulheta. Eles se encontraram com as Lamparinas que não competem entre si, pois são metáforas de luz enquanto amorosidade e cuidado.

Por que não convidar a “Dama da Lâmpada”, a inglesa Florence Nightingale para ir à Carangola e juntamente com o Enfermeiro Xavier e outros pioneiros dos cuidados da Casa de Caridade dialogarem? Padeço de delírio de uma febre elevada?

Esquizofrenia?

O Jornal “Gazeta Carangolense” com os cinco Artigos do Professor Rogério Carelli aqui citados sempre entre aspas levaram-me ao universo único daquela sociedade carangolense. Fiquei a sonhar. Li, senti e ouvi os detalhes. Conheci o luso-brasileiro Antônio Themudo e tantos outros que com afinco lutaram pela criação de uma instituição de caridade. Themudo deixou de ser tão somente uma bucólica, charmosa e pequena rua com uma ponte que liga as duas ruas principais da cidade para mim.

É no Vale do Carangola que Carelli abraça Themudo e seu jornal “O Progressista”. Progressista? Creio que sim. Não é todo dia que uma nota de jornal

comunga ideais com uma sociedade, com toda uma cidade e região e cria-se uma instituição centenária com objetivo de caridade.

Onírico me tocou por tornar-me de fato carangolense, por estar aqui na Dissertação com eles e senti-los. A planta do “primitivo hospital”, os Artigos da década de 70 do século passado de Carelli pesquisados em Themudo, a foto da primeira Casa de Caridade com Xavier nas minhas simples mãos e lá vem o trem pelos trilhos da História. O apito e nós todos na estação esperando.

Se não foi onírico, foi um devaneio... Repletos de amor!

O trem apita aos últimos raios de sol, em 21 de março de 1907, quando se aproxima da Estação de Santa Luzia do Carangola.

Vinha do Rio de Janeiro pela Leopoldina Railway. Nele uma senhora com ares ingleses.

Ela desce na estação com um menino com sotaque carioca. O sol dava adeus. Noite se faz no Vale do Carangola.

A estação foi inaugurada em 1887. O terminal de desembarque iluminado por “lâmpioes” a petróleo produzem uma “luminosidade” específica. A Senhora idosa desce devagar na plataforma.

Contempla os lâmpioes e sua luz.

Observa onde pisa. Mulher de guerras cotidianas: do branco da paz.

No desembarque, juntamente com Florence, pessoas aguardam os seus queridos, seus pertences, produtos e novas notícias da Capital.

Aquele trem era muito especial. Os volumes da Casa de Caridade vinham nele. Não eram meros volumes. Eram “volumes revestidos com as dimensões do cuidado”. A locomotiva da Leopoldina Railway informara ao Agente Executivo de Carangola que iria atender ao seu pedido, efetuando o despacho gratuito dos pertences para uso da Casa. Um momento singelo, revestido de importância que vai além de uma tarde onde o sol se põe. Para além de um devaneio onírico!

Veio o material no trapiche vapor. Seria o encontro de sonhos?

O conhecimento acerca dos volumes foi enviado pela firma Américo Machado & Cia., discriminando os objetos de ferro, louça e tecidos. O pedido de liberação fora feito há cerca de seis meses.

A Senhora Florence em seus primeiros momentos na Estação de Santa Luzia do Carangola é procurada por um Carregador de Malas que lhe oferece seus serviços. Enquanto vão buscar as malas um Senhor se aproxima.

- Florence?

- Sim, Senhor.

- Prazer. Sou Joaquim Xavier - Florence observou na penumbra o nobre branco da Enfermagem.

- Prazer Senhor Xavier.

- Como foi a viagem?

- Boa. Um tanto exaustiva. Mais de vinte horas de viagem. Contudo, prazerosa. As pessoas que adentravam e saíam do trem eram tão diversas! Gentilezas da vida para quem a tudo observa, acolhe e acalenta enquanto o tempo evapora como uma “maria fumaça”.

- Que bom, Senhora.

- Como falam de Carangola no Rio de Janeiro!

- A cidade tem crescido bastante D. Florence – Xavier observou a fisionomia alegre de Florence.

- Vou pegar os volumes da Casa de Caridade. Este material é importante para cuidarmos dos pacientes. Sua presença é nobreza entre nós. Vou lhe levar para descansar na casa do Sr. Antônio Themudo. Seja bem-vinda à Carangola! Só lhe peço para aguardar um momento.

Xavier vai até o local de retirada de volumes. Assina o papel, atestando o recebimento. Os jovens amigos carregam cuidadosamente todos os valiosos volumes para a carroça, que aguarda próximo à estação.

- Cuidado com estas caixas! São louças!

- Tudo bem, Sr. Xavier! Posso levá-las na carroça?

- Não. Vamos levar as caixas com louças a pé para a Casa de Caridade.

Um menino vem pegar uma caixa e ele lhe explica:

- Esta aqui tem que ser dois adultos. São objetos de ferro. Pesados para você. Pediu para o pequeno segurar o seu chapéu.

- Agora são os volumes com tecidos.

Florence a tudo olhava. Veio no vagão de passageiros. Sabia da importância daquele material para a Casa de Caridade.

- Vamos Senhora! Vou levá-la para descansar. Já é noite.

- Nós vamos! Respondeu Florence para Xavier.

Ela indaga: - As pessoas que aqui estavam são suas amigas?

-Creio que sim! Faço o possível. Sempre peço favores e geralmente consigo pessoas de bom coração para ajudar. É uma Casa de Caridade e isto faz a diferença para Carangola e região.

Foram andando da Estação para a Casa de Caridade. Florence, com o pequeno Saiso, a tudo admirava:

- Gostei do prédio de tijolos à vista bem próximo à estação.

- Todo em pequenos tijolos e monumental D. Florence. Estilo inglês. -

Respondeu Xavier com uma caixa nas mãos.

- Percebi!

Um garoto de suspensório comentou com Saiso: - De onde ela é? Fala estranho.

Em resposta o pequeno sorriu.

- Estou ansiosa para conhecer a Casa de Caridade, Xavier. Vamos até lá! Depois vou à residência da família Themudo.

- O Sr. Antônio Themudo pediu para levá-la para descansar.

- Quando começam as atividades?

- Já iniciamos Senhora!

- Sem material? Como fizeram?

- A caridade faz coisas nobres. Ainda estamos em obra.

- Conte-me, Sr. Xavier: porque esta urgência toda?

- Antes de recebermos os materiais e terminarmos as obras da Antiga Cadeia para o Hospital, apareceu um doente. Um velho negro sexagenário. Tinha uma enorme ferida no rosto.

- De onde ele era?

- Não sabemos sua origem de nascimento, mas era aqui de Carangola. Foi encontrado em “uma casa em construção na rua principal”. Aqui, por nós, chamada de 15 de Novembro, data da Proclamação da República.

- Qual o nome dele?

- Não sabemos. Estava muito mal. A Irmandade de São Vicente de Paulo “tomou o encargo dos cuidados do ancião”. Eu ajudei também. “Transportaram o paciente para o prédio, mesmo não terminada a obra”.

- A guerra e a escravidão deixam mazelas. Este país terá séculos de feridas por tratarem seres humanos como burros de “sobrecarga” e, ao libertá-los, não lhes dar a menor condição de cidadania.

Chegaram ao prédio da Casa de Caridade. Florence pagou o carregador de mala, que gentilmente retirou o seu boné com uma chapa numerada da Câmara Municipal em agradecimento.

Era uma “casa em estilo colonial pintada de rosa claro”. Um único lampião para toda a Casa de Caridade. Estava na Secretaria e Rouparia onde foram depositados os volumes. Pediu para Florence assentar-se na penumbra dos poucos raios de luz do lampião que perpassavam do vestíbulo para o refeitório.

Xavier procurava insistentemente pela sua lamparina na cozinha.

- Um momento, D. Florence. Vou achar a lamparina. - A cozinha estava totalmente escura devido à localização e distância do cômodo.

- Tem reserva de óleo? Perguntou Florence.

- Sim. Mas não sei onde está a lamparina...

Florence: “- Saio pegue minha bolsa, por favor!”

- Achei! Disse Xavier, que imediatamente acendeu-a.

- Que bom! - disse Florence ao vê-la iluminar

Uma “boa alma” sai da secretaria e rouparia. Passa pelo vestíbulo, atravessa o pequeno refeitório e vai à cozinha:

- Xavier, conferimos tudo. Está tudo certo!
- Muito obrigado. Amigo, pode ir descansar. Amanhã temos muito a fazer.
- A Paciente está melhor. Aceitou a sopa. Auxiliei a ida dela no banheiro. Está com dificuldades para andar. Será que ela aceita um café?

Ela respondeu da Enfermaria: - Eu quero Enfermeiro!

- Leva para ela, por favor. Pediu gentilmente Xavier.
- Quer que eu traga o lampião para aqui?
- Coloque-o no vestíbulo. De lá melhora a iluminação para a Paciente e para as Enfermarias, além de melhorar também a iluminação para nós. Pode ser que alguém precise ser internado durante a noite.

O amigo levou o copo com café.

A velha perguntou: “-Vai trabalhar aqui também?”

- Eu não. Estou somente ajudando.

Pergunto sobre a Senhora que chegou com o menino.

Florence sorriu. Creio que naquelas condições de luminosidade ninguém viu.

Ouviram a boa alma dizendo: - Agora deite para dormir!

- Pode ir amigo. Eu vou olhá-la. Até amanhã. Xavier agradeceu.
- Preciso ir embora. Minha esposa me aguarda. Preciso jantar. Até agora nem almoçamos. Se pudesse ficaria mais.

Xavier o acompanhou até a porta da Casa, agradeceu e desejou uma boa noite.

Voltou. Passou no pequeno cômodo onde estavam os volumes e procurou xícaras para a nobre visita. Não achou. Foi novamente para a cozinha e pegou as xícaras simples disponíveis. Colocou-as à mesa. Uma estava sem asa, uma outra desgastada na circunferência, por tantos lábios que tocaram-na em sua existência. A branca impecável foi escolhida para Florence.

Chamou o pequeno para tomar café. Ele estava distraído com um pássaro preso na gaiola.

- Gostou? - Perguntou Xavier.

- Sim. Muito bonito.

- É um canarinho da terra. Amanhã na claridade vai ver melhor. Canta muito pela manhã.

- O garoto recostou nas pernas de Florence.

- Qual o nome dele mesmo?

- Saiso, mas com “J” no final.

- Não pronunciam o “J” – Disse Florence.

- É árabe? Temos muitas famílias Sírias e Libanesas na região, D. Florence.

- Não sei. Conheci-o num contato com a família que foi buscar tratamento, na Santa Casa de Misericórdia, no Rio de Janeiro. Visitei a família em Bongaba. Foi uma ótima viagem saindo do Porto de Mauá até Piabetá. Chamei-o para passear comigo pelos Sertões. Sou grata pelo convite do Sr. Antônio Themudo e de todos os cidadãos de cuidados desta cidade.

- Para termos a Casa foi necessário um grande esforço da sociedade Carangolense e da região, para angariar subscrições dos Distritos de Tombos, Divino, Faria Lemos, São Francisco do Glória e São Sebastião da Barra.

“- Almas generosas e educadas nos princípios da caridade cristã”, como me disse Antônio Themudo, na Santa Casa de Misericórdia, no Rio de Janeiro.

Tomaram o café.

- Quero lhe apresentar a “Casa” de Caridade, mas já é noite e tem tanta coisa para organizar!

- Faço questão Xavier. Vim à Carangola para isto. Antônio Themudo fala muito sobre o andamento da Casa, das dificuldades e, ao mesmo tempo, da generosidade cristã desta terra. Antônio me falou da comissão que trabalha para tornar a Casa de Caridade uma realidade.

Xavier pegou a lamparina e conduziu Florence pela obra ainda inacabada. Mostrou a Secretaria e rouparia repleta de objetos e tecidos vindos com ela no vapor trapiche. Olhou para aquilo tudo e disse: -Serão muito úteis!

Passaram para a próxima sala: - Aqui é o Gabinete Cirúrgico, D. Florence.

Apontou com a lamparina o caminho de retorno e foram para a Enfermaria dos homens. Sob a tímida luz do lampião que vinha do Vestíbulo e a lamparina na mão de Xavier, Florence percorreu os oito leitos vazios e disse, segurando a mão do garoto: - Aqui vocês vão cuidar de muitas vidas.

Xavier: -Sr. Antônio Themudo tem-me falado muito sobre isto. Esta casa é uma sugestão grandiosa dele. Espero que dure por muito tempo. Há cerca de dois anos, creio que em abril de 1905, “no assoalho da Igreja do Rosário, que a Senhora há de conhecer durante sua estada em Carangola, após vários dias de agonia e total carência de alimentos e assistência, faleceu um outro sexagenário, de nome Camillo Jacinto Maria”.

Florence: - Humanidade! Como nos falta humanidade, Xavier!

“- O Senhor Antônio Themudo publicou uma pequena nota, apelando para os cristãos da cidade, no sentido de se organizarem pela fundação desta Casa, para abrigar casos como aquele. Naquela minúscula nota no Jornal “O Progressista” nasceu a Casa de Caridade de Carangola. Ele não parou por ali: no dia 16 de abril publicou uma nota, comunicando que o Médico Dr. Arthur Marques de Oliveira estava à frente de uma comissão, com o intuito de fundar um modesto asilo, que receberia o nome de Hospital de Misericórdia.”

- Como lhe disse conheci e encontrei o Senhor Antônio Themudo, no Rio de Janeiro na Santa Casa de Misericórdia e ele me convidou para vir aqui nos Sertões. O Jornal O Progressista parece-me ter grande respeito.

- Ele é um Senhor muito culto e honesto. Um português com alma brasileira, senhora!

O lampião e a lamparina iluminavam a face dos dois e do pequeno menino:

- Vamos para a Enfermaria Feminina.

Olharam para a paciente:

- Mais uma sexagenária, D. Florence.

A lamparina aproxima-se do rosto da negra idosa que dormia.

- O que houve?

- Está muito fraca.

- O que disse o médico?

- Estamos ainda angariando donativos e novos irmãos contribuintes. O serviço médico vai ficar a cargo de um Clínico que se dispuser a trabalhar gratuitamente.

Xavier olhou para o chão de cimento da velha cadeia, que agora era uma Casa de Caridade, iluminado pelos “lampejos” do Lampião em harmonia com a Lamparina.

Xavier e Florence aproximaram-se da Negra Senhora. Viram sua fisionomia.

- Internou ontem.

- Qual o nome dela?

- Maria das Dores. É do distrito de Divino.

- Os tratamentos são mais nas residências, Xavier?

- Existe todo um conhecimento sobre cuidados de origem Indígena e Negra. Brotam da terra, da ancestralidade. Daqui e da mãe África. As Parteiras são Negras. Os Pretos Velhos vivem por toda a região em suas choupanas a cuidar. Vários males vão para as Benzedeiras e Raizeiros. Os Médicos que percorrem a região chamam isto de curanderia. Tive notícia de um que levou seu filho na Benzedeira após tentar todo tipo de cura. Ficou curado.

- Interessante Xavier!

“- Toda e qualquer doença, recebem tratamento na casa do próprio doente. Mesmo nos casos mais graves, não ocorrem remoções para lugares de mais recursos. Os meios de transporte e carência generalizada de recursos não estimularam a procura durante décadas.” Afirmam.

- Podemos dormir aqui, Xavier? Você precisa descansar. Um dia inteiro de trabalho!

- Boa noite! Disse Antônio Themudo, que chegara à Casa de Caridade.

- Sr. Antônio! - Disse Florence.

- Bom tê-la em nossa terra, nobre cuidadora.

- Xavier só tem este lampião?

- Sim. Acendi também a lamparina.

- Ficou com o pequeno da Santa Casa? – Themudo pergunta para Florence.

- Conheci a família em Bongaba e veio comigo. Quando voltar deixarei-o de novo com os seus. Adquiri carinho por ele.

- Antônio entregou uma bala para o pequeno.

- Obrigado, Sr Antônio!

- Vamos Florence? Minha esposa deseja conhecê-la.

- Amanhã, Xavier, o Dr. Manoel José da Cruz assistirá a paciente internada. Os serviços de Pharmacia também estão combinados.

Xavier levou-os até a porta de acesso.

- Boa noite Xavier! Voltarei amanhã pela manhã.

- Será bem-vinda! Tenha uma boa noite, D. Florence.

Deram os primeiros passos para fora da casa baixa. Foram da Casa de Caridade para a residência do Sr. Antônio Themudo, conversando pelo caminho iluminado pelo gás de acetileno, que ainda conviviam com velhos lampiões instalados em pontos estratégicos pelas vias públicas de Carangola. A Casa ficava na esquina.

Atravessaram a ponte de ferro rumo ao Largo da Fraternidade.

- Xavier revelou-me preciosos fatos da Casa de Caridade. Falou-me do Negro sexagenário, Sr. Camilo.

- Temos chagas terríveis da escravidão, Senhora. Tenho exposto em “O Progressista” o ideal dos cuidados e da caridade. Pouco depois que iniciei a campanha pela fundação de um Hospital, tornei a chamar a atenção da população desta cidade para o fato de estar ocorrendo outro fato semelhante: “um ex-escravo de nome Laureano Martins, também sexagenário, já se encontrava há dois dias e duas noites, deitado sobre o capim desta praça”.

Florence parou, olhou em volta do Largo da Fraternidade, nome dado ao local após a Proclamação da República e perguntou para Antônio:

- E o que fizeram?

- Nada! Ele estava aqui, todos passavam para a Matriz, se compadeciam, e não faziam nada! Por isso eu chamei a atenção do povo, no “sentido de não deixar a campanha ficar em promessas e esquecimentos. É necessário atender casos como aquele”.

- E o que houve com ele? Perguntou Florence.

- Foi recolhido naquela casa! Apontou Antônio para o local.

- Faleceu 30 dias depois, apesar da assistência recebida.

Era noite de lua cheia. Saiso contava as palmeiras no Largo da Fraternidade. Cavalos amarrados entre elas. Contou com o seu dedinho: 19 de cada lado e 4 de Frente para a Matriz de Santa Luzia. Imperiais em beleza!

- Quando morre alguém sem assistência e cuidados morre um pouco da humanidade com ele.

Chegaram à residência do Sr. Antônio Themudo. A esposa ouviu-os conversarem e foi até a pequena varanda recebê-los. A mesa estava posta. A casa mineira e seus quitutes a aguardava.

- Sejam bem-vindos! Florence, como é bom tê-la aqui conosco. Fez boa viagem?

- Foi agradável. Só a idade que não ajuda muito.

- Sentem-se!

A Negra Cozinheira aproximou-se e deu boa noite. Florence levantou-se e a cumprimentou.

- Tem essas delícias o carinho e o cuidado de suas mãos?

Sorriu: - Sim Senhora! Espero que agradem.

Florence pegou um pedaço de broa de milho que inebriava todo o ambiente, assim como o café. Saiso degustou com os olhos o doce de mamão.

- Pegue pequeno! Disse a anfitriã.

- Tenho me envolvido na igreja para conseguirmos angariar doações. Nas reuniões para organização da casa só participam homens. Antônio esteve na Câmara Municipal em uma reunião destinada a aprovar os primeiros Estatutos da Casa de Caridade de Carangola. Os distritos têm nos ajudado também. Não temos onde abrigar os desamparados e doentes. Passei para ir à missa com Antônio e vimos um Senhor Negro definhando sem cuidados. É lastimável esta situação no país. A Casa terá um Provedor, eleito por uma irmandade de número ilimitado. Teremos dois vice-provedores, dois Secretários e um Tesoureiro. Estabeleceram o cargo de Mordomo, para conseguirmos mais donativos e novos irmãos contribuintes para a irmandade.

A esposa tomou um gole do valioso café da Zona da Mata. Os seus grãos tinham um destino certo: o exterior. Até a locomotiva era seduzida pela preciosidade daqueles grãos.

Completo:

- Uma cidade progressista e republicana, como Carangola, não pode aceitar que um ser humano defina em seus direitos. Aqui fazem as leis para inglês ver: Lei do Ventre Livre, Lei dos Sexagenários, Lei Áurea... Senhora quando a notícia da Lei Áurea chegou à Carangola pelo trem foram três dias de festa.

- Como foi esta festa?

- Negros vindos de toda a região se reuniram em festa, no atual Largo da Fraternidade. Dançavam ao redor da fogueira que eles chamam de Xangô: quem toma conta do destino e da Justiça. Um Caxambu que a todos impressionou. Aqui na cidade e na região inúmeras rebeliões negras contra a escravidão ocorreram antes da Lei. O movimento abolicionista fortaleceu entre os Carangolenses. Entretanto, a Lei Áurea com sua literalidade: “Artigo Primeiro: Declara-se extinta a escravidão no Brasil. Artigo Segundo: Revogam-se as disposições em contrário”, deixou os negros sem direitos. A menor lei brasileira. Os proprietários de escravos muito reclamaram e pediam indenizações. Famílias de imigrantes chegam à nossa região. Os Pretos foram escravizados a uma liberdade de papel e socialmente sem direitos.

- Tantas chagas, quantos desafios! Disse Florence.

- Sim Senhora! Talvez a maior articulação contra os desprovidos deste país foi a Lei de Terras, em 1850, tornando a terra propriedade privada. Para onde vão os menos favorecidos?

Antônio Themudo:

- Desafios que tornaram-se cotidianos. A Caridade e os Cuidados não esperam.

- Conseguiram Médicos? - Perguntou Florence

- “Os serviços prestados pelos Médicos são gratuitos, voluntários. Os que prestam mais assistência aos doentes são os Doutores: Américo Arnulfo Torres, Manoel José da Cruz, que será nosso primeiro Provedor e Arthur Marques de Oliveira.” Vou apresentá-los.

- E o Xavier? Perguntou Florence.

- É um homem dos cuidados. Ele se doa muito. Sem ele não sei o que seria o atendimento cristão dos doentes.

- Amanhã estarei novamente com ele. Estou idosa, mas posso ajudá-lo um pouco. É a minha doação para Carangola e para a humanidade. Esta broa está uma delícia. O queijo com café formidável!

- Agrado muito. Ana faz todos os dias. O queijo também é dela.

Digam-me: tive notícias durante a viagem de epidemias na cidade.

“- O primeiro grande surto epidêmico foi de varíola, que o povo denominava de bexiga. Chegou até aqui trazida pelos trabalhadores da Estrada de Ferro Alto-Muriahé, logo após a vinda do primeiro trem de ferro, em 10 de julho de 1887.” - Falem-me mais, disse Florence.

“- A quantidade de casos fatais foi tão grande que a Câmara Municipal determinou um isolamento dos doentes, confinando-os numa casa denominada Lazareto, nos terrenos que forma o Horto Municipal no Bairro de Santa Emília. Não constituía em absoluto um Hospital.”

- O contato com a Capital Federal tem seus preços, disse a esposa de Antônio.

“- Uma parte da população fugiu para as fazendas vizinhas. Os doentes eram levados para o Lazareto num carro de bois, servindo como carreiros improvisados, o Dr. Manoel José da Cruz e o Advogado Dr. Pedro Elias Martins Pereira, Presidente da Câmara Municipal.” - Explicou Antônio Themudo.

- E os cuidados? Como eram os cuidados?

“- O primeiro indivíduo que trabalhou nesta cidade como Enfermeiro foi o italiano Luigi Guariglia, falecendo durante a epidemia, vitimado pela mesma. Foi enterrado juntamente com todos ali falecidos, nos arredores da casa do Lazareto.”

- Alguém sobreviveu?

“- Alguns lograram uma cura, não se sabe com que meios. O cemitério na colina, próximo ao Largo da Fraternidade, não comportou mais sepultamentos. A câmara municipal determinou a construção de outro, na colina próxima à Casa de Caridade na Chácara do Afonso.”

- Interessante...

Saio brincava com a filha do casal.

“- Para evitar o provável contágio oriundo da passagem pelo perímetro urbano, de enterros de pessoas falecidas no Lazareto, a Câmara determinou que os mesmos fossem

enterrados em seus arredores. A população de então, não compreendendo a origem desta medida sanitária, julgou que não era permitido enterrar no cemitério novo as vítimas da varíola, para não contaminar os que já estavam sepultados. A cidade não dispunha de nenhum hospital ou ambulatório, só dispunha de um farmacêutico, e apenas dois médicos que residiam em Tombos.”

- Falaram-me da febre amarela na vinda para Carangola.

- Estou preocupada com o seu cansaço, nobre senhora. – Revelou Themudo.

- Conte-me, por gentileza – Disse Florence, olhando nos olhos de sua

interlocutora.

- Na década de 1890, outra epidemia, desta vez de Febre Amarela.

- E a população?

- Ocorreu um novo êxodo, até que o mal fosse atenuado. Entre fugas e óbitos a população em 1894 ficou reduzida a 20%

- E a água da cidade? O saneamento?

“- O Rio Carangola constituía a fonte de abastecimento e o esgoto. Uma das primeiras resoluções da Câmara Municipal, após a emancipação do município em 7 de janeiro de 1882, foi o de criar 7 becos de acesso às margens do rio, para neles a população ali lançar os seus dejetos pelas manhãs. Isto sem contar as pontes que eram também empregadas para o mesmo fim. Assim a mesma via destinada a lançar os dejetos, era empregada para buscar água para o consumo.”

- Saneamento básico é fundamental. Sou estudiosa sobre o assunto. – Disse Florence.

- Aqui em Carangola os mais abastados pagavam as “carregadeiras de água”, para trazer o líquido das fontes. Uma das mais conhecidas que a isso se dedicava era a ex-escrava Perciliana da Silva, conhecida pelo apelido de “Jabiraca”.

- E o que foi feito em termos de saneamento?

“- Em 1895 a cidade passou a ter uma rede de água e esgotos.”

- Uma obra ciclópica Anthônio, muitas capitais ainda não dispõe deste serviço.”

“- Os tubos de ferro, adquiridos diretamente da Alemanha, fabricados destinados para o aqueduto, são de qualidade excelente. Durarão séculos! Foram montados por um mecânico italiano, Antônio Pistono.”

“- Foram instalados vasos sanitários e respectivas caixas de descarga e respectivos esgotos nas 150 casas que existem no perímetro urbano de Carangola. Outra medida sanitária foi a transferência do Matadouro Municipal do perímetro urbano”.

Saiso encostou a cabeça no colo de Florence. Esfregou os olhos.

Antônio olhou e disse:

- Deve estar com sono.

- Está com sono pequeno? Perguntou a Enfermeira, tendo como resposta o movimento da cabeça dizendo que sim.

- Vá descansar, nobre senhora.

Saiso e Florence foram para o quarto de visitas. Saiso adormeceu rapidamente. Antes de deitar abriu uma de suas malas e retirou uma lamparina. Deixou-a na cabeceira. O lampião da casa foi apagado. A penumbra. O pensamento. A insônia. Florence acendeu sua lamparina. Viu que a roupa do pequeno Saiso estava queimada. Não havia relatado nada. Deve ter sido do trem, pensou. Abriu o diário. Registrou suas observações sobre a vida, alma, sociedade, humanidade, cuidados e sanitário em horas preciosas de um tempo que se esvai. O cansaço. Os registros.

Apagou com um sopro sua lamparina. Aguardou esfriar. Retirou o óleo e colocou-o num recipiente de reserva. Guardou a Lamparina. Adormeceu.

Aos primeiros raios do alvorecer Florence se levanta. O diário ainda dormia, assim como o pequeno. Faz mais anotações. A Senhora Themudo bateu à porta. Abriam-na.

- Tenho um café pronto. Fiz um chá também. Sei que é de seu agrado.

- Vou acordar Saiso.

- Descanse um pouco mais Senhora. Dormiu pouco e já acordada!

Ao “terminar o café” foram para a Casa de Caridade.

- Bom dia, Sr. Xavier!

- Bom dia! Internaram mais dois pacientes.

Um visitante do paciente, Sr. João, agradece e despede-se de Xavier.

O Canário da Terra cantava e encantava Saiso.

- A cozinheira chegou, Xavier? Perguntou Antônio Themudo.

- Sim, Dona Creusa fez o café. Servimos aos pacientes e ela foi para os açougues. Espero que consiga ossos e retalhos de carne para a sopa. Tem me ajudado muito com os pacientes, principalmente nos cuidados.

- Dr. Manoel passou visita. A respiração do Sr. João está muito curta e suando de molhar os lençóis. Veio de carro de boi de Ponte Alta. Creio que esteja nas últimas.

- Façamos o melhor, Xavier. Não podemos deixá-lo morrer sem o mínimo de dignidade. Disse Antônio Themudo.

- No que mais posso ajudar, Xavier? Perguntou Antônio.

- Tem como pedir para adiantar o remédio dele com o Farmacêutico? Vou pedir para um rapazinho chamar o Vigário aqui.

- Pedirei Xavier.

Xavier e Florence ficaram cuidando dos Enfermos.

O Vigário deu os últimos sacramentos ao Sr. João. Estava fraco, prostrado sobre o leito, tossia, suava e queimava em febre.

Deram mais um banho no paciente.

Xavier contou para Florence, num tom de voz bem baixo, sobre a “Encomendação da Almas” na zona rural:

“- Quando se espalha a notícia que determinada pessoa se encontrava em estado terminal, com a possibilidade de morte bem próxima, organizava-se um cortejo, que ao se aproximar tocam um reco-reco giratório para produzir um som para anunciar a presença. Após anunciar a presença, rezavam em voz alta e, antes de se retirarem, atiravam caroços de milho no telhado da casa do doente, fazendo muito barulho.”

Florence tentava molhar a boca do paciente que estava seca, com a respiração cada vez mais difícil, com um pouco de água. Quando Xavier se virou para umedecer com água fria o pano na bacia que há poucos segundos estava na testa do paciente, vem a exclamação:

- Xavier, ele partiu!

Florence fechou os olhos do Sr João.

- Aqui não tem necrotério, Xavier?

- Ainda não.

- Vou arrumar o corpo.

- Eu te ajudo. Disse a experiente cuidadora.

Dona Creusa a tudo assistia assustada.

- Pode nos ajudar Creusa! Venha!

Xavier solicitou o carroceiro, Antônio Beijo. Chamou alguns rapazinhos da vizinhança para conduzir o féretro.

Por volta das treze horas tomaram uma sopa nas novas louças da Casa.

- Que legume é este? Perguntou Florence

- Chama-se cará! É daqui! Talvez por isso o nome “Cará” junto com “Angola”.

Uma das possibilidades para o nome Carangola.

- Muito gostoso e interessante, Xavier.

Ao final do dia Antônio Themudo foi à Casa de Caridade, juntamente com o Sr. Joaquim Alves Vilela, buscar a Florence. Xavier fez novos pedidos e relatou os desafios. Acendeu o lampião.

- Boa noite! Desejaram Antônio e Joaquim.

- Este D. Florence é o Sr. Joaquim, proprietário do jornal local “O Rebate”. Ele também “cedeu gratuitamente espaços no seu jornal para publicação de notícias concernentes à campanha” para a Casa de Caridade.

- Vá D. Florence. Na sua idade eu estou surpreso com tamanha vitalidade - disse Xavier.

- Se precisar, Xavier, estarei à disposição.

- Vamos levá-la ao Teatro Thalia, disse Themudo para Xavier

Florence foi com o anfitrião para a sua residência. O pequeno Saiso estava pronto. Elogiou-o. Banhou-se e foi se aprontar.

Chegaram ao Teatro. Um prédio construído exclusivamente para aquele fim: um dos sonhos de Antônio Themudo. Nele uma companhia teatral do Rio de Janeiro se apresentava. Estava há dois meses na cidade e faziam sucesso. Desde a criação do Eden Clube, uma sociedade recreativa, onde organizou um pequeno teatro que fechara, era este um dos sonhos do nobre lusobrasileiro, Antônio Themudo.

A apresentação teatral foi um sonho. Passou rápido. Aplausos. As cortinas se fecham. Os Atores e Atrizes reaparecem no palco. Dão as mãos e curvam-se diante do

público em aplausos. As pessoas se levantam e vão saindo aos poucos. Antônio e sua esposa apresentam Florence para os presentes.

Saem do Teatro Thalia. Florence pede para passarem na Casa de Caridade. Pergunta sobre os pacientes. Em tom baixo, Xavier respondeu:

- Passarei a noite cuidando de dois pacientes que repousam. Estão estáveis. Vou deitar na Enfermaria masculina junto com eles. Beijo saiu daqui há pouco com sua carroça, disse, tristonho.

- Meu nobre amigo! – Florence pegou um envelope e entregou-o para Xavier.

Aproximou a lamparina para reforçar a luz do lampião para ler o que estava escrito.

- Muito agradecido. Vá descansar, senhora!

- Envie-me cartas, disse Florence.

Os dois se abraçaram.

Florence embarcou na Estação de Santa Luzia de Carangola, rumo ao Rio de Janeiro. A locomotiva apitou. Na janela do vagão do trem ela e Saiso acenavam para Antônio Themudo, sua senhora e sua pequena. Foram embora numa bela manhã de verão.

No papel dado para Xavier o endereço e palavras de agradecimento: “Obrigado pela sua presença humana em minha vida e nas vidas daqueles que passaram e passarão por sua existência. Cuidar é algo que vem do coração, da alma. Minha admiração, respeito e apreço. Grata por toda Cordialidade Carangolense.” Florence.

Xavier escreveu para Florence dando notícias sobre a Casa de Caridade e os Cuidados.

Carangola, 18 de Agosto de 1907.

Estimada Florence,

Como foi a viagem de retorno ao Rio de Janeiro? Voltou para sua terra natal? E os escritos em seu diário? E Saiso? Conseguiu deixá-lo em Bongaba, com a família? Continuo a cuidar dos pacientes na Casa de Caridade. Os desafios são gigantescos, assim como a pobreza e carência do povo. Faço o melhor que posso, mesmo sabendo que isto representa pouco. Tenho trabalhado exaustivamente na Casa. Os leitos permanecem

lotados. De dezesseis leitos, por vezes improvisamos e chega-se a vinte. São muitas pessoas para nossas minúsculas dependências!

D. Creusa tem sido muito cuidadosa. Continua passando nos açougues em busca de ossos e retalhos de carne para a sopa. Muitas vezes não conseguimos alimentos para os doentes e vou à residência de D. José Augusta Albuquerque, “quase diariamente em busca de verduras, legumes ou mesmo galinhas de seu galinheiro ou dinheiro do seu bolso para outras compras”.

Passaram pela Casa algumas pessoas que não se adaptaram com a dura lida do cuidado. Felizmente agora tenho um companheiro na Enfermagem. Seu sobrenome é Barros. Ele chegou à Carangola como artista de uma Companhia Teatral. “Aqui adoeceu, sendo internado na Casa. Terminada a temporada, a Companhia que trabalhava foi para outra cidade, deixando o doente em tratamento”.

Os tratamentos são demorados. “Os clínicos continuam a percorrer a região a cavalo.”

“Em casos extremos realizamos intervenções cirúrgicas na Sala de Curativos do Hospital. Dois médicos operam e um farmacêutico cuida da dor. Usam uma bomba manual de borracha, um pouco semelhante às usadas por barbeiros para aspergir água”.

“Casos de lepra, tuberculose e outras doenças contagiosas não são aceitos para internamento”. A Tuberculose cresce a cada dia na região. Antônio Themudo e outras pessoas nos ajudam a manter a Casa, o que não é fácil. O Teatro Thalia passa por dificuldades. O Jornal “O Progressista” segue na luta pela imparcialidade e denunciando absurdos que toda população percebe. Themudo sugeriu para a Prefeitura Municipal colocar as primeiras pedras de meio-fio, já vislumbrando um futuro calçamento.

Muitos pacientes partem durante o tratamento. Chegam sempre em estado precário. Continuo a chamar o Antônio Beijo para transportar o defunto em sua carroça. Beijo, além de carroceiro, é coveiro. Tem sido difícil conseguir os rapazinhos para conduzirem o féretro. Ainda não construíram o Necrotério. Tenho utilizado em “último recurso o Delegado de Polícia. Notifico-o sobre a necessidade de efetuar o enterro, e ele ordena que 4 Soldados da Força Pública providenciem a condução do féretro. Ele quando não tem Soldados disponíveis procura por elementos desocupados que geralmente ficam sentados na ponte de ferro, junto ao Hospital e ordena que levem o caixão sob ameaça de prisão ou coisa pior”.

Continuo nos cuidados. Nasci para isto!

Cordialmente,

Francisco Xavier.

As cartas cessaram em agosto de 1910, enquanto as demandas na Casa de Caridade só faziam aumentar.

“Em 1918 começou a tomar corpo uma ideia de transferência, e construção de um novo prédio, especialmente para Hospital, e de dimensões adequadas para um atendimento maior. Durante a epidemia de Gripe Espanhola, ocorrida no segundo semestre de 1918, o Hospital evitou atender os casos desta doença por temer que causasse um contágio com os demais doentes. Por isso, a maioria dos óbitos ocorreu na zona rural, exatamente nas áreas mais carentes. Em 1920 tomou corpo a ideia de se construir um novo prédio, especialmente para um Hospital. Desde 1918 que a ideia era ventilada, porém sem uma iniciativa concreta. Entre a data de início de atividades (1907) e o ano de 1920, a cidade havia progredido muito. Num relatório apresentado à Assembléia Geral, de 11 de janeiro de 1920, o Provedor Antônio José Herdy, apresentou detalhadamente a situação daquela entidade. Com relação aos serviços médicos, louvava o humanitarismo dos médicos Dr. Benjamin Ferreira, Vicente Ferrer Gaede e Custódio Miranda, pelos relevantes serviços prestados aos indigentes ali internados. Quanto ao pessoal empregado, comunicava a retirada do primitivo enfermeiro Francisco Xavier, e sua substituição pelo Sr. Joaquim Pedra e para seu ajudante o Sr. Orlando Barreto”.

Xavier despediu-se da Enfermagem no hospital, que era uma cadeia pública, com Carangola sendo iluminada pela energia elétrica.

Como foi o seu momento final? Teria sido levado pelo Beijo? Teria Xavier cuidado do Beijo?

Salve as Lamparinas e os Lampiões!

Salve toda Luz que Incandeia Cuidados e Sonhos!

5.2 Uma rosa nas águas de oxum

Numa Orientação em grupo, antes da Qualificação para o Mestrado em Ensino na UFF, minha Orientadora, após me ouvir sobre os rumos do Projeto e da Pesquisa me disse:

“- Josias, é preciso ouvir primeiramente esses Sujeitos”.

Tantos Sujeitos, tantas possibilidades!

A primeira pessoa que veio em minha mente ao chegar em casa foi de uma grande amiga, por mim considerada mais do que irmã. Trabalhamos juntos, dividimos marmitas, sufocos, sonhos, alegrias e tristezas.

Enviei mensagem e expliquei sobre a Pesquisa. Respondeu-me rapidamente e marcamos o encontro.

Adentrei no apartamento onde cuidava de uma nobre Professora. Fui recebido com o mesmo abraço, olhos e sorriso. Algumas pessoas nem o tempo e espaço separam. Assim é Maria de Lourdes para mim.

Conversamos. Ouvi-la foi instigante. Quando fui trabalhar no Centro Cirúrgico ela já instrumentava com maestria. Uma profissional de excelência. Pessoa de um coração repleto de respeito e amorosidade pelo ser humano. Falou-me de tantas coisas que dariam um livro. Talvez meus olhos falaram muito mais do que minha boca.

A fala de sua ida para a Enfermagem e seu primeiro plantão foi impactante. Seu relato parecia-me vivo: o olho da paciente, sua mão, os cabelos, o vestido...

Sou de formação Protestante, interesse-me muito pela cultura dos meus ancestrais africanos. Gosto de estudar, conversar e tentar entender este universo tão rico e tão violentamente invisibilizado. Reneguei o que, para muitos, é denominado como “coisas do diabo” e mesmo sem nunca ter ido num Terreiro de Candomblé tenho grande apreço pelos meus irmãos desta fé. Em alguns casos consigo perceber, em algumas pessoas, arquétipos do que chamo de “Orixá Regente”.

Orixás eram ancestrais africanos que foram divinizados, viveram um tempo na terra e crê-se que adquiriram uma energia, um poder sobre elementos da natureza: árvores e matas, ventos, chuvas, barro e terra, lagos, mares e oceanos, raios e trovões, minérios e de atividades humanas como a metalurgia, a guerra, saúde, agricultura, pesca, maternidade. Assim, eles estão atrelados às forças da natureza em suas manifestações, ao mesmo tempo possuem características humanas como: carinho, raiva, ciúmes.¹¹ Devido às imposições durante o período da escravidão, santos católicos foram

¹¹ Disponível em: < <https://pt.wikipedia.org/wiki/Orix%C3%A1>>. Acesso em 22 de março de 2018.

associados às figuras de Orixás. Exemplo: Oxossi, “o caçador” a São Sebastião; Oxum a Nossa Senhora Aparecida; Ogum a São Jorge; Iemanjá a Nossa Senhora.

No caso da minha amiga Maria de Lourdes, quando trabalhamos juntos, não conseguia sentir essa energia tão específica. Quando nos encontramos, ouvindo-a, percebi nitidamente que era uma Mulher de Oxum. Isto é muito pessoal e difícil de explicar. Não toco no assunto. Simplesmente percebo. Creio que em alguns momentos de minha vida me ajudou muito a entender determinadas situações e questões complexas da existência.

Na cultura Iorubá todos os seres humanos possuem seus Orixás, sua energia, independentemente de sua fé. O que é muito bonito, pois somos seres que compõem a natureza. O que chama muito a minha atenção é que ao mesmo tempo que possuem toda uma rica “mitologia”, estão presentes no cotidiano da sociedade brasileira, nos seres, na natureza, nas relações, pois tudo é energia:

Oxum é uma Orixá feminino. É a energia das águas doces, dos rios, das cachoeiras, da riqueza, do amor, da prosperidade e da beleza. Geralmente, seus filhos e filhas são sentimentais, agem mais com o coração do que com a razão, são extremamente vaidosos, conquistadores, adoram o luxo, a vida social, são calmos, sensíveis. Apreciam perfumes, joias. Gostam muito de se enfeitarem e tem grande apreço aos espelhos. A opinião pública é tida como muito importante, são inteligentes, dedicados e dengosos. Oxum é do tipo daqueles que agem com estratégia sem jamais esquecer suas finalidades atrás de sua imagem doce se esconde uma forte determinação e um grande desejo de ascensão social. A mulher de Oxum é delicada, feminina, romântica, esposa e amante adoradas. Astutos e equilibrados as pessoas de Oxum são inteligentes, requintadas e refinadas.(WIKIPÉDIA, 21/03/2018)

Ao perceber na Enfermeira, os chamados arquétipos de Oxum, degustei suas falas e fui me comovendo. Levou-me em seu rio. Quem seria a Rosa? Talvez todos nós. Ela na realidade não é da Rua Cinco de Julho.

Uma Rosa nas Águas de Oxum creio ser muito mais do que um título após uma escrita. Creio ser a poesia do encontro onde a vida não termina num “ponto final”. Onde fica esse final?

Sou eternamente grato à minha grande amiga Maria de Lourdes que, além de me ensinar a instrumentar e trabalhar, tocou-me como uma rosa toca as doces águas de um rio cristalino. Elas se abraçam e se vão delicadamente.

É no encontro que nos eternizamos.

E assim vamos à narrativa.

Era uma moça linda. Cintura delineada, lábios fartos, cabelos pretos, sempre perfumada e com um alto astral. Sedutora. Era uma mulher de Oxum. Mulher que amava espelhos, delicada e determinada. Muitas vezes um rio caudaloso, outras um ribeirão. Em dados momentos, água doce tranquila em seu leito, em muitos, cachoeira. Uma mulher com as inúmeras possibilidades de ser rio.

Era uma flor no auge de seu esplendor. Seu nome era Maria de Lourdes. Havia completado dezoito anos na década de noventa. Ela precisava trabalhar para ajudar no sustento da casa. Sua mãe, seu grande espelho, eu alicerce, seu esteio. Acabara de arrumar emprego na casa do Diretor do Hospital. Estava feliz por trabalhar. Era uma época de crise econômica. Possuía o certificado de oitava série, o antigo primeiro grau. Fazia um pouco de tudo. Cuidava dos afazeres domésticos com bastante carinho e dedicação. Tinha afeição pelas crianças da casa. Um dia, ao servir o almoço, perguntou ao patrão sobre a possibilidade de realizar um sonho. Ele imediatamente perguntou sobre que sonho seria. A resposta veio em águas doces: queria ser Enfermeira. Preocupado, o patrão perguntou-lhe como ficaria sem seus serviços.

Dias se passaram. Ela era um igarapé. Esperava como a Iara pela resposta. O patrão chamou-a para uma conversa. Havia conseguido uma vaga. Agradeceu-lhe pelos serviços prestados, olhou-a sair e coçou a sua barba. Recomendou que procurasse as Irmãs, que já a aguardavam.

Ela foi para o seu primeiro dia no hospital. Estava reluzentemente de branco. Para a família, um orgulho de ver a filha em um lugar tão importante para cuidar dos enfermos.

Chegou e foi apresentada para a Irmã responsável pelo setor. Elas se sentaram numa sala com sofás de uso comum para todos os que desejassem usá-la. Era aberta, sem portas. Os olhares se entrecruzaram formando praticamente um rio que deságua no mar. Nela a apreensão daquela situação e a oportunidade à sua frente de caminhar pelos corredores do hospital e trilhar por aquele labirinto o caminho da vida. A Irmã pede um momento para Maria de Lourdes. A pausa veio devido a gritos e choros. Palavras de desespero. As pessoas estavam próximas delas na porta do CTI. É a dor da perda. A Irmã vai ao encontro delas, e espiritualmente tenta acalmá-las. Tudo revestido de compaixão.

Todo esse potencial humano iria atravessar o Oceano Atlântico: ela iria para a África, pois as Pequena Irmãs da Divina Providência estão espalhadas pelo mundo, sempre a cuidar.

Foram para a capela de Santa Efigênia, no Hospital, fazer as orações e confortar as almas.

Ela retorna e Maria de Lourdes estava lá, sentada, a absorver e observar até mesmo o átomo do sofá. Em sua bolsa, sempre o batom e o inesquecível espelho. A Irmã com o hábito engomado e aquela bela moça de branco saíram pelos corredores em passos comedidos. Percorreram o Pronto Socorro, as Clínicas Médicas e Cirúrgicas dos mais humildes do SUS quanto particulares e convênios. UTI, Centro Cirúrgico, Maternidade, Berçário, Isolamento, Ortopedia, Administração, Radiologia. Sempre em passos calmos, sem pressa... Sempre entrecruzando olhares. Pelos corredores do hospital a Irmã de Caridade foi apresentando a moça, sem até mesmo ela perceber.

Em dado momento elas voltam para a mesma sala onde estavam. A Irmã espera atentamente uma fala do PABX terminar de anunciar o pedido de um médico em uma clínica. Olha para a bela moça com os olhos de um ribeirão e lhe diz, em calma, que aquela senhora sem condições de se alimentar poderia ser a avó de uma delas. Perguntou para Maria de Lourdes se ela tinha irmã. Ela respondeu afirmativamente. Ela disse para a nova Enfermeira: a garota recém-operada na Clínica Cirúrgica poderia ser a sua irmã. Perguntou se ela tinha filho. Fez uma pausa e afirmou: aquele pequenininho na transfusão de sangue, em estado de muito sofrimento, na Pediatria, poderia ser o seu filho. A Irmã lhe deu um conselho: trate todas as pessoas que passarem por suas mãos como se fosse alguém muito amado por você: seu pai, sua mãe, seu avô, sua avó, seus irmãos e irmãs e os pequenos como filhos que não nasceram do seu ventre.

A Irmã se levantou, a nova Enfermeira também. Pediu para ela retirar o brinco dourado e somente colocá-lo ao final do plantão.

Maria de Lourdes foi apresentada para as Enfermeiras Graduas e imediatamente foi encaminhada para a Clínica. Havia muito a ser feito e era preciso começar. A nova Enfermeira auxiliou a sua primeira paciente, D. Rosa, em sua higiene. Foi até seu leito, pediu para que ela colocasse a mão em sua cintura e o mesmo foi feito por ela mesma sem a paciente precisar deste ato em termos de técnica. Ela o fez por uma questão de afeto. Foram juntas para o banheiro, onde uma cadeira a aguardava para o banho de aspersão. Cantou um hino de sua igreja Assembleia de Deus: “Alvo mais que

a neve. Alvo mais que a neve. Sim neste sangue lavado, mais alvo que neve serei...” Maria de Lourdes disse que o hino era lindo. Ela explicou que cantavam no momento da ceia na igreja, que há tempos não podia ir. Sentia saudades das plantas de sua casa. As Enfermeiras do plantão perceberam a pressão um pouco alterada. Fora medicada.

Para a jovem Enfermeira, Rosa estava bem.

- “Rosa é tão bonita. Sabe aquela avó que faz doces no fogão à lenha, broa de milho e café fresquim?”

Escolheu um vestido repleto de flores para usar naquele dia. Disse que não queria usar roupa de hospital naquele dia: estava farta de usar roupas de hospital. Pediu a opinião da Enfermeira sobre o vestido. As duas estavam de comum acordo sobre a escolha única. Rosa disse que queria passear. Conversaram durante todo o procedimento. A Enfermeira ouviu o repique de panelas, pratos e talheres e a presença de uma moça toda de azul com um lenço na cabeça distribuindo os pratos em um carrinho. Em cada prato, um outro prato o fechava, com os números do quarto e o leito. Nas mãos um papel com o nome dos pacientes. O prato de Rosa foi entregue. Era o horário do almoço.

A Rosa ficara no seu quarto. Outros pacientes precisavam de cuidados e auxílio para se alimentar. Combinaram entre elas de conversarem mais após o almoço.

A Enfermeira, vivenciando seus primeiros momentos na profissão, voltou para conversar com a Rosa por volta das quinze horas. Seu primeiro plantão se encerraria precisamente às dezesseis. Ela segurou a mão da Enfermeira. Os olhares se entrecruzaram. Viu que o olho dela foi ficando estranho, foi ficando estranho... O olho. O olho. O olho estranho. A fala arrastada e embolada. A linda moça de Oxum não estava entendendo aquilo e chamou a Enfermeira que estava no plantão, responsável pela medicação no setor. Ela falou como uma correnteza que a Dona Rosa estava estranha. Levada pela pororoca, pediu auxílio para verificarem o que estava acontecendo. A receptividade da interlocutora foi a de São Tomé quando viu Jesus Cristo. Disse no corredor da clínica que ela estava boa, andando e taxativamente perguntou sobre o que ela, a novata, estava imaginando.

Disse que iria lá ver. As medicações não podiam esperar...

Sentiu-se o perfume floral da jovem Enfermeira que correu para o quarto. A Rosa segurou a sua mão. Apertava a mão e o olho foi ficando parado, a pupila dilatada. Elas se conheceram há tão pouco tempo e construíram um afeto. Era como se a Rosa

representasse toda a humanidade. Voltou novamente ao Posto de Enfermagem, pedindo ajuda e a resposta foi que daqui a pouquinho estaria indo lá.

Rosa foi segurando a mão de Lourdes.

Depois a mão faltou.

A

mão

foi

ficando

frouxa

Terminal? Seria uma paciente terminal?

Maria de Lourdes não sabia aferir a pressão ou a pulsação. Ambas ali solidárias naquele momento.

E a Rosa parou. A Rosa morreu.

Ela estava bem, andando, conversando, alimentando normalmente, ficou bem o dia inteiro...

Seria possível ressuscitar a Rosa?

A Enfermeira das águas doces foi novamente em busca de auxílio. Pediram para ela ligar para o PABX e solicitar, através da locutora, a presença do Doutor. Pediram para anunciar novamente. E nada!

O medo tomara conta de Maria de Lourdes e estava estampado em seu rosto de águas represadas. A experiente enfermeira da medicação gritou com ela e perguntou o que estava acontecendo. A resposta afluiu: a resposta se deu com um “ela está muito esquisita, acho que ela está mal”.

Chamaram novamente o médico de plantão no Pronto Socorro, que atendia também todo o hospital.

A nova colega de trabalho não ouvira o clamor das águas a tempo. Foi lá e viu que Rosa estava com seu lindo vestido de flores em óbito.

Tudo se fez silêncio. Não é a todo momento que ouvimos as cachoeiras.

O relógio do Posto de Enfermagem marcara dezesseis horas e ninguém deu atenção para ele. Era solidão.

Não apareceu ninguém para liberarem Maria de Lourdes, que também não deu atenção para Cronos. Ela foi ficando ali...

O plantonista chegou e perguntou qual era a urgência na clínica. Relatou todo o acontecido. Olhou-a com seus olhos azuis e transparecia a sarcacidade. Pediu o livro. Mas, que livro? Era o livro de ocorrências. Ela foi procurar onde ficava.

Escrevera assim no Posto de Enfermagem da Clínica: Eu, Dr. Colombo, atesto que fui chamado com urgência ao quarto na CMB para atender uma urgência e quando cheguei era um óbito: que a meu ver não é urgência. Leu em voz alta. Escreveu o nome da Maria de Lourdes na ocorrência. Ela indagou ao Doutor se quando uma pessoa morre não seria uma urgência. Teve vontade de puxar o lençol e ver o rosto dela novamente e os cabelos mais alvos que a neve. O médico evaporou.

Veio o silêncio novamente. A Rosa estava com um lençol branco sobre o seu corpo no seu leito, no quarto da enfermaria, com biombos ao seu redor. Seria solidão? O relógio já estava em solidão. As amigas do quarto perguntaram para Maria de Lourdes se Rosa morrera de fato.

- Ela está morta?
- Ela morreu?
- Meu Deus, não pode ser!
- Estava tão bem!

Aquilo tudo ecoava pelo quarto e pela alma da nova enfermeira.

Perguntou com a insistência das águas de um rio em toda sua delicadeza sobre o que seria uma urgência, pois ela estava chegando ali naquele dia.

Chamaram a Enfermeira Graduada, por eles intitulada de “Chefe”. Ela veio.

A Enfermeira “Chefe” pediu-lhe para ficar calma. Num tom baixo disse, olhando em seus olhos, que tudo aquilo iria ser uma rotina na vida profissional. Teria que se acostumar com as perdas.

Mas as perdas não são perdas?

A mulher das águas doces estava mergulhada em lágrimas salgadas. Um Mar Morto.

Rosa partira tentando segurar até o último minuto a mão de Maria de Lourdes, uma filha de Oxum. Será que tudo se esvai?

Foi ao vestiário trocando suas roupas em lágrimas. Colocou novamente seus brincos dourados e deu uma rápida olhada no espelho que estava em sua bolsa.

Olhou para o relógio. Seu sapato de enfermeira ecoava suavemente pelos corredores até a porta de entrada e saída da Casa de Caridade.

Saiu...

Voltaria para o próximo plantão?

5.3 Ilíada e Odisséia

O encontro com Letícia. Vi Letícia numa rua do centro da cidade, numa tarde muito quente. Eu estava pagando as contas do mês. Ela sempre apressada. Uma festa quando nos encontramos. Não precisamos tocar em assuntos dos velhos tempos. Já está tudo dito em nossos sorrisos. Em alguns momentos retorno ao tempo e volto a ser o Teozinho do Centro Cirúrgico.

Sua família, sua Via Láctea. Em meio à correria do plantão, sempre falava da família, principalmente dos filhos pequenos. Ela aposentou e eu continuei a trabalhar na Casa de Caridade de Carangola. Ela era da Enfermagem “das antigas”.

Conversamos sobre a Pesquisa e perguntei se poderíamos dialogar a respeito:

“- Téó é só me procurar lá em casa, moro no mesmo lugar”.

Ao subir a rua de sua casa, cheguei em sua residência e bati palmas. Fui recebido pelo seu filho, que agora é “homem feito”. A pequena neta veio com a avó me receber. Conversamos antes de iniciar a gravação. A neta me disse que quando crescer vai ser Enfermeira como a avó. A avó foi adiante: “- Vai fazer Faculdade”. Celebramos a decisão da pequena. O filho arrumou espontaneamente: um ventilador, água para mim e sua mãe, uma extensão, pois a bateria estava descarregando.

Uma vida sofrida, mas sempre sublimada por um sorriso, o tempo e a esperança de dias melhores. Pedi para fazer uma pergunta ao final. Ela permitiu.

“- Voltaria para a Enfermagem e faria tudo de novo?”

“- A Enfermagem foi minha vida!”

Seus olhos se encheram de lágrimas e choramos juntos.

Quando iniciei a escrita do texto, reouvi o áudio inúmeras vezes. Muita informação! Era preciso selecionar. O dilema é que Letícia é do tamanho de sua comunidade e maior que Carangola.

O título metafórico *Ilíada* e *Odisseia* nos remete ao poema épico da Grécia Antiga atribuída a Homero. *Ilíada* retrata o décimo ano da Guerra de Tróia. A *Odisseia* é um poema elaborado ao longo dos séculos com tradição oral, posteriormente passado para a escrita. No poema, Odisseu, ou Ulisses, rei de Ítaca, um dos grandes nomes da Guerra de Tróia, luta com todas as suas forças para retornar para sua terra natal em uma embarcação. É uma viagem repleta de surpresas, aventuras, seres mitológicos e muita inteligência para superar os desafios. Seus companheiros morreram todos. Após enfrentar um ciclope, o canto das sereias, ele chega vivo em seu reino. Velho e cansado foi reconhecido pelo seu cão Argos, que fielmente o esperou por vinte anos. Reconheceu-o e morreu. Sua ama também o reconheceu quando estava sob a aparência de um mendigo transformado pela deusa Atena, pois ao banhar seus pés, viu uma cicatriz que era dele desde sua infância. Sua esposa, Penélope, o espera e inteligentemente disse aos pretendentes ao matrimônio que faria uma tapeçaria e assim que terminasse se casaria. Ela nunca terminou. Vários homens queriam se casar com a rainha e tomar posse das riquezas de Ulisses. Chega o momento ápice da história em que ele reassume o trono diante daqueles que o tinham como morto e planejavam matar seu filho.

Ilíada e *Odisseia* eternizaram-se com seus personagens. Esta dissertação é de pessoas do cotidiano, de trabalhadores. Pessoas que fazem seu café para ir trabalhar dia a dia. É um cotidiano épico. São trajetórias de vidas entre lágrimas, sorrisos e muito trabalho, como a biografia de Letícia, no Bairro Triângulo em Carangola, Minas Gerais, interior do Brasil.

O ano era 1976.

Letícia é uma jovem que acompanhava as missas e o movimento jovem da igreja. Tinha passado dos vinte anos. Estava animada com a vida e com o mundo.

Aos poucos começou a perceber que a situação da família estava cada vez mais delicada. A pobreza, velha senhora feudal, se assenhorava de sua casa. O pai e a mãe estavam idosos. Era preciso, no dizer popular, tomar um rumo, cuidar da vida.

Parece que foi ontem... ainda era uma menina.

Letícia se arrumou para ir à missa na capela de Santa Efigênia, na Casa de Caridade. Despediu-se dos pais e pediu “a bença”.

“Bença”concedida, desce Letícia o morro do Triângulo, em Carangola, Minas Gerais.

Saiu de casa no final da rua dos Operários. Lá de cima, já descendo, percebeu o intenso movimento no Banco “dos Malandros” que fica de frente para a sua rua “dos Operários”. Uma tábua velha e suja. Ali se reuniam também os operários que, após seu cotidiano exaustivo de trabalho ou após reuniões no Clube dos Operários se colocavam a conversar sobre a lida. Naquele dia tudo girava em torno do carnaval. Estaria ali sentado o Rei Momo? A vizinhança repleta de visitas, principalmente do Rio de Janeiro, para a festa. Era gente estranha, mas bem-vinda. O bairro adquiria um sotaque carioca. Minas e Rio aqui se encontravam.

Fervilhavam notícias da cidade no Banco dos Malandros. Ela contornou a rua dos Operários e seguiu pela Abílio Coimbra, em direção ao Centro, mantendo-se à direita na calçada. Do banco ecoou uma cantada que atravessou a esquina e adentrou em seus ouvidos. A bela jovem seguiu seu caminho.

Não era moça de dar confianças.

Não era moça de carnaval, por mais que aquele universo fosse tão próximo e lhe seduzisse. Sambava escondida, diante do simples e quebrado espelho de seu quarto, olhando suas curvas esculturais. No fundo, no fundo mesmo, queria ser uma passista.

O morro envolvido com o carnaval. Os ritmos, as cores, a esperança e a alegria de mais um ano a Imperatriz do Triângulo encantar a cidade e reinar diante das concorrentes Unidos do Santo Onofre, Unidos do Barão, Bumbo de Ouro, Império da Caixa D`Água, Unidos da Santos Dumond e High Society. Havia sempre as conversas de carnaval, tão quentes quanto o verão.

Mas ela tem seu caminho. Tudo era carnaval, menos para ela.

Olhou a rua Quinze de Novembro e os estandartes de rua lhe convidavam para uma festa de carnaval no interior. A Praça Central da cidade era carinhosamente chamada de Jardim.

O domingo para a juventude só fazia sentido se desse uma volta pelo tão famoso Jardim. Por ali passavam crianças a brincar de pique e saboreando pipocas. Casais enamorados tão belos quanto os canteiros de flores. Gente bonita caminhava sem pressa ou floreavam os bancos com a especificidade de ser e viver. Os sinos, as missas, a Matriz de Santa Luzia, a vida em Carangola.

Eram assim os domingos comuns. Aquele era de carnaval, menos para ela. A cidade se transformava. Era muita gente de fora. O Carnaval em Carangola era um dos mais famosos de Minas Gerais.

Voltou para o planeta terra em 5,4, 3, 2, 1...

Olhou para o relógio da Matriz. O sino badalou seis vezes. Contornou o Fórum e subiu o morro do hospital. A Missa não podia esperar.

Vê as velas que flamulavam ao redor da Santa, no meio da rua, em seu campanário no meio da colina de frente para o Jardim. Faltava pouco. Mais alguns passos estaria na entrada do hospital. Na portaria sente o odor tão temido. Não suportava aquele cheiro de hospital. Seu estômago embrulhava, as mãos suavam, as pernas tremiam. Ofegante vai direto para a Capela de Santa Efigênia. Percorreu o corredor até o pátio central onde até a amendoeira era quietude.

A capela estava lotada para a missa. Serenamente adentra naquele santo espaço. Tudo estava começando. Durante a missa especial fez um pedido ao Divino Espírito Santo.

Terminada a reza desceu a antiga colina rumo ao Jardim com as amigas. Deu algumas voltas e falou de algumas coisas que estavam afetando o seu ser. Ouviu e foi ouvida. O relógio da matriz deu sua badalada de “meia hora”. Era “seu” tempo mandando ela ir embora! Antes dos dez toques do sino era para estar em casa. Despediu-se ao som de “Recordar e Viver” da High Society que se apresentava.

Letícia lembrou pelo caminho de um médico amigo da família. Seu pai era operário e o Dr. Hernando poderia ajudá-la. Sinais do Espírito Santo? Chegou em casa e todos estavam recolhidos. Colocou bobes novamente nos cabelos, entre inúmeras ideias e um desejo. Ajeitou tudo isso sob um lenço. Tentou dormir.

Aos primeiros raios do alvorecer levantou-se. Aprontou seu cabelo com o pente quente e foi para o Centro da cidade. Foi ao consultório do Doutor Hernando e esperava

aflitamente pelo momento de ser atendida. Paciência não era seu forte. Orava ao Divino Espírito Santo em silêncio e em seu colo estava a bolsa com o terço.

Foi chamada. Fechou a bolsa, lá ficou o terço.

Entrou ela e sua fé.

O médico a recebera com a cordialidade de sempre, perguntou-lhe pelo seu pai e como ele estava. Disse-lhe que estava tomando os remédios conforme havia pedido nos horários combinados. O apetite voltara: estava melhor. Falou sobre o estado de saúde da mãe, que também não era dos melhores. Fernando pergunta se ela continua atendendo crianças no morro. Ela responde que sim. Poucas, porque a saúde não é das melhores.

Dona Emília cosia muito bem. Cosia!

Esgotado o tempo das indagações familiares, sentou-se e perguntou-lhe sobre o que precisava.

De maneira assertiva, como um arqueiro com sua flecha na Guerra de Tróia, respondeu que queria trabalhar no hospital.

O experiente e afetivo médico sorriu.

Perguntou se tinha certeza do pedido.

Não havia tempo para dúvidas. Dr. Hernando deu-lhe o número de telefone das Irmãs.

Saiu dali como a ganhadora única da loteria. Das aquelas de prêmio acumulado.

Foi para o hospital aflitamente. Não havia tempo para telefone. Ela tinha medo daquele objeto.

Perguntou onde estava a Irmã Nilda. A moça do PABX solicitou a presença da irmã de caridade com aquela voz padronizada peculiar: “– Irmã Nilda, favor comunicar-se com PABX...” Repetiu de imediato a mesma frase. Uma tradição das locutoras. Letícia é recebida com um abraço. São conhecidas há muito tempo.

Afetivamente a Irmã lhe explica que tinha uma vaga na...

Como Oxossi, o caçador: mira e acerta a flecha com um “eu quero.” Antes mesmo da irmã falar a última palavra da frase: Lavanderia.

Imediatamente a irmã perguntou-lhe quando iria começar. Letícia, em seu eterno tic-tac, respondeu com um imediato “agora”. Chegou o horário de almoço. Não

sentiu apetite. Pelo menos não falou. Foi avisada que deveria ir para casa almoçar e depois retornar.

Ao chegar em casa disse para “omã” do emprego que conseguira. Explicou que veio almoçar e teria que voltar para o serviço. Omã preocupada, perguntou por onde ela estava. Onde estava a sua menina? Ela explicou que estava no hospital trabalhando. Sua mãe pausou. Pensou. Olhou nos olhos de Letícia e como uma sacerdotisa de Apolo fez previsões catastróficas.

Segundo o coração de mãe não ficaria lá nenhum mês porque não aguentaria. Perguntou-lhe como iria trabalhar logo em um hospital. A mãe falou para sentar e comer. Comeu em pé. Antes de sair, a mãe renovou e aumentou as previsões catastróficas. Não havia tempo para respostas.

Ela desceu o morro rumo ao Banco dos Malandros com a Ilíada e Odisséia na cabeça. As mães...

Será que todos nós temos nossas Guerras de Tróia, nossa Ilíada de Homero com Aquiles, Odisseu, Heitor, Agamemnon, Helena, Menelau, Ajax, Rei Príamo, Sacerdotisas de Apolo e tantos outros e outras?

Até onde um cavalo é verdadeiramente um sinal do deus Apolo?

Seria possível voltar para a ilha de Ítaca, após a intensidade de uma guerra como a de Tróia, numa Odisséia?

Odisseu ou Ulisses. A Letícia e sua Odisséia.

Qual a sua Ilíada e Odisséia?

Qual o seu nome?

Qual a sua História?

É Homero que vai contar tudo?

Quem dá conta de tudo?

Todo dia lavava as roupas dos doentes. Todo dia a dura rotina de uma lavadeira de roupas de hospital. Aprendeu a passá-las com maestria.

Três carnavais se foram. A mãe doente. O pai doente. Não queria que ninguém abrisse alas para o além.

De vez em quando ajudava na cozinha, cobrindo férias e servia alimentos nas

clínicas do hospital. Trabalhou na limpeza. Sempre com um sorriso e a pressa tão peculiar. Parecia uma flecha. Qualquer possibilidade de tempo ela tinha um lugar certo para ir. Ficava na Pediatria, brincando e ajudando as crianças.

Tinha um olhar arregalado, de mãe, observadora, de mira. Não verbalizava sempre o que pensava, mas sempre pensava e repensava o que olhava. Ouvidos em dados momentos era importante fingir não tê-los, principalmente com os adultos.

A Irmã lhe deu um bom dia ao encontrá-la pelo corredor em mais um dia de trabalho. Disse que precisavam conversar.

Não tardou muito a Irmã apareceu na Lavanderia. Disse que precisava de uma pessoa na Pediatria. O rosto de Letícia era um misto de alegria e tristeza. Pensou que fosse para a limpeza no setor.

Imediatamente a irmã entregou-lhe um corte de pano branco e disse que era para ir trabalhar na Enfermagem.

Chegou em casa aflita. Não falou nada para ninguém. Procurou a costureira mais famosa da cidade: “AdonaRosadaCincodejulho” que amava usar vestidos florais sempre longos. Pediu urgência no pedido. Pediu carinho com aquela encomenda. Rosa foi discreta e não perguntou o motivo do pedido. A roupa era toda branca.

Dois dias depois, desvia do caminho costumeiro de volta para sua casa. Saiu da rua dos Operários e adentrou na primeira à direita, na estreita Cinco de Julho. Bate palmas e grita por D. Rosa, que aguava suas plantas, no fundo do quintal, cantando uma música diferente para Letícia:

“Alvo mais que a neve,
Alvo mais que a neve,
Sim neste sangue lavado,
Mais alvo que a neve serei...
Serei!”

Letícia fora ouvida no segundo chamado por Rosa. O portão aberto por Letícia. A porta aberta por Rosa. As duas se cumprimentam.

Experimentou a indumentária. Pagou e agradeceu.

Seguiu pela cinco de julho, estava em frente à terceira casa antes da Igreja de Nossa Senhora Aparecida, Oxum, quando lembrou que havia esquecido sua sombrinha

na casa de Rosa. Decidiu não voltar. Seguiu pela calçada, passou pela igreja e da rua viu Nossa Senhora: pediu a benção e abençoou seu corpo e seus caminhos em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Olhou para a casa de Rosa. Céu estrelado, nada de chuva.

A vida é uma Ilíada e Odisséia.

A noite aos poucos foi se fazendo manhã. No meio da sala aparece Letícia de branco. A mãe em exclamação clamou por Nossa Senhora! Ela calmamente disse que iria passar para a Enfermagem.

Para os cristãos a sutileza do menor versículo da Bíblia: “Jesus Chorou.”

“Omãe chorou.”

Lázaro e Letícia, “Omãe” e Jesus.

Viu sua filha de branco. Degustou aquele momento. Sem a filha perceber correu para o quintal, quebrou um pequeno galho de arruda e colocou-o na bolsa de Letícia.

O que se passa na cabeça de Jesus, Nossa Senhora, Oxum, da jovem Letícia e das mães nesses momentos?

Disse para a mãe que gostava da Lavanderia e que iria para a Enfermagem na Pediatria a pedido da Irmã: “-Ela disse, omãe, que eu era a pessoa ideal para cuidar das crianças.”

Mais três anos se passaram.

Letícia entrou solteira na Pediatria. Enamorou e casou-se.

Ficou grávida e teve um menino. Tempos depois teve outro menino. Seu primeiro filho chamava-se Jardel. Quanta esperança e sonho em uma criança! Letícia não tinha com quem deixá-lo para ir trabalhar. Não havia creches. Contratar uma pessoa para cuidar de seu filho não teria condições financeiras. Faltou alguns plantões. Pensativa, chamou a Irmã e o Dr. Hernando. Agradeceu-lhes por tudo e disse que iria embora. Não gostava de faltar com o compromisso.

O Médico disse para a Irmã dar férias para Letícia: “-Ela está falando coisa com coisa!” Reafirmou o pedido de férias e disse para voltar quando pudesse e quando quisesse.

A sogra de Letícia pediu para ficar com Jardel durante os plantões. Voltou para o serviço. Depois de um tempo o menino adoeceu. Não tinha vaga na Pediatria. Procurou o Dr. Hernando, que pediu para arrumar e liberar o quarto 17 para os dois. Era um quarto particular. Seu filho sarou e foi liberado. E agora, como pagar? Ela procurou o Dr.

Hernando. O Médico lhe disse “-Não esquite a cabeça e cuide do seu pequeno!”. Veio um desconto simbólico no pagamento três meses depois da conversa e mais nada.

Seus conhecimentos de Enfermeira se espalharam pelo morro como sinônimo de carinho e cuidado: um curativo aqui de um operado, o primeiro banho com picão e o curativo no coto umbilical dos recém-nascidos, retirada de pontos, injeções... Tudo sem nunca ter cobrado. Sua mãe, D. Emília, cosia e não cobrava principalmente nos cuidados com as crianças. “Que coso?” Após a resposta do paciente: “- Carne quebrada, nervo torcido e osso desconjuntado” - Volvia a preta, cosendo em cima da contusão: “- Isso mesmo eu coso, em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo e da Virgem Maria.” (MERCADANTE, 1973).

Na Pediatria as crianças eram muitas. As mães não podiam acompanhá-las no tratamento. Só nos quartos particulares ficavam com seus filhos. Eram tantos leitos! Tinha dia que havia de trinta a quarenta crianças para três enfermeiras e a Irmã.

Eram crianças pobres. A maioria da zona rural. Na época de calor enchia tanto... até não caber mais. Muitas crianças morriam de doenças como desidratação.

Dia de visitas era quinta-feira a e domingo. Só!

Na Pediatria tinha brinquedo. As mulheres dos médicos, gente considerada rica, doavam muitos brinquedos e roupas. As Irmãs conseguiam muitas doações. Eram sacos de roupas que chegavam para Pediatria. Letícia se doava para as crianças. Criava um laço de amor e quando as crianças iam embora, sentia algo lhe afetar. O coração gritava: “- Ai meu Deus, ele tem que ir embora!” Parecia que era um filho que estava indo! Mas antes de pensar no que saía de alta, o telefone já tocava para desinfetar e arrumar o berço para outra criança.

Letícia fazia mamadeira, dava banho, comida, remédio... fazia curativo, era um pouco de tudo. Seu horário de sair era às quatro horas. Ela nunca saiu em seu horário. Só saía quando dava comida para os meninos. Sim, nas Gerais “meninos” é para meninos e meninas.

As colegas da Enfermagem falavam que ela poderia ir embora. Não respondia. Dava comida para todos. Saía cinco, cinco e meia, seis... sete... O horário era tão certo quanto as montanhas do lugar. Ela “dava comidinha para cada um dos meninos”. Era sempre solícita com os cuidados daqueles pequenos anjos. Uns já comiam com a própria mão. Os plantões voavam, assim como a vida.

Voltando para casa no seu “Triango” encontrou com a festança contagiante do Boi pintadinho. Ela subindo. Eles descendo em plena batucada. O morro descia inteiro em alegria acompanhando o Boi, as Mulas e a Nega Maluca. As fantasias, as crianças enfrentando em dança o boi, o revezando delas nas mulas, a Nega Maluca como uma boneca de Olinda rodando e agitando seus braços longos. Era mais um carnaval em Carangola. Louzada se esbanjava com mais uma fantasia inusitada e vinha com sua “cobra mandada” no pescoço: seu réptil, uma jiboia de estimação. Cantava alegre sua música e repetia com o povão o refrão: “- Vem ni mim cobra mandada, cê vem doida, mas não vem babando não!”.

Era cantor, compositor, cabeleireiro, pintor, conhecedor dos segredos ancestrais africanos, das “artes do bruxedo”, um homem que gostava de homem e amava a vida! Uma alegria singular. Personificava um tempo, um espaço. Viva São Cosme e Damião com suas balas e tantos doces! Sempre cantando, sempre sorrindo. Um ser infinito particular. Entre o profano e o sagrado: e entre os dois os rótulos. Tambores ecoavam no Triângulo. Salve São João, Vivas a São Pedro! Salve Xangô! As Festas Juninas do bairro alegravam até mesmo a lua que aquilo tudo admirava.

Ele e o “Triango” se confundem em suas estórias. Louzada mandou um beijo e acenou com os braços para Letícia, que sorriu. Ela seguiu caminho. Parou contente e viu a multidão em festa: ela no alto, eles lá embaixo. Era preciso abrir o pequeno portão.

Ao chegar no plantão a Irmã fazia a reza matinal pelo microfone do PABX e todo o hospital a ouvia. Um Pai-Nosso, Uma Ave Maria. E o café da manhã vinha e a vida hospitalar transcorria.

As crianças gritavam pela Tia Letícia. Muitas vezes por um “carrinho roubado”. Sempre acalmava a situação e explicava que tinha carrinho para cada um. Era juíza, advogada, a Tia Professora: tudo dependia do momento.

Sempre havia o pedido de vamos brincar. Sempre havia o relógio e as prescrições. Eram tantas crianças! Todas tinham medo de agulha e quase todas de gente de branco.

Letícia aparecia sempre com uma bonequinha para as crianças. Contava estórias de bonecas. Alguns meninos viravam papais, outras mães. O que quisessem poderiam ser naquele momento de sonho. Dava lápis de cor, dava papel, dava o coração. Tinha uma mesinha com cadeirinhas na Pediatria. As crianças ficavam rabiscando. Os

que estavam melhorzinhos e podiam andar, perguntavam: “- Que letra é essa?” e imediatamente pediam um “- Ajuda aqui”. Outros, com a folha na mão, iam em socorro e perguntava: “Tia, como se faz o gatinho?” Letícia corria e desenhava um gatinho, um carrinho, um cachorrinho, uma maçã...

Maria, Joaquina, Devanildo, José, João, Antônio, Francisco, Sebastião! Os nomes mais variados marcavam aquela alma e coração apressados.

Afeiçoou por uma pequena. Joaquina toda vez que ela passava levantava-se do berço com um pedido no olhar para pegá-la. Estava aprendendo a falar. Era um berço prisão. Sempre dava um beijo na sua testa. O bercinho era ali, ao lado do Posto de Enfermagem. De onde entrava e saía a todo momento, em busca de materiais ou uma veia difícil para puncionar com as colegas e Irmã. Eram especialistas, mas sempre havia choro. Muito choro.

Eram tantas crianças!

O telefone tocou. A internação pediu para desinfetarem e arrumarem um berço. O telefone tocou novamente e desta vez era o Centro Cirúrgico, numa informação rápida e ligeira: “- Podem vir buscar a criança.” Lá vai Letícia em seus passos apressados.

Era uma criança tão linda. Os cabelos castanhos. E os olhos? Estavam fechados. Dormia sob efeito da anestesia.

Letícia perguntou para a colega da enfermagem em seu uniforme de Centro Cirúrgico sobre o que havia acontecido com a criança. A menina estava acompanhada de sua mãe na porta de saída do setor. A Enfermeira encapuzada abaixou o lençol que até então estava na altura do pescoço da pequena e mostrou.

As duas Enfermeiras voltaram com o lençol para o local anterior.

O braço ficou no engenho. Uma questão de segundos, uma questão eterna.

A maca percorreu cada centímetro dos dois corredores, formando um “L invertido”, do Centro Cirúrgico até a Pediatria. Silêncio. No meio do percurso perguntaram para a mãe o nome da pequena.

Mar-ga-ri-da.

Contaram “um, dois, três...” com uma Enfermeira pegando em cada lado do lençol da maca, passaram a criança para o berço e avisaram para a mãe o que nenhuma

pessoa merecia ouvir: teria que ir embora e deixar a pequenina aos cuidados das Enfermeiras e Irmã. Despediu-se da pequena com um toque na bochecha.

Os atendimentos eram inúmeros. Os ponteiros do relógio da Pediatria tinham vontade própria. O olhar sempre a verificar a respiração da menina. Letícia colocou uma bola de algodão na barriguinha da criança. Ela inspirava cuidados.

Faltavam cinco minutos para o horário de visitas. Letícia caminhou para abrir a porta de entrada no setor. A garotinha se levantou, abriu os olhos castanhos claros e na direção de Letícia exclamou: “- O papai vai trazer meu bracinho!”

Com os olhos fixos em Letícia e sem nenhuma resposta, talvez, entre três piscadas de olhos: “- O papai vai trazer meu bracinho?” As colegas de trabalho e a Irmã também esperavam uma resposta.

O que responder para Margarida? Uma garota de cinco anos, com seus olhos resplandecentemente castanhos.

Sem arco, sem flecha, sem pressa, sem mira. Letícia deu um beijo na bochecha da pequena, acariciou seu rosto e cabelos. Olhou o soro que pingava no braço direito e viu que estava sem infiltração.

Caminhou apressadamente para a porta trancada. Abriu a porta da Pediatria para as visitas.

Papai chegaria?

Se chegasse: como chegaria?

5.4 “Divino maravilhoso”?

Caetano Veloso e Gilberto Gil compuseram “Divino Maravilhoso”, uma das minhas músicas prediletas. Uma pérola tropicalista eternizada na voz de Gal Costa, que na noite do dia 13 de novembro de 1968, no Festival de Música Popular Brasileira da TV Record, utiliza os seus agudos de maneira “explosiva”, totalmente diferente da Gal amante do estilo Bossa Nova, admiradora - e ousado dizer seguidora - da afinação de João Gilberto. A cantora, com seu cabelo “black power” e um enorme colar de espelhos como figurino, estava diante de uma plateia dividida entre aplausos e vaias num período tenso da ditadura militar no Brasil. Era uma Gal, que com todo seu referencial “JoãoGilbertiano”, nada tinha de “um banquinho, um violão”.

A música foi apresentada quatro dias antes da edição do Ato Institucional nº5, AI-5, que instituiu a censura, intensificou a Lei de Segurança Nacional e perplexamente proibiu o Habeas Corpus. Este momento é tido como o início da segunda fase do regime ditatorial.

A guitarra elétrica e a voz de Gal numa sintonia perfeita, num *Rock in roll* valente, bastante forte. Nas ruas, as mobilizações populares contra a ditadura. Multidões de trabalhadores, estudantes e intelectuais faziam o país fervilhar.

A ditadura foi um câncer municipal, estadual e federal. Além de todas as barbaridades cometidas pelo regime, penso não poder esquecer que uma sociedade ditatorial possui “ardilosidades ditatoriais cotidianas”.

A canção inicia em seu primeiro verso com “Atenção ao dobrar uma esquina”. A palavra atenção vem repleta de significados. Na minha cabeça, remete-me ao medo ao enfrentamento. O cotidiano e a ditadura. Uma ditadura no cotidiano...

Existe uma ditadura dos porões. Existe uma ditadura que não fala e todo mundo sabe e sente. A vida cotidiana segue seus caminhos A rotina hospitalar segue esta dinâmica também.

“Divino Maravilhoso”? é um diálogo existencial de vidas que se entrecruzam, da morte, da sobrevivência, de espoliação, do que está na terra, do que está no céu, do subentendido, do humanamente doído e “doível”. É real, surreal, entre a cruz, entre pinças, entre a necessidade de sobreviver. Parece-me uma boca tampada que quer gritar.

Resistência.

Tocou-me a humanidade de Paula, a Carinhosa.

Eu não tenho a chave para esta metáfora. Você tem? Tudo entre o prego e o pão.

“- Atenção!”

A portaria da Casa de Caridade estava lotada. Era horário de visitas e as pessoas se aglomeravam para visitar o amigo, o filho, a mãe, o pai, a vovó, o tio, a sobrinha, o primo, a vizinha, o acidentado, a operada, a criança enferma, o desenganado, as criancinhas recém-chegadas ao planeta, a desconhecida, o desconhecido...

Tudo tem uma outra dimensão quando somos ou nos permitimos ser.

Tinham aqueles que se preparavam para um até breve ou uma última despedida. Olhares curiosos, falas contidas. Outros empoderados no dizer popular “de Médico e Louco todo mundo tem um pouco”. Pessoas da cidade, da região. Trabalhadores das cidades pequenas, Trabalhadores Rurais. Tantos cafezais ocuparam a Zona da Mata Mineira!

Era domingo. Os Médicos reviam os pacientes, davam orientações e prescreviam em silêncio. Dia de visitas geralmente havia muita alta e as famílias levavam para casa seus familiares. Juntavam seus pertences guardados em bolsas de viagem ou simples sacolas que ficaram ali, com eles, guardadas nas pequenas mesas de cabeceira.

Nos olhos e na boca palavras de despedida, de gratidão. Outros, pouco ou nada diziam. Eles se vão em cadeira de rodas, de muletas, de maca ou deambulando.

Aos que precisam ficar mais tempo, a saudade lá de fora. Saudade daqueles que por motivos como distância e dinheiro, dia após dia de visita, não viam mais os seus.

Os visitantes entram e se espalham pelo espaço, pela complexidade das enfermidades, pelos estados e fisionomias sem igual: de quem vê, de quem é visto. Naquela cama, bem pertinho, um ser humano aparentemente sem consciência, edemaciado, com sondas, uma perna amputada, com uma placa sobre o leito com o nome. O visto deixa de ser visto em fração de segundos em gavetas.

Tantos substantivos, adjetivos, advérbios, pronomes e artigos variados que escrevem no papel alma a efemeridade.

Esqueci do verbo... esse danadinho! Esquecer.

E como e quando se conjuga os verbos viver e morrer? Costuma ser “inflexível”, pode ser “libertador”. Qual o seu? Não sei qual vai ser o meu. Vai ser possível escolher? A vida para muitos um tempo a mais, para outros ali um estado terminal.

Esquecer.

Aos que se despedem a alegria: tim, tim!

“Gavetas do surrealismo”? Tudo se esvai no tempo e no espaço?

Todos nós temos nossa ampulheta!

Nas enfermarias as possibilidades do “verbo se fez carne”. Tudo tão próximo e sem cerimônias! Talvez a formalidade de um biombo. Ele em si já dizia muita coisa. O biombo poderia ser também o silêncio ou palavras: peneiradas, maquiadas, comedidas, fragilizadas.

“A esperança é a última que morre”, diz o saber popular brasileiro.

Uma Caixa de Pandora?

Após os pulmões se encherem de ar pela primeira vez no choro do bebê, no último momento da existência vai embora o fôlego da vida.

“A vida é um sopro”, disse Oscar Niemayer.

O sopro da vida dado por Deus, o sopro de vida dado por Olorum.

No cotidiano hospitalar um leito desocupado, uma possibilidade, uma nova realidade, um universo paciente. O tempo senhorio de uma casa emprestada chamada corpo: do barro de Jeová, na criação de Adão e Eva, do barro do fundo do lago, de Nanã dado para Oxalá para criar os seres humanos.

A fé em grão de mostarda das Sagradas Escrituras.

A fé em lavouras de café.

O que você tem?

A fé e a realidade:

Vertical, horizontal.

Para onde você vai ?

Você pediu para a Cigana ler sua mão?

Rosa dos ventos.

Rosa da Vida.

O Barro para Nanã tem que voltar.

“Do pó viestes, ao pó voltarás!”

O café com pão do operariado,
do morador da Rua da Favela no
Triângulo, da Cinco de Julho,
do trabalhador da roça.

O suor, a enxada e a moeda não comungam.

Pouca intimidade?

A marmitta e o estômago. Tudo tem sua hora.

Você reza:

“E perdoai as nossas dívidas!”

Assim não nos perdoa o capital.

O que você vai ser quando morrer?

Podemos “prosear” mais um pouquinho?

Paramos por aqui?

As pessoas vão adentrando. Logo após a Portaria, o caminho mais procurado pelas visitas era a rampa do hospital ou a escadaria próxima ao acesso da Maternidade e Berçário. Um hospital numa colina onde o que parecia ser o primeiro andar era o terceiro. O quarto andar poderia ser o segundo. Depende de onde você está ou da nomeação dada.

Quem quisesse também teria a opção do elevador com ares da década de 60, local de interesse ou medo de quem nunca tinha andado em um. De elevador poderia percorrer todos os andares. Para quem fosse para o segundo e primeiro andar, uma linda escada de mármore os aguardava, se a opção não fosse o elevador.

Para o quarto andar a maioria preferia a escada ou a rampa de dois lances ascendentes. Ao final da primeira, um “retrato de Nossa Senhora”. Ao final da segunda, o Cristo Crucificado ensanguentado, gigantesco, parecia ainda vivo.

INRI: Jesus Cristo Rei dos Judeus.

Você encontrou?

?
O
i
n
f
? O i n c o n s c i e n t e c o l e t i v o ?
n
i
t
o
p
a
r
t
i
c
u
l
a
r
?

Ao ver o Cristo Crucificado poderia seguir para a direita e ir para uma das partes da Clínica Médica A. Para a esquerda, uma sala de uso coletivo. Mais alguns passos, a Pediatria e teria que escolher: direita ou esquerda. Para a direita o CTI, a Clínica Cirúrgica B, o “Beco dos Aflitos”, o Centro Cirúrgico e a outra parte da Clínica Médica A. Se não quiser ir, neste caso pode voltar. Neste caso...

Um hospital labirinto.

Aos desavisados, curiosos ou desatentos: próximo à rampa de subida à esquerda, perto de um bebedouro, tem uma outra rampa que vai

d

e

s

c

“endo”

para o

Isolamento

e

Necrotério

Para a Pediatria?

As crianças despertavam um carinho especial de todos. Até daqueles que não tinham um amigo ou familiar internado. Pessoas imbuídas de afeto e caridade procuravam os pequenos.

A porta da Pediatria foi aberta por uma linda Enfermeira Negra: seu nome era Hélen. Um dia nunca será como outro. Um dia nunca volta. Parece óbvio, mas “engavetase”.

A Enfermagem e as Irmãs dando atenção para todos. Era preciso tentar mediar problemas e dar continuidade aos cuidados. As pessoas se misturavam. Queriam por alguns momentos dar toda atenção possível. Estar próximo na oportunidade da “proximidade real de um tempo”.

A voz clássica da locutora anunciou em tom padronizado e doce o último grão de areia de uma ampulheta:

“- Senhores Visitantes: neste horário encerra-se o período de visitas. Solicitamos a todos a deixarem as dependências do hospital após este horário. Agradecemos a sua visita”. Repetiu a fala, como sempre.

A locutora deu dois dois toques de dedo no microfone: “Doutor Aníbal, favor comparecer com Urgência no Isolamento... Doutor Aníbal, favor comparecer com Urgência no Isolamento.”

Não diferenciavam urgência de emergência e todos entendiam.

Um casal passa atribulado pelo corredor. O que seria? Sobre quem? Naquele dia...

Viu!?

Um óbito no Isolamento. Era o único e último paciente de Paula.

Honrou a roupa branca.

Paula pediu para o Enfermeiro da Clínica Médica A um auxílio na manobra de ressuscitação e no tamponamento. O amigo foi buscar a maca. Estavam no pavimento superior do Isolamento. O outro acesso era através de escadas. Era necessário descer a rampa com o paciente.

Uma mão pegou a chave na Internação.

A maca descendo a rampa com aquele barulho sofrido parecia que ia escapar das mãos da Enfermagem.

A mão abriu a porta. A maca entrou. Cada Enfermeiro de um lado seguraram o lençol sob o paciente... os dois contaram “um, dois, três” e em consonância colocaram o corpo sobre o frio mármore do Necrotério. Paula retirou o lençol que cobria o rosto. Reviu a face e tampou novamente. Ajeitou a identificação.

A mão fechou a porta.

Subiram a rampa.

A mão pendurou a chave.

Balançou e parou em meio a tantas outras inertes na parede.

Ela voltou ao seu lugar de origem na Internação.

No hospital, quando se fala que está tudo calmo, sempre alguém diz que é para “calar a boca”, pois a calma se reverteria em correria.

Regra de marinheiros em alto mar?

A tempestade assusta tanto quanto a calma?

Ausência de ventos...

A Casa como um todo estava no clima rotineiro de uma tarde de domingo. A expectativa era das internações nas Clínicas Cirúrgicas para as cirurgias eletivas de segunda-feira. Nas Clínicas Médicas, após as altas, a ocupação das vagas por pacientes encaminhados por seus respectivos Doutores. Mesmo assim, geralmente dava tempo para verbalizar sobre a vida, expor as alegrias e frustrações.

Ouvir. Principalmente ouvir.

Ir para um quarto e conversar com um paciente e delongar.

Cortar um cabelo. Fazer a barba do vovô e conversar sobre o problema pulmonar dele com aquele dedo bem amarelo cinza de tanto fumar.

Ele não se aguenta e pela manhã pita um cigarrinho, fumo de rolo, escondido, no banheiro, como se estivesse lá no meio do cafezal, no pasto, em meio às memórias e ao vício cotidiano.

Transgredia a morte em vida ou a vida em morte?

Muitas altas, poucos pacientes para ocupar as vagas.

Calmaria.

Paula e sua eterna vontade de “ir lá ver”.

Uma imensa vontade de servir ao outro.

Era famosa por puncionar veias quase impossíveis.

Algo sempre a impelia para a porta do seu setor no “primeiro pavimento”, perto da Radiologia, do Pronto Socorro e da Portaria. De lá ela via quem ia para a direita ou para a esquerda. Ficava sozinha na Enfermagem do setor.

Sentia-se isolada também?

Quando tudo estava calmo, ficava olhando se alguém precisava de alguma coisa.

Paula não ouviu e ainda não viu a ambulância que passou pelo trevo da cidade, atravessou-a passando pela rua principal, dobrou à esquerda do Jardim...

Ela ouviu agora a sirene.

O veículo sobe a colina de frente para a Prefeitura com aquele som, com aquelas luzes acesas em tons de vermelho. Ela se aproxima juntamente com os colegas do Pronto Socorro.

A porta é aberta rapidamente.

“- O que aconteceu?”

Outros carros começam a chegar com mais feridos. Um acidente de trânsito. Um ônibus vindo do Nordeste virou na BR 116, na “Rio-Bahia”, no Distrito de Fervedouro, cerca de 30 quilômetros do Hospital.

As Irmãs direcionavam-se para o setor.

Era preciso um esforço coletivo para salvar vidas.

Lá estava Paula e sua vontade de ajudar.

Junto com os acidentados, veio a notícia de corpos no local, ainda presos nas ferragens do ônibus. Tinham corpos estirados à beira da estrada.

A porta de uma outra ambulância foi aberta: trouxe um ferido que não aguentou chegar ao hospital com vida. Ele é retirado rápido. A ambulância precisava voltar.

Haveria como reanimá-lo?

Choro, lágrimas, desespero, suturas, intubações, soros, veias, provas cruzadas para sangue, punções venosas quase milagrosas, radiografias, compressas, ataduras, a carne, o verbo, a alma...

A locutora do PABX o tempo inteiro ao microfone. Sua voz calma e ininterruptamente emergencial chamava a Dona Vida.

Médicos, Irmãs, Enfermeiras, Pacientes em Biografias entrecruzadas.

As macas e pessoas de branco pareciam ter asas e voavam.

A Telefonista intercolutava as galáxias!

Paula foi puncionar uma veia de difícil acesso. Ninguém havia conseguido em seis tentativas.

Seria necessária uma punção na jugular pelo Médico ou pela Enfermagem?

Seria necessário chamar o Cirurgião para uma dissecação de veia ou subclávia?

O “garrote” no braço, a veia, o scalp 19, o desafio.

Ela e a veia.

Paula foi certa!

Sutil como uma borboletinha.

O sangue voltou pela borracha do *scalp* rapidamente. Retirou o tubo de ensaio do jaleco para colher o precioso sangue para prova cruzada e Fator RH.

Entregou o tubo de ensaio para o colega do Banco de Sangue. Logo após conectou o equipo de soro no *scalp*.

Abriu o gotejamento com uma mão enquanto segurava as asas da borboleta com a outra.

Era preciso administrar soro fisiológico em grande quantidade numa rápida transfusão e assim que a prova cruzada ficasse pronta e o Banco de Sangue encaminhasse o valioso fluído iriam ministrá-lo.

Fixou a veia com esparadrapo.

Olhou para o lado e viu uma criança.

Tinha de sete para oito anos.

Quem a trouxe?

Qual carro?

Teria vindo na ambulância e com quem?

Um curativo na cabeça.

Ninguém estava bem ali.

Estaria naquele local sentada há muito tempo? Ela passou por ali tantas vezes...

Paula e Bebeto levaram o paciente para o Centro Cirúrgico. Correram pelos corredores para o elevador.

Irmãs e Médicos davam a voz de comando.

O que é ego quando a vida e a morte estão tão íntimas?

Paula retorna para o Pronto Socorro descendo pela rampa. Em sua mente, a criança no corredor.

Horas se passaram desde a abertura da porta da primeira ambulância. Ela foi se aproximando.

A criança não a percebeu enquanto ela caminhava com sua vestimenta branca em sua direção, no corredor, sentada numa cadeira de madeira.

Descabelado, empoeirado, rasgado, acidentado, repleto de interrogações.

Colocou a mão na cabeça da criança.

Ele olhou para a Enfermeira.

Quem seria?

O que faria com ele?

Na face, a mistura de poeira e lágrimas.

Paula perguntou, olhando nos olhos do pequeno: - Qual seu nome?

- Cadê minha mãe?

A Enfermeira desviou os olhos.

Desviou o olhar talvez para direita, para esquerda, para cima, para baixo, para o infinito, menos para aquele pequeno olhar.

Passou as mãos nos cabelos empoeirados.

Foi ficando com a criança.

A cada pergunta do menino foi aparecendo respostas com Papai do Céu.

- Pede para “Papai do Céu”.

- Confie em “Papai do Céu”.

- Segure na minha mão e pede para “Papai do Céu”.

- Cadê minha mãe? – Perguntou o pequeno.

O diálogo volta para “Papai do Céu”.

- Qual seu nome? Perguntou novamente Paula.

- Joel, cadê “minhamãe”?

O Médico plantonista do Pronto Socorro que passava rapidamente orientou Paula para observá-lo. Era um traumatismo craniano. Se vomitasse, ficasse confuso ou qualquer coisa era para chamá-lo rapidamente. Já não havia vagas.

Sua mãe fora para a Tomografia e de lá para o CTI, acompanhada pelo Neurologista da instituição, que já analisava o caso para uma cirurgia de emergência.

Na correria, muitos pacientes foram encaminhados imediatamente para o Centro Cirúrgico, onde o Neurocirurgião, Ortopedistas, Cirurgiões Gerais já estavam em Cirurgia com suas equipes.

- Vocês estavam indo para onde? Perguntou Paula.

- Vamos para São Paulo.

Lúcido e orientado? Lúcidos e orientados no tempo, no espaço?

A confusão ali estava instaurada.

Joel pergunta novamente pela mãe.

Paula volta com o Papai do Céu.

“Assim na terra como no céu”?

A chave do necrotério saiu da internação e a porta estava aberta.

A chave estava íntima com a fechadura.

A mão esqueceu?

Quem daria conta de fechar aquela porta?

Paula queria ficar ali o tempo inteiro pertinho do Joel. Já eram onze horas da noite. A criança teria que fazer um exame de tomografia.

A conduta era deixar o paciente na sala de exames onde um vidro separava os profissionais numa sala protegida contra os raios.

Paula decidiu pedir ao Neurologista a permissão de permanecer ao lado da criança durante o exame:

- Ele está se apegando a mim! “Deixa eu” entrar para “ele deixar” fazer a tomografia. Está desesperado sem a mãe.

A resposta veio:

- Carinhosa, pode ficar com ele.

O Neurologista comentou com ela:

- Você pegou para você, Carinhosa?

A Carinhosa sorriu.

Montaram uma cama para ele na Pediatria.

Paula explicou para o garotinho que Mamãe também estava numa cama sendo tratada para ficar bem.

Ela ajudou a levar Joel para a pediatria na maca, bem devagar.

Deu um beijo nele e disse que voltaria para vê-lo.

A Enfermeira do setor chega rapidamente com uma placa escrito: Dieta Zero.

Parece que foi ontem... Letícia já havia deixado a Pediatria. Trabalhou na Maternidade.

Letícia chegou esbaforida para bater o ponto e subir para o Centro Cirúrgico.

Encontrou com Paula.

Deram um abraço e subiu rapidamente para seu novo setor. Uma acidentada precisava ser operada: estava grávida.

Letícia ajudou muitas crianças a chegarem ao planeta na Maternidade. Cuidou de inúmeras mães. Viu muitas saírem felizes com seus filhos. Atendia os quartos das pessoas com condições mais favoráveis e também as Enfermarias, onde muitas mães

quase nada ou nada tinham para vestir seus filhos. Sua vida profissional foi para outro setor enclausurado e desafiador: O Centro Cirúrgico. Local tão temido. Com saberes e fazeres específicos. Um local onde a Casa Grande e Senzala se encontram de maneira sutil em relações de poder extremamente complexas.

Vivemos em um país de tradição e feridas escravocratas.

A Irmã pedia para as novatas circularem a sala de cirurgia, acompanhar e observar as mais experientes. Lavar materiais cirúrgicos em molho nos gigantescos baldes. A escova e o sabão: pinça por pinça, material por material. Este momento poderia ser também de aprendizagem. Ajudavam na esterilização, onde o material, após lavado e seco, era devidamente acondicionado em um pano mais fino e depois um mais espesso, duplo e padronizadamente arrumado. A sala de esterilização era um inferno insuportável de tão quente! Além do instrumental, os panos cirúrgicos e as compressas vinham da lavanderia em trouxas para serem, uma por uma, dobrada conforme a técnica. Tudo impecável. Todos os pacotes tinham que ser finalizados com “uma fita de teste para autoclave”. Ela tinha uma coloração que após passar pelo processo de esterilização na autoclave, mudava de cor. Nesta fita assinavam o nome e colocavam as datas. O material tinha um prazo de sete dias de validade. Acondicionado os materiais na autoclave e passado o tempo de esterilização era preciso abri-la cuidadosamente e não deixar o material molhar. Se molhasse comprometia todo o trabalho, que deveria ser totalmente refeito.

Tudo aquilo envolvia muito trabalho e compromisso.

O material básico das cirurgias, revestido em panos, era chamado de Caixa Básica. Ela já conhecia todas as pinças da caixa.

Tinha os fios e outros materiais, mas o básico ela sabia assim como a respectiva quantidade de cada pinça:

“Cabo de Bisturi,

Tesoura Curva *Mcsembauer*,

Tesoura

Reta,

Porta

Agulha,

kelly Curva,

kelly Reta,

Allis,

Kosher,

Dente de Rato,

Dissecção,

Farabelf,

Bacause...”

Pinça poesia?

Gazes, compressas e materiais específicos para cada cirurgia. É muito material, é muita informação!

São inúmeras cirurgias e cada cirurgião com seu padrão e conduta.

Os tempos cirúrgicos de uma boa instrumentadora são outro desafio. Observar as mãos do Cirurgião.

Muitos operam e pouco verbalizam com a instrumentadora.

“Falam com a mão”.

As mãos “falam” através de sinais em meio a sangue.

Quando treinada, já acompanhando os tempos cirúrgicos, antes de falar ou fazer o sinal, a pinça já estava nas mãos da Instrumentadora que, em segundos, a mão aberta do cirurgião já recebia com firmeza o material.

Era necessário dar uma firme batida com a pinça na mão, parecia mágica: se encaixava rapidamente nas mãos do cirurgião e seu auxiliar.

A Irmã atenta a tudo sempre dizia para Letícia, quando sobrava tempo, para observar as Instrumentadoras:

“- Preste atenção em tudo, vai chegar a sua vez de instrumentar.

Naquele dia era diferente. Foi chamada em casa por um vizinho na Rua dos Operários.

Em sua casa não tinha telefone.

Aquele objeto que faziam trim-trim era coisa de “gente fina”.

Disse para a Carinhosa ir para casa com Deus descansar.

Letícia entrou no estiloso elevador.

Saiu de frente para o Centro Cirúrgico.

Foi direto para o vestiário: põe o roupão, a toca, a máscara.

Dirige-se para a porta do Bloco onde o balde com o propé a aguardava. Colocou um em cada pé.

Abençoou o corpo com o sinal da cruz e entrou.

As Enfermeiras estavam todas ocupadas nas várias salas de cirurgia. A primeira sala a desocupar entraria a Cesariana.

Doutor Amando disse para a Irmã:

- Letícia que vai me ajudar na instrumentação.

Seria sua primeira instrumentação. Ela ficava sempre de circulante, dando assistência na sala de cirurgia, dando materiais estéreis para a Instrumentadora, auxiliando o anestesista, entregando fios de sutura, observando e cuidando dos pacientes...

O cirurgião aguardava a chegada do Anestesista no vestiário masculino.

Procurou a Irmã e disse novamente:

- Tem que ser agora. O caso é grave.

A Irmã conversa com Letícia sobre a situação.

Apreensão. O impacto psicológico. Os segundos...

A paciente chegou. Foi direto das mãos da Enfermagem de branco para a Enfermagem Azul do Centro Cirúrgico. Foram para a sala de cirurgia. Passaram-na para a estreita mesa de cirurgia.

Se fosse um caso comum iriam conversar com a paciente, assentá-la na mesa e diriam geralmente, em tom baixo, como era o procedimento para a Anestesia Raquidiana ou Peridural. O Anestesista escovaria, passaria álcool iodado e o álcool a 70% nas mãos que erguida para cima, formaria um ângulo com o cotovelo. Sairia da sala de escovação pingando pelo chão o álcool. Chutaria a porta da sala de cirurgia. Secaria as mãos, calçaria a luva estéril enquanto a Auxiliar de Anestesia abria o material estéril. Ele com toda atenção pegaria uma seringa de vidro de 20ml e uma agulha 40x12, assombrosa e eficaz, aspiraria todo o conteúdo das ampolas para o procedimento. Apalparia com maestria o espaço acima da crista ilíaca e com uma agulha 25x07, após o aviso “de uma

agulhadinha”, iniciaria o procedimento para anestésias locais. Após “a anestesia” realizada, verificaria de fato o êxito do procedimento. O teste poderia ser com gelo ou uma pinça dente de rato... Um *trendeleburgo* ou *antitrendeleburgo* poderia ser necessário.

A mesa com a paciente poderia ser colocada rapidamente a pedido do Anestesista

para

b

a

i

x

o

Ou para

c

i

m

a

Ali era uma Emergência. Não dava para esperar. A paciente deitada na estreita mesa de cirurgia. Naquele caso a paciente já estava entubada ligada ao “carro de anestesia”, inerte... não precisaria de

trendeleburgo ou

antitrendeleburgo.

Era preciso operar rápido.

Veio a voz da Irmã:

- Letícia vai escovar para instrumentar.

Você escovaria com a Letícia?

A Irmã estava ao seu lado na sala de escovação. Letícia abriu a torneira com o cotovelo. A água estéril escorre e faz borbulhas na pia de inox. Terminada a escovação lava as mãos e com outro toque de cotovelo fecha a torneira. Banha suas mãos duas

vezes na bacia com álcool iodado e depois na bacia com álcool 70%. Dá o seu primeiro chute na porta com as mãos erguidas para o “céu”. É um chute clássico, cotidiano. Não para ela. A assepsia da paciente estava quase pronta pela colega que lavou a linda barriga com água e sabão e, com uma outra compressa a secou. A bandeja com duas cubas redondas com algodão embebidos em álcool iodado com uma longa pinça aguardava para finalizar a assepsia cirúrgica. Ficou pronta. A paciente estava pronta para receber os lençóis estéreis. A mesma colega circulante rapidamente corre, oferece compressas e abre o pacote com os panos estéreis para Letícia. Ela seca as mãos, seguindo a técnica de não contaminação. Pega o capote pelo lado de dentro da indumentária. Um braço numa manga, outro braço noutra manga. A Irmã volta para a sala e amarra o capote enquanto Letícia calça rapidamente e sem contaminar a luva. Elas na sala de cirurgia ouviam a água correr na sala de escovação, onde os Cirurgiões também se preparavam. Cobriu a “Mesa de *Mayo*”. Cobriu a mesa curva. Arrumou a caixa básica na ordem. O material todo em inox reluzia! Abriam um bisturi nº 24 que só de olhar parecia cortar. Seus dedos o tocaram sem contaminar, a parte cortante da lâmina virada para quem a entregou. Pegou o cabo de bisturi e encaixou a lâmina assertivamente. Pediu uma Tesoura Curva para deixar sobressalente. Algumas tesouras são “cegas”. Abriam a caixa de agulhas. Ela com a Pinça Dissecção escolheu seis agulhas curvas: três cilíndricas, três cortantes. Finalizou selecionando duas agulhas retas um pouco parecidas com as de costura. A colega fecha a caixa e a guarda. Letícia pega o “Porta Agulhas” e encaixa as agulhas curvas firmemente. Olha para os pequenos orifícios. Em harmonia com seus óculos passa os fios, prende-os e na medida certa os corta e guarda os carretéis. *Catgut*, cromado... Alguns fios vem com agulha, mas tem algumas que não agradam o cirurgião. Linho ou *mononayon* para a pele. Deixou os dois Porta Agulhas montados para as primeiras suturas no útero. Com a mão enluvada pegou o primeiro pano, um “lençol fechado”, e cobriu a paciente dos pés até a cintura. O segundo lençol era fenestrado. Não poderia ser depositado na face da paciente por uma questão de respeito. Era necessário deixá-lo nas mãos de alguém para delimitar o contaminado, do não contaminado. O espaço da cirurgia, o espaço do Anestesista. O ser humano, totalmente humano. As mãos do Anestesista ou da Enfermagem deviam receber o pano, abri-lo em sintonia com o instrumentador. Depois amarrá-lo entre dois suportes, sem contaminar o campo cirúrgico. A mãe deitada estava sob uma madeira parecida com a parte horizontal de uma cruz com os braços contidos e monitorada. Letícia posiciona a Mesa de Mayo à

sua frente, detalhadamente organizada com as pinças, a colega ergue a mesa e a põe sobre as pernas da paciente. A mesa curva às suas costas repleta de materiais: pinças sobressalentes, gazes, compressas, afastador, *clamp* para o umbigo do bebê. Foi se posicionando. Dois chutes seguidos na porta da sala. Capotes, luvas para os Cirurgiões. Eles posicionam-se. Letícia estava com os quatro pequenos campos arrumados com as “*bacauses*” prontas para entregar. Fixam um por um ao Lençol fenestrado. Uma compressa para o Cirurgião, uma para o Auxiliar. Uma para ela. O Cirurgião à sua frente fez sinal com as mãos para receber o bisturi. Incisão de laparotomia: gigantesca, de emergência. O Cirurgião Auxiliar ao seu lado já estava com a mão em sinal de *kelly* Curva. Letícia percebeu que o Cirurgião pinçou um vaso sanguíneo e já estava com o carretel de fio *catgut* para amarrá-lo. Amarrado o vaso, ela pega a pinça com a mão esquerda e imediatamente segura a tesoura reta com a mão direita. Entrega-a com um ligeiro tapa para o Cirurgião Auxiliar cortar o fio. É preciso seguir. Cortar. A tesoura curva estava cega. O Cirurgião Auxiliar pigarreou. Ela viu a sobrancelha dele também se expressar. Letícia pegou imediatamente a tesoura sobressalente na Mesa Curva e firmemente entregou na mão do Médico. Quando ela piscou, o útero já estava ali na sua frente, tão perto. Entrega o Afastador e a Válvula Suprapúbica. A delicada incisão no órgão. A pinça Kelly... Quando Letícia menos esperou lá estava a criança fora do útero. Ficou emocionada. Mas não havia muito tempo para se emocionar. Era tudo tão rápido! O bebê nas mãos do Cirurgião Auxiliar: uma mão segurando os pezinhos, a outra a cabeça para baixo e fletida. Uma vida. Letícia coloca o *clamp* umbilical. O Cirurgião corta o cordão umbilical e o Cirurgião Auxiliar entrega o pequeno nas mãos do Pediatra. Todos tinham pressa para a criança chorar. Anestesia Geral numa paciente gestante é último recurso. O bebê foi estimulado, aspirado, oxigenado e... chorou! O material de entubação do bercinho móvel que a recebera, mais uma vez não precisou ser usado. Que alívio! Terminado os primeiros cuidados com o bebê, os primeiros panos envolvem firmemente a criança. “-Linda!”, disse a Enfermeira para o Pediatra. Era preciso terminar a Cirurgia da mãe. Aquela mãe não teve como ver, emocionada e aflita, o seu neném. O bebê foi para as mãos da Enfermeira do Berçário, que aguardava na porta do Bloco Cirúrgico. Letícia concentrada no que estava fazendo... Passo a passo.

Terminada a cirurgia, fez o curativo rapidamente. A paciente não foi para a Sala de Recuperação do setor. Saem rapidamente da Sala de Cirurgia com o Anestesta

ambusando a paciente. Foram todos para o CTI. Na papeleta o nome dela: Rute de Oliveira.

Ninguém pronunciou.

“Precisa ter olhos firmes para este sol, para esta escuridão”, poetisa Caetano e Gil, na Voz de Gal Costa, em Divino Maravilhoso, no radinho do vestiário das Enfermeiras. Estava bem baixinho.

Será que alguém ouviu?

A sacola de pão pendurada num prego e o radinho numa mesa abaixo.

O tempo, a prática e o esforço foram aprimorando a vida profissional de Letícia. Depois que ela aprendeu o serviço, passou a ensinar. Ensinava e sentia-se bem com isto.

Verbalizava que “não tinha estudo”, que não tinha nada e estava “ensinando” para outra pessoa. “Deus havia lhe dado o dom de ensinar”.

Milhares e milhões em Letícia! Uma capacidade que parecia ser o oposto dela para alguns.

A “Caixa Básica” e os nomes estrangeiros aportuguesados: saberia escrevê-los?

Cada um tem uma História. E a de Letícia?

Todo dia o trabalho...

“-Atenção!”

5.5 Gotejamento: cotidiano e cuidados

Encontrei Bebeto passeando com um cão na famosa “Ponte Quebrada”. Calma... Em Carangola existe uma ponte que é nomeada quebrada, mas está perfeita. Soa estranho para quem não é do local. Era noite. Ele passou num lado, eu no outro. Eu num sentido, ele no outro. Cada um para uma margem e um lado. Nos cumprimentamos como sempre. Segui meu caminho e pensei: será que ele e a Paula aceitariam o convite de sentarmos e conversarmos sobre o período que trabalharam na Enfermagem? Decidi voltar. Atravessei a Ponte Quebrada, mas não o encontrei. Perguntei para Letícia e Maria de Lourdes onde eles moravam.

Subi o morro do Triângulo. Ele me atendeu na janela. Conversamos sobre a Pesquisa. Marcamos uma data para conversarmos.

Ouvi-los foi tão bom quanto ouvir Milton Nascimento. Os dois aposentados na Enfermagem não estavam “nem aí” para o gravador. Cachorros latindo, crianças chamando na janela para comprar sorvete e a conversa simplesmente fluía. Como aprendi: na tecitura da conversa.

Bebeto e Paula, a Carinhosa, marcaram um tempo com o amor que tinham pelos pacientes. Nunca aderiram ao “modismo de cliente” no tratamento com o paciente.

Pessoas simples, sábias e educadas.

Muitas pessoas se negaram em conversar, aceitar gravar e assinar o nome no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Lembrei-me de duas Atendentes de Enfermagem que moram no Bairro Aeroporto. Uma comunidade num morro bastante alto, com uma das mais belas paisagens de Carangola. Entrei no ônibus e assim que cheguei perguntei:

- Onde mora a Hélen?

- Qual Hélen?

- A Enfermeira.

A palavra Enfermeira foi praticamente uma chave. Cheguei ao local indicado. A família me acolheu com grande amor. Minha amiga de oito anos de profissão juntos em plantões intermináveis.

Abriu um sorriso, abriu os braços, abriu o coração. A pele negra, os cabelos todos brancos. Nós nos abraçamos como dois “irmãos amigos”. Há anos que não a via. Perguntei por Heloísa. Sentamos. Falei sobre o Mestrado e a Pesquisa. Elas ficaram muito felizes. Indaguei sobre a possibilidade de agendarmos juntos uma conversa. Hélen disse: “- Quando você desejar. Pode ser até agora.”

Heloísa, mais tímida, de pouquíssimas palavras. Percebi em seu rosto o acolhimento.

Hélen verbalizou que após aposentar permaneceu no hospital por um tempo na ativa. Começou a trabalhar todos os dias quando praticamente era uma menina! Tinha horário para entrar, mas nunca sabia o horário de sair ou quando iria almoçar. Quando deixou a profissão, após um período de meses, ela começou a sonhar com a Casa de Caridade de Carangola. Perguntei para ela:

“-Se fosse possível voltar no tempo, retornaria e trabalharia na Enfermagem novamente?”

“- Só se fosse na época das Irmãs de Caridade.”

Heloísa tímida, misteriosa, sutil. Que vida!

“- Eu consegui aposentar trabalhando no hospital!” - Revelou Heloísa

Ao ouvir os seis Atendentes de Enfermagem percebi que eram de gerações diferentes, mas se encontraram no cotidiano dos cuidados. Leticia, Maria de Lourdes, Beбето, Paula, Hélen e Heloísa. Nossas vidas marcadas pela Enfermagem. O fato de todos os dias da minha vida lembrar de algum episódio ocorrido durante os anos dedicados ao cuidado era recorrente nos relatos deles também. Pensei que fosse somente comigo. Cheguei a pensar em fazer uma terapia.

Escrevendo sobre a sabedoria e pedagogia da Carinhosa, com Leticia, vi os soros pingando todos ao mesmo tempo nos quartos da Enfermaria. Pensei em deletar quase tudo. O título era Gotejamento. Repensei: gotejamento é o cotidiano em relatos sobre o cuidado gota a gota.

Nós nos reencontramos na vida e na escrita de *Chronus*, após mais de uma década. Uma experiência epistêmica inesquecível!

Bebeto e seu avô vêm as revoadas de andorinhas. Eles estão atravessando a Ponte Antônio Themudo. Beбето cuida de seu avô.

- Veja Beбето, que beleza! São muitas! Vários bailes!

Uma mão no ombro de Beбето e outra na Bengala. Lá vão os dois em passos lentos, flanando a vida.

Carangola com suas andorinhas.

“Uma andorinha só não faz verão”.

Era Dia de São Cosme e Damião. As crianças coloridas, como as fitas dos estandartes dos Santos, corriam em busca de doces pelas ruas.

Elas também voavam assim como a vida.

Bebeto, Sr. Milton e as crianças se encontraram na Ponte Antônio Themudo, um pouco antes do prédio do Edifício Cooperativa em estilo inglês.

- A vida parece que tem asas, Bebeto!

A revoada das crianças era impressionante pela cidade.

Os pais falavam “não vão!”.

Os doces transcendiam qualquer imposição.

Não adiantava impor rótulos de adultos: o que vale é o doce da bala na boca e as preciosas sacolas de São Cosme e Damião, repletas de guloseimas.

- Vamos na Rua da Mina, na D. Uruguaiana?

- Minha mãe não deixa.

- Lá tá distribuindo guaraná!

- Quem vai? - Perguntou para a garotada, uma mais ousada.

- Eu!

- Eu!

E tanto “eu” se transformou em “nós”.

E o “nós” era uma confusão de meninos das Gerais, em falas misturadas, atropeladas, risos, alegria, assim como as pernas apressadas deles pela pequena Carangola.

Foram para lá. Para a D. Uruguaiana.

As mulheres todas vestidas de branco, com turbantes, as recebiam.

A vontade da bala e a aventura valiam à pena de se aproximar do proibido e diferente.

Viram e cobiçaram salivando um bolo com glacê branco, repleto de frutas e bolas prateadas.

Receberam as balas.

Mais crianças chegavam.

- Vamos esperar o bolo com guaraná!

- Eu também quero bolo com guaraná!

- Vão “descobri” que a gente está aqui.

- Vai você então embora.

- Eu quero o bolo e guaraná, depois apanho em casa.

O bolo foi cortado e distribuído com o guaraná. Voltaram correndo pelas ruas da cidade para o Triângulo: eram crianças em busca de doces.

Crianças!

Pediam mais bala.

Tinham medo.

E se descobrissem?

Era proibido pisar lá na D. Uruguaiana. Mas elas iam mesmo assim.

Faltava o Santo Onofre. Como sair do Triângulo e ir no Santo Onofre? Já tinham ido na Rua da Mina.

Pensaram, repensaram... em meio as notícias de um mundo de doces.

- Quem vai?

- E o capeta?

- Deixa ele pra lá!

-Vamos escondidos?

- De novo?

- Tô indo!

- Vão bora!

E mais uma vez foram.

Agora era a vez de Nossa Maria, no Bairro Santo Onofre.

Santo Onofre: Protetor das Andorinhas.

“-Nem pensar em pisar lá!”- diziam os pais!

Lá era tambor e alegria.

Quantos doces, quanta bala!

Carangola era o mundo mais doce para aqueles pequenos.

Não importa se no altar da Capela ficou por tanto tempo São Benedito e todos criam ser Santo Onofre.

Passaram no Roseni, que também distribuía sacolas de São Cosme e Damião.

Todos sabiam da fineza dela, inclusive as crianças que tinham conhecimento de não poder chamá-lo de Fubá: brigava com qualquer um se assim o chamasse.

Dá-lhe canelada.

Seguiam a voar em busca de doces.

Imaculadinha e suas meninas também distribuía balas. Reclamaram no Jardim da cidade no último final de semana sobre a presença das meninas no local.

Elas estavam lá tão inofensivas como Andorinhas.

Chamaram-na em casa.

- Suas meninas não podem ficar no Jardim!

A fala era autoritária.

Ela respondeu:

- Minhas meninas são mais comportadas do que as moças da alta sociedade. Bem mais!

Fechou o portão e deixou seu interlocutor sozinho.

Imaculada tão bela, mais bela se fez: aprontou-se no seu estiloso espelho. Conferiu o baton, os cabelos, passou a mão pelo belo vestido, olhou no espelho como estavam as costas que tão bem sabia dar como resposta.

Calçou os sapatos altos. Elegante, sem excessos.

Feminina.

Foi até o Jardim, com passos comedidos e decididos.

Viu de longe suas moças. Observou-as por um tempo...

- Imaculadinha! - Disse uma bela jovem.

- Oi! Estou distraído um pouco também. É preciso.

- Que bom. Senta aqui com a gente!

Sentou-se. Ficaram a conversar sobre o universo. Cada uma era um universo.

Elas são o infinito. Podem até voar!

Imaculada riu e ouviu as meninas. Levantou-se. Disse num tom elegante e cotidiano para as moças:

- Todas em casa às vinte e duas!

Ela foi embora do Jardim.

As famosas damas nada questionaram.

Imaculada tinha seus encantos, mistérios e respeito.

As moças sentadas nos bancos como andorinhas em fiação de luz de rua.

Viram uma Irmã de Caridade passar.

- Acho lindo ser Irmã!

- Não conseguiria, disse outra.

- Queria ser Enfermeira.

- Lá você não põe os pés para trabalhar! Elas não deixam.

- Meu sonho era vestir branco e ser Enfermeira.

- Dá teus pulos.

Estavam no banco do canteiro da Árvore Peruana do Jardim.

O Vale do Carangola era revoado por Andorinhas.

E no dia de São Cosme e Damião lá estavam as crianças.

Imaculadinha com sua beleza e educação a todas recebiam.

“Vinde a mim as criancinhas”: disse Jesus.

Uma das moças, como num casamento, encheu a mão de balas, contou de costas até três e arremessou tudo.

As crianças em desespero pegavam as balas, mesmo tendo saquinho de doces para todas aguardando-as na mesa de linho branco.

Todos os pacotes docilmente padronizados com as figuras de São Cosme e Damião.

Uma festança!

“- Bora!”

Na rádio da cidade tocava uma música polêmica. Navalha na Carne ou Carangola. Um tango mineiro. Uma febre. Era o ano de 1972. As crianças pelo caminho voltavam cantando o refrão de Fototi e Fausi do Festival Internacional da Canção:

“Carangola, carambola

Beira linha, beira rio

Fui-me embora já faz tempo

Mas caramba que carinho!”

Repetiam várias vezes.

Mas pra que entender o restante da música?

O alegre refrão já bastava para elas.

Que voem as Andorinhas e as crianças peguem seus doces.

Deixa a ‘Maria Samambaia’ se entender com o ‘Robertinho Ralé’, lá no ‘Bar Lusobrasileiro’!

Gato Malhado e Andorinha Sinhá de Jorge Amado em um mineirismo abaianado?

Existem tantas possibilidades. Esse Carangola...

As crianças cantando passaram em frente ao ‘Gato Preto’. Duas dançam o tango mineiro. A placa do estabelecimento chamou atenção da menorzinha da turma. Um gato preto com um lindo e delicado laço azul de perfil.

- Olha que gatinho lindo!

- Vamos embora, se mamãe souber que passamos por aqui vamos tomar uma surra!

Aceleraram os passos.

Cansadas sentaram no Banco dos Malandros, repletas de doces.

Tinha suspiro de várias cores, doce de abóbora em forma de coração, doce de banana, pirulitos, quadradinhos de doce de leite, balas as mais variadas, a mais gostosa era a soft.

Tinha maria mole, mariola...

Bebeto passou pelas crianças com o seu avô. Ele quis sentar.

Duas crianças se levantaram e eles sentaram.

O velhinho deixou a bengala descansar no Banco dos Malandros. Por pouco tempo. Pois logo veio um: “- Posso ver?” E ela também virou uma brincadeira. As crianças ofereceram doces. Bebeto agradeceu. Sr. Milton não recusou o doce de abóbora em forma de coração.

- Meu predileto. Agradecido!

Se não fosse a bengala creio que ele iria com eles em busca de doces. Pediu para Bebeto ir comprar balas no boteco próximo. Distribui para as crianças. Foram embora:

- Viva São Cosme e Damião! Exclamou o velhinho.

As crianças revoaram.

Uma moça do Gato Preto passou pela calçada do outro lado do Banco. O velhinho olhou-a pelas costas e Bebeto riu.

- Bons tempos da minha mocidade! Como dancei!

Bebeto nada falou. Riu novamente.

Na semana seguinte, em plena Primavera, Sr. Milton fez a “Travessia”.

O fusquinha anunciava pelas ruas de Carangola, com a voz clássica, fúnebre e elegante do Faul.

“Nota de Falecimento: faleceu ontem o Sr. Milton da Silva Braga. Seus filhos: Amanda Braga, Edmilson Braga, demais parentes e amigos convidam a todos para o seu sepultamento, saindo o féretro da Capela São Pedro para a necrópole local. A família enlutada agradece a todos por este ato de fé cristã. Comunicamos com pesar, o falecimento do Sr Milton da Silva Braga, o conhecido Sr. Miltinho.”

Bebeto cuidou de seu avô com todo amor e carinho até o último momento de sua vida.

Nas ruas da cidade as pessoas perguntavam com o carro já distante:

- Quem morreu?

- Não deu para escutar.

O carro já estava longe...

A curiosidade é maior. Perguntaram para uma pessoa que vinha no mesmo sentido do carro:

- Quem morreu?

- Foi o Sr. Miltinho, aquele velhinho, avô do Bebeto. Ele trabalhou muitos anos na Loja de Doces.

E o fusca amarelo ia seguindo seu caminho com alguém sempre tentando ouvir o nome do falecido.

Bebeto ficou de luto por um longo período. Precisava trabalhar.

Passaram-se dois meses e perguntaram se ele queria cuidar de um senhor enfermo.

Ele foi. Quando partia a pessoa que ele cuidava, lá estava Bebeto no funeral. Com olheiras e triste.

Acompanhava até o último momento o paciente e a família.

Certo dia, uma Enfermeira lhe disse:

- Você leva jeito para cuidar. Quer trabalhar no hospital?

Bebeto sentiu-se desafiado. Tinha pouco estudo.

-Vou conversar lá.

O hospital já contava com duas Enfermeiras Graduadas.

Eles contrataram para experiência quatro novatos. Dos quatro, dois permaneceriam.

Bebeto fez amizade com Walmo.

Os que aprendessem mais coisas em um mês seriam os dois contratados.

Bebeto e Walmo foram para a parte de banho, higiene e cuidados. Perceberam que os outros dois eram mais “instruídos”. Bebeto disse para Walmo:

- Precisamos dar um jeito!

Walmo olhou para Bebeto e como uma radiografia, analisou os dois colegas novatos.

- Eles têm jeito para a coisa. Estão evoluindo, disse Bebeto.

- Nós também podemos!

A Enfermeira Graduada num plantão tumultuado perguntou para os dois se sabiam fazer um tamponamento.

Responderam que sim. Foram até o quarto do paciente e fizeram tudo com maestria.

Desceram a rampa para o Necrotério.

Um mês havia se passado em meio ao trabalho.

A Enfermeira anunciou a decisão:

-Vamos ficar com vocês dois.

Bebeto e Walmo cumprimentaram os dois colegas. Ficaram um pouco chateados ao mesmo tempo felizes por continuar na profissão. Não tinham salário. Recebiam uma contribuição.

Vai para lá, vai para cá e os cuidados.

Não se represa o tempo...

Tempo gotejamento.

A Clínica Médica A era do quarto 10 até o quarto 32. Tinha também o “Beco dos Aflitos”: cinco quartos de um lado, cinco do outro. Nos quartos 16, 17 e 18 ficavam as pessoas consideradas as “mais ricas”. Eram três funcionários para tudo!

Bebeto chegou para mais um plantão com sua marmita na bolsa.

Olhou para o relógio eram 16 horas.

Abriu num cantinho a marmita.

Três colheradas na boca e seu ouvido ouviu: “Favor comparecer Enfermeiro na Clínica Médica A. Favor comparecer Enfermeiro na Clínica Médica A.” Engoliu as três colheradas.

Fechou a marmita. Enrolou-a num pano.

Subiu a rampa para não perder tempo.

- Carinhosa, no Isolamento, precisa de sua ajuda, disse a colega do plantão.

- Estou indo.

Bebeto era muito calmo, gentil e observador.

Tratava com carinho seus pacientes.

No Isolamento sentia-se mal com aqueles quartos todos fechados, escuros.

Aquela porta com um retângulo de vidro sempre fechada...

Desceu a rampa.

Foi em direção ao Isolamento. Meningite, Tétano, câncer, Tuberculose, Escaras gigantescas de pacientes desenganados terminais. Era o lugar da extrema aflição!

Carinhosa acendeu um fósforo no Posto de Enfermagem: jogou o palito sobre o mármore branco onde estavam as seringas de vidro e agulhas repletas de álcool para flambagem.

Não olhou para Bebeto. Via as chamas e falou:

- Atenda a Dr. Constantina, por favor. Estou com muitos pacientes. Está no quarto 7. Tenho que atender também uma punção lombar de uma criança no segundo pavimento. Sabe como é aqui, né?

Durante alguns segundos, enquanto olhava o fogo, lembrou de como tinha

chegado à Enfermagem.

Carinhosa era da época das Irmãs de Caridade.

Ela trabalhou na Faxina, depois foi para a Copa.

Ela não se segurava. Via alguém na Maternidade precisando, lá estava ela. Levava as pacientes para o Centro Cirúrgico com amor.

A Irmã Erilza e a Irmã Ofélia ficavam observando sem ela perceber.

Um dia lhe disseram:

- Nós vamos tirar você da Copa e te pôr na Enfermagem.

Chorou.

- Não! Não Irmã! Eu não tenho jeito para isso não.

-Você tem todo jeito para isso. Você tem cuidado. Você tem carinho.

- Eu não quero!

O fogo apagou.

Era preciso esperar esfriar o material para depois acondicioná-lo nas caixas com formalina em pastilha.

Bebeto chega no quarto: - Bom dia!

- Bom dia, Enfermeiro!

A Doutora olhava a perna do Sr. Devaldo. Olhando para a perna deu-lhe um bom dia.

O paciente era um andarilho.

Fez uma fogueira e colocou pedras em volta. Ele bebeu muito e bateu a perna nas pedras quentes.

O tempo, a falta de cuidados, a “bicheira”.

A Doutora destampou a perna e saía bichos.

- Bebeto você vai dar um jeito nisso aí.

- Mas Doutora!

- Faz um curativo. Os bichos têm que tirar tudo!

Ela se retirou para a salinha de prescrições.

Bebeto conversou com o Sr. Devaldo.

Viu que a Médica havia saído.

Olhou a prescrição. Viu que havia prescrito uma solução analgésica potente.

Bebeto pensou: vou fazer a medicação e logo depois faço o curativo.

Pegou a prescrição, foi na Farmácia da Casa. Voltou e fez a medicação.

Percebeu que o Sr. Devaldo relaxou.

Observou o paciente, observou a sua perna. Pegou uma compressa. Embebeceu-a de éter, colocando-a na ferida. Enfaixou. Ele estava dormindo.

Bebeto pensou: “- amanhã eu olho a perna dele”.

Bebeto bateu o ponto no outro dia. Foi encontrar o Sr. Devaldo.

Desenrolou a faixa na perna.

Retirou cuidadosamente a compressa.

O tecido necrosado, a crosta preta e toda a miíase saiu em sua mão.

Limpou tudo com água oxigenada e soro fisiológico.

A Doutora chegou e estava prescrevendo.

- E a perna do moço?

Bebeto: - Vai lá ver!

Caminhou até o fim do corredor. Retirou o curativo e voltou:

- O que você fez? Debridamento?

- Não, “- me deu na cabeça de pôr éter e ele fez o serviço”.

A Doutora ficou olhando no rosto de Bebeto.

Ela pediu para ele continuar a fazer o curativo. Com três dias, a alta.

O Senhor Tempo passando... Bebeto, seus desafios, sua vida.

Na Clínica Cirúrgica A só ficava quem o Dr. Ovídio queria. A Enfermeira Graduada bateu de frente com ele para Bebeto ficar na Clínica. Um Enfermeiro experiente há anos sem férias precisava ser liberado.

Até na Criação teve o sétimo dia.

- Enfermeiro aqui é o Joab Cotani e pronto, acabou! Disse o Urologista que era visto quase como um alienígena devido sua formação na Inglaterra, seus aparelhos, seus equipamentos. As pessoas vinham de muito longe para tratar com ele.

- Bebeto vai ficar aqui! Disse a Enfermeira, que se retirou.

Bebeto percebeu a dificuldade de ficar entre a palavra da Enfermeira Graduada

e a do Dr. Ovídio.

Certo dia foi acompanhá-lo no quarto.

Bebeto retirou o curativo da cirurgia. O Médico olhou.

- Vou te dar alta.

O paciente:

- Doutor, muito obrigado! Foi Deus e o Senhor...

Ele interrompeu e disse:

- Deus nada! Foi eu! Quem te operou? Foi eu! Não tem nada de Deus aqui não!

Bebeto sabia que passaria muito aperto por um mês.

“- Como vou agradecer esse homem?”

Num sábado à tarde, um paciente do Dr. Ovídio estava com a sonda folley de três vias obstruída. Ligaram para o Médico. Ele perguntou:

- Quem está de plantão na CCA?

- Bebeto.

- Levem o paciente para a Sala de Urologia no Centro Cirúrgico. Avisem ao Bebeto. Se ele não passar a sonda, só eu.

- Ele está aqui.

- Deixa eu falar com ele!

- Sobe e tenta passar uma sonda. Se não passar, põe o guia.

Fez o possível.

Ligou novamente para o Dr. Ovídio.

- Só o Senhor mesmo para resolver! Está muito obstruído. Se eu usar o guia vai causar uma hemorragia.

- Estou indo aí.

Chegou ao hospital. Vestiu o seu jaleco branco.

Era semana de uma festa tradicional na cidade: A Exposição Agropecuária e Industrial de Carangola.

- O que foi Bebeto?

Chegou perto do paciente e disse:

- Eu estava olhando meus cavalos e você me fez vir aqui. Vê se pode um negócio desses.

Bebeto: - Doutor, a sonda não passa!

- Se não passou com você, é só comigo mesmo!

Passou a sonda com guia e liberou o paciente. Bebeto levou-o para o quarto.

Dois plantões se passaram. O Doutor chegou à Clínica para liberar o paciente.

“-Vou te dar alta. Esse rapaz aqui cuidou de você, não cuidou? Dá uma gorjeta para ele, mas não vem com esse negócio de pouco dinheiro não. É gorjeta!” O paciente era fazendeiro.

Em uma semana Bebeto ganhou o valor de seu salário e meio. E mais: ganhara a confiança do Médico.

“- A gente adquire tanta prática na profissão que você vira Doutor em relação aquilo que você está fazendo. E o carinho? O respeito que tinha pelo paciente”

Bebeto tratava com o mesmo profissionalismo a todos. Tinha um carinho especial também pelos pacientes mais humildes. O Telefone tocava e era da Recepção:

- Bebeto tem um presente aqui para você!

Ele ia à Portaria e lá estava o velhinho com uma galinha debaixo do braço.

- Oi, Bebeto. Eu trouxe essa galinha “procê”!

Ovos caipira, mexericas em sacolas, cabritos, banda de porco, taioba, linguiça, carne de lata. Sempre aparecia alguma coisa que tinha por sobrenome carinho.

Bebeto deu um abraço no paciente com a galinha e perguntou como estava a saúde. Sempre um cumprimento, um abraço, um sorriso, uma brincadeira.

Naquela noite ainda a galinha ficaria viva.

Dobraría plantão. Ficaria na Clínica Médica A como o Circulante de todo hospital. A locutora chamava-o para tudo. Quando ela ia embora, ligavam diretamente para a clínica.

Paula, Carinhosa, estava no Isolamento. No meio do dia avisaram que a Enfermeira do noturno não viria. Pediram para que ela ficasse.

Também dobraría plantão. O telefone tocou. A Enfermeira Graduada pediu para ela ajudar uma novata na CMB num tamponamento.

- Sim. Estou indo.

A Enfermeira:

- Vou descer e você sobe.

Carinhosa subiu para a Clínica. Viu uma jovem que até então nunca tinha a visto.

- Qual seu nome?

- Maria de Lourdes. Você é a Carinhosa? Sim. Minha filha, eu vou te ensinar a fazer um tamponamento. Temos que tratar como se fosse um parente nosso, aqui tem uma mãe, uma irmã, uma filha. Ela poderia ser a sua avó.

- Entendi.

- Maria de Lourdes: tem que ter uma coisa chamada respeito.

Carinhosa fez o tamponamento. Maria de Lourdes ajudando a virar, a movimentar a Rosa. Elas desceram para o Necrotério.

- Obrigada por me ensinar!

- Por nada. Muitas pessoas não gostam de ensinar, inclusive por medo de perder o lugar para a outra. Mesquinhas! Se você respeitar o paciente terá meu respeito. Eu ensino e cobro quando fazem algo errado.

Maria de Lourdes chorava muito.

- Já passou da hora de você ir embora. Vá para casa!

A moça com uniforme e lenço azul distribuía o jantar.

A penumbra... a noite. A luz elétrica vai acendendo.

O plantão noturno não foi calmo. Foi um plantão de vendavais.

Bebeto em tudo atendia Carinhosa. Eram muito amigos. Quando tudo estava calmo eles sempre juntos. Bebeto nutria um afeto por Paula, a Carinhosa. Foi aos poucos amadurecendo a amizade. Bebeto a admirava. Eles se enamoraram! Ela era muito tímida, já tinha passado dos quarenta.

“- Carinhosa com alguém?”

“- Ninguém nunca a viu com ninguém...” - Ia de vez em quando no clube da cidade dançar um pouco.

Namorar? Não. No máximo flertava.

A coitada da galinha fora para a panela. O tal de tempo...

Bebeto apagou uma lâmpada acesa em plena nove horas da manhã.

Assoviava pelos corredores!

Paula chamou sua atenção ao encontrá-lo na rampa rumo à Farmácia do Hospital.

Parecia aquela foto clássica da Enfermeira pedindo silêncio.

A Enfermeira “Graduada” pediu o auxílio de Carinhosa na CMB.

Vocês aferiram os Sinais Vitais da tarde? Perguntou Carinhosa, para Maria de Lourdes .

- Não deu tempo, respondeu a Enfermeira da Medicação.

-Vem, minha filha, vamos lá! Paciente por paciente: pressão, temperatura, pulsação, respiração.

Pegaram uma prancheta onde um vidro fora afixado com esparadrapo com álcool iodado para desinfetar o termômetro de vidro com coluna de mercúrio e um punhado de algodão umedecido em álcool 70%. Quartos 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44. A maioria, quartos com seis pacientes. Carinhosa ensinava Maria de Lourdes como aferir os sinais vitais.

- Pega esses três dedos, e põe aqui... Onde eu estava com os meus.

- Aqui? Perguntou Maria de Lourdes.

- Não. Pegou o dedo indicador, médio e anelar da linda moça e colocou na artéria radial.

- Aqui minha filha.

- Sentiu?

- Senti.

- Olha para o relógio no seu pulso. Conte o que está sentindo: a pulsação. Não confunda a pulsação com o ponteiro de segundos. Você vai contar a pulsação por um minuto.

- Quanto deu?

- 66

- Conta novamente.

- Quanto deu?

- 92

- Conferiu. 92! BPM: Batidas por Minuto.

Ensinou a verificar a pressão arterial.

- A Pressão Maria de Lourdes demora mais para aprender.

Pegou o esfigmomanômetro e posicionou no braço do paciente.

Explicou para ela a posição correta de colocar o aparelho.

Colocou os dedos na artéria braquial e começou a insuflar.

“- Quando parar de sentir a artéria, você dá mais uma insuflada e coloca o esteto na artéria.

Colocou o estetoscópio nos ouvidos e disse. “- Olhe para o ponteiro do manômetro”.

- A primeira batida é a máxima, dá para sentir a artéria batendo também. A pressão mínima é mais complicada um pouco para auscultar. Tem que auscultar as duas”.

Esperaram um tempo. “- Agora tenta você, Maria de Lourdes”.

Ela tentou.

- Quando deu?

- Deu 12 por... não consegui a mínima.

- Está ótimo. Hoje como está mais corrido, deixe a pressão comigo, mas foi muito bem. Faltaram dois colegas do plantão: um dos Cuidados e o da Papeleta. Vamos nos desdobrar até que consigam alguém para ficar na Clínica.

- Põe o termômetro no Sr. Adão, Maria de Lourdes. Seque a axila e espere um minuto. Abaixar a coluna de mercúrio primeiro. É só sacudir o termômetro para baixo. Cuidado para não quebrar. Abaixou? Agora vamos para o próximo. Quanto deu?

- 36,6 (°C).

- Abaixar a coluna de mercúrio.

- E a respiração dele? Perguntou Maria de Lourdes

Paula falou em seu ouvido: “Olhe para meus olhos enquanto o paciente está

com o termômetro. Observe o tórax expandir por um minuto e conte. É preciso ser discreta. Observe quando o diafragma expande. A dele deu 22 (IRPM: Incurções Respiratórias por Minuto).

-Vamos para o próximo paciente.

- Sr. José: posso pôr o termômetro no Senhor?

- Agora!

- “O Senhor está um pouco quente!” –Comentou, Carinhosa, ao colocar a mão na testa do Sr. Antônio.

- Quanto deu?

- 38,9 (°C)

Vamos olhar a papeleta e ver qual medicação tem para ele. As duas foram lá e viram prescrito: dipirona, 2ml com 10ml de água destilada EV, SOS.

- O que é EV e SOS?

- EV é Endovenoso e SOS é se necessário, Maria de Lourdes.

Carinhosa separou tudo: *scalp* na bandeja, álcool 70%. Aspirou a dipirona 2ml e 10ml de água destilada.

- Vou te ensinar a puncionar uma veia. Vou pôr o “garrote”.

- Feche a mão. Pediu para o paciente.

Deu dois tapinhas carinhosos na veia. Era uma veia calibrosa. Introduziu a agulha, o sangue veio em refluxo. Ministrou a medicação.

Chegaram ao final da Clínica.

- Deixa tudo anotado na prancheta, depois fazemos os gráficos. Vamos ajudar nos soros.

Carinhosa preparou todos os rótulos dos soros, com as respectivas medicações. Rótulos afixados, medicações separadas.

- Vamos preparar, Maria de Lourdes!

- Eu?

- Nós!

Carinhosa: “-Este aqui é o Cloreto de sódio, este é o cloreto de potássio. Cloreto de potássio mata se for feito direto na veia! Cuidado! Estes aqui são o Complexo B e

Vitamina C. Sempre confira a medicação. Não se confia na cor do rótulo. Pode vir Água Destilada com a mesma cor de Cloreto de Potássio. Nunca. Nem pensar. Entendeu? Viu? Observe também o soro prescrito. Se é Soro Fisiológico, *Ringer Lactato* ou Soro Glicosado. Soro Glicosado em diabético nem pensar!”

Maria de Lourdes a tudo olhava. Uma tromba d'água de informações.

- Aos poucos vai aprender. No início ficamos assustadas. Não faça nada que não saiba!

Ela aspirou ampola por ampola, colocou no soro e conectou o equipo. Preparou todos e colocou na bandeja de inox. Eram muitos!

- Estes aqui são para os pacientes do Dr. Marciano: Haldol, Fenegan e Amplictil. Seda o paciente. Faz os pacientes psiquiátricos acalmarem. Tem que ficar de olho na pressão deles, se começarem a dormir muito. Se ficarem muito agitados tem que aumentar o gotejamento.

A campainha não parava. Uma vez tocada, no Posto de Enfermagem, via-se acender a lâmpada do quarto que precisava de atendimento. O telefone, quando terminado de atender, já tocava em desespero, emendando praticamente uma ligação à outra. A telefonista indagava que não estava conseguindo transferir as ligações num tom já alterado de voz, diferentemente de sua docilidade ao microfone. Pacientes para Radiografia, Ultrassonografia e outros exames precisavam ser encaminhados. Era considerado o setor “Vietnã do hospital”.

- Maria de Lourdes vamos lá fazer um curativo -, disse a Enfermeira da Medicação que, diante da novata e falta dos colegas, teve que parar suas atividades.

- Pegue as almotolias de soro fisiológico, água oxigenada, povidine, gaze, esparadrapo, compressa, uma cuba rim e ponha na bandeja. Não esqueça da fita adesiva.

Recolheu tudo rapidamente e foram. Era uma escara de decúbito. Paciente acamada há meses. Feriu profundamente na região do coccix. Dava para ver o osso. O odor extremamente fétido era intenso. Feito o curativo dobraram um lençol em forma de um triângulo para servir de fralda e fixaram com fita adesiva.

Saíram do quarto.

- Terminou lá? Agora vem comigo -, disse, Carinhosa.

Eram muitos pacientes. Muitas veias. Maria de Lourdes foi observando. Carinhosa começou a puncionar as veias no quarto 44, o mais próximo do Posto de Enfermagem. No quarto 42, Maria de Lourdes disse: “-Queria tanto aprender a “pegar veia” como você!” Carinhosa ouviu atenciosamente o pedido.

- A Dona Emanuela, nós vamos precisar imobilizar o braço dela, depois de puncionar a veia, para não perder o acesso e o soro não infiltrar em seu braço. A pele está muito frágil, com hematomas. Vai no posto de Enfermagem, pega uma tala daquela ali, apontou para a paciente do outro leito.

Foi um acesso venoso difícil. Os óculos de Carinhosa na ponta do nariz. A agulha, a veia, seus olhos. “-Vai doer um pouquinho, D. Emanuela!” Foi certa. Vamos imobilizar a mão!

- Temos que trocar a D. Tereza. Está evacuada!

Quando elas chegaram no quarto 33, a bandeja estava com um único soro.

Carinhosa do lado de fora do quarto disse: - Agora é você!

Maria de Lourdes quase petrificou.

- É você! Colocou a bandeja na mão dela e disse: -Vamos!

Entraram. Maria de Lourdes pediu e explicou para o Sr. Antônio sobre o soro. Carinhosa buscou o suporte na outra cama e colocou ao lado do paciente. Pendurou o soro. Maria de Lourdes colocou o “garrote de látex”:

-Vai apertar um pouco. Fecha a mão. Acertou em cheio. Paula, a Carinhosa, preparou o esparadrapo e afixou o *scalp*.

“- Agora faz o restante.”

Saíram do quarto.

- Parabéns! Disse, Carinhosa.

A felicidade estava no rosto de Maria de Lourdes. Passaram pelo corredor e pelas portas dos quartos e viam os soros em gotejamento.

-Vamos para os gráficos. Vamos nos sentar naquela mesinha ali. Escolhe um...

Maria de Lourdes escolheu o de D. Emanuela.

Carinhosa explicou que o gráfico deveria ser preenchido cada um com uma cor:

preta, vermelha, verde e azul. Cada sinal vital com sua respectiva cor. Olhou para Maria de Lourdes. Viu sua caligrafia que era belíssima. Percebeu que ela aprendeu muito rapidamente a fazer o gráfico.

- Vai demorar um pouco para fazer esse inferno.

- Os Médicos exigem esse gráfico, não é mesmo? – Disse Maria de Lourdes.

- Cuidado para não errar. Caso erre, terá que fazer o serviço todo de novo: de todos gráficos dos plantões anteriores. Agora vou descer para o Isolamento. Se precisar, estou lá.

- Carinhosa, como você aprendeu isso tudo?

- Com a vida, com a prática.

- Você fez até que série?

- Quinta. Qualquer coisa me chama.

Maria de Lourdes abaixou para preencher o frio e entediante gráfico. Motivo de brigas entre Médicos e Enfermagem.

A Enfermeira da Medicação gritou por ela no quarto. Foi correndo. Quando ela chegou, o paciente estava com um suporte de soro tentando acertar a cabeça de Carolina. Maria de Lourdes puxou-a. Foi por muito pouco. O Enfermeiro do setor que estava substituindo o faltoso chegou e deu uma “gravata” no paciente. Carolina mandou Maria de Lourdes ir buscar rapidamente cinco lençóis, duas fronhas e duas ataduras. Seguraram o paciente na cama. Ele resistia. Cuspia, tentava morder. Xingou do Papa à mãe de todos. Colocaram as fronhas na região dos pulsos e amarraram a atadura firmemente nos pulsos, depois na cama. Um lençol passado pelas axilas era amarrado na cabeceira do leito. Um outro era imediatamente envolto nos pés e amarrado nos pés do leito. Um nos joelhos e um acima do abdômen.

Na prescrição do Dr. Marciano, estava escrito: Conter no Leito SOS. Uma letra medonha! Era complexo lidar com esta situação. Mas estava escrito: seria a Tábua dos Dez Mandamentos?

Maria de Lourdes, quando olhou no relógio, era dez para as dezenove horas. Os colegas de 12 horas estavam trocando o plantão. Ela tinha ainda os gráficos e os relatórios dos pacientes para terminar. Ficou. Fez todos os gráficos e relatórios. Um por um, como se fosse hora extra, com sua bela letra.

- Boa noite! Desculpem o atraso. Prazer! Meu nome é Jorge, sou Técnico em Enfermagem e o seu? Saí do meu outro plantão atrasado. Depois dou um jeito e te libero mais cedo um dia. Seja bem-vinda!

Está cansado, amigo leitor?

Maria de Lourdes, antes de ir embora, foi ver a filha de uma vizinha que estava internada na Pediatria. A Criança sorriu ao vê-la. Pegou-a no colo. Brincou um pouco com a pequena.

Hélen conversou com Maria de Lourdes sobre o quadro da pequena Clara. Era uma pneumonia. A febre cessara. Tinha uma nebulização para ela. - Quer segurar e ficar com ela? As duas ficaram por ali. Olharam o soro. O gotejamento. Depois foi embora.

Hélen era uma Enfermeira já com experiência. Gostava de trabalhar ali. Seu referencial era as Irmãs. A pedido delas, foi para o Centro Cirúrgico. Pensou que não iria conseguir aprender a trabalhar:

- Todas dizem a mesma coisa e conseguem aprender! Meu principal objetivo em sua escolha é com a sua conduta moral. Sei que você não dá margens para boatos. Não deixe fazerem determinadas brincadeiras com você. Sei que tem conduta.

Andorinhas revoavam o hospital?

Aprendeu bem o serviço. Sentia-se acolhida. Percebeu que o tempo das Irmãs estava passando.

Em mais um dia de serviço, recebeu D. Iracema, com seus cabelos totalmente brancos e lindos. Ela iria operar o períneo. Fizeram a anestesia. Ela fez uma parada cardiorespiratória na mesa de cirurgia, antes de operar. A Enfermeira iniciou o processo de reanimação. O Anestesista veio rapidamente e fez o Suporte Avançado de Vida. Ela voltou!

Hélen é muito católica e sempre ia à Missa.

Depois do ocorrido, um dia viu D. Iracema chegar à igreja de Nossa Senhora Aparecida, no Triângulo. Chegou com suas duas filhas. Hélen estava presente. Pensou: “Ela não lembra de mim. Não deve saber o que aconteceu”.

O plantão seguiu:

Quando deu uma folga, por volta das 14 horas, Hélen foi almoçar. Encontrou com Letícia. Trocaram ideias a respeito:

- Minha Nossa Senhora! Por mais um pouco ela ia embora! Disse Letícia.

- Graças a Deus que não foi, respondeu Hélen, escovando os dentes com a porta do banheiro aberta do vestiário feminino.

- Achei aquela criança da cesariana um pouco abatida. Não tinha reflexo. Será que escapa?

- Bastante fraca. Estou enjoada com a indecência daquele Proctologista.

- Ele é “uma sede”! Temos que “beber muita água” para suportar.

O Anestesista abre a porta e diz que acabou de chegar um baleado para operar.

Lá foram as duas.

Os cuidados não param por toda a Casa.

Na clínica, um jovem Enfermeiro chamado Téo ingressara também na profissão. Morava no alto Santo Onofre. Descia o morro para a parte mais baixa, depois do chafariz, para frequentar a Igreja Batista. Gostava de ir à Escola Bíblica Dominical pela manhã. Inúmeras vezes via uma senhora de cabelos longos e esguia. Seu nome era Roseni. Fala delicada e comedida. Uma Dama. Respeitada no Bairro.

Téo subiu o morro e desceu o morro do Chafariz do Santo Onofre. Anos se passaram!

A Internação ligou para a Clínica Médica B: - Tem paciente aqui para você buscar!

O jovem foi buscar seu paciente. Foi ao setor de Internação. Era Roseni. Percebendo sua debilidade, pediu para ir com ela de cadeira de rodas. Passaram pelos corredores até o elevador. Chegaram à Clínica. Téo apresentou-a aos outros pacientes do quarto onde ficaria. Eram cinco homens. Pediu para aguardar um minuto.

- Quer tomar um banho e colocar as roupas do hospital?

- Quero sim, mas gostaria de usar meu pijama.

-Tudo bem.

Os outros pacientes perguntaram:

-Não tem vaga para ela no quarto das mulheres?

-Ela vai ficar aqui sozinha?

Estavam preocupados com ela? Aos poucos e discretamente a Equipe de Enfermagem foi esclarecendo os fatos.

No segundo plantão, o jovem Enfermeiro percebeu que ela estava mais fraca:

-Vamos tomar um banho no chuveiro? Vou por uma cadeira. Você senta e eu fico aqui na porta. Não tranque a porta porque qualquer coisa eu entro para te ajudar.

-Tudo bem. Ela pegou as roupas cuidadosamente arrumadas em sua bolsa de viagem. Banhou-se. O jovem Enfermeiro estava na porta um pouco preocupado.

Um Colega da Enfermagem passou pelo corredor. Entrou no quarto e perguntou: - Qual a cor da calcinha dele? O jovem Enfermeiro disse não saber. Pensou como deveria ser difícil a vida daquele paciente.

-Terminei!

Estava um pouco tonta.

-Senta aqui na beira da sua cama. Pediu Téó.

Recuperou um pouco da tonteira.

- Pega minha bolsa por gentileza.

Pegou um pente e tentou se pentear. A mão estava sem força e descoordenada: era um cabelo longo e bonito. Continuou tentando pentear sozinha e estava difícil para ela.

-Volto já!

Téó pediu para uma amiga que auxiliava nos cuidados, nos quartos femininos, uma ajuda. Ela veio como um anjo. Lá estavam os três. A Enfermeira Idelzi era Evangélica e enquanto penteava o cabelo dela, falava de Jesus. Aos poucos ela penteou todo o cabelo. Dividiu-os em duas partes e fez uma trança. Enquanto conversavam, o jovem Enfermeiro percebeu uma ligeira confusão mental nela e febre. Colocou o termômetro e foi buscar o antitérmico

-Você está linda! Disse a Enfermeira Idelzi.

- Bebe esse remedinho aqui para a febre, Roseni. Pediu Téó.

Despediram dela ao final do plantão.

Mais um dia de trabalho. Sabe-se lá o que os esperavam. Ela estava no primeiro quarto da Enfermaria da Clínica. Foram passar o plantão da equipe do noturno para o diurno, quarto por quarto.

-Tem um exame de Tomografia hoje para Roseni. Téo percebeu uma linda cesta de frutas na cabeceira dela.

O setor de Tomografia ligou pedindo para descerem com Roseni. Téo pegou a cadeira e desceram para o setor. Deitaram-na na sala de exames. O Enfermeiro ficou com o Técnico em Radiologia protegidos da radiação enquanto as imagens eram feitas. Perguntou Téo para o colega: -“O que é isto aqui na imagem?” A resposta: -“Deu uma alteração, mas precisamos do laudo do radiologista”.

Voltaram para a Enfermaria. Mais e mais febre. Esperavam também o resultado do exame de sangue. Todos desconfiavam, mas não verbalizavam sobre. Pediam mais cuidado principalmente na hora de puncionar veia. A confusão mental estava mais latente. - Obrigada por tudo! Gostaria de voltar para casa e tomar um banho de sol pela manhã, como sempre fazia.

- Pequenas coisas nos fazem falta por serem tão grandes -, respondeu Téo.

- Leva esta cesta de frutas para você de presente, Téo. Estou com pouco apetite.

-Falou fraca.

- Muito agradecido!

A cesta fora levada para o Posto de Enfermagem. Ninguém tocou nela. Ninguém queria. Ninguém verbalizou nada. Decidiram lavar as frutas e distribuir para os pacientes que podiam e queriam comê-las.

Tempos de Aids. Em muitos prontuários os Médicos escreviam SIDA: Síndrome da Imunodeficiência Adquirida.

O resultado do exame de sangue chegou e da tomografia também. O Médico assistente analisou e pediu para falar com a família.

Eles conseguiram um quarto particular. O Enfermeiro que passou a ser seu amigo levou-a para a outra Clínica. Roseni já não conversava. Perdera a consciência.

Dois dias depois correu pelo hospital a notícia de seu óbito.

No cortejo fúnebre muita gente. Todos queriam despedir dela. Uma pessoa amada no Santo Onofre. Qual a importância da cor da calcinha?

Alumia o caminho: incandeia vida!

O tempo goteja:

Maria de Lourdes sabia dar banho, cuidar da papeleta e da medicação. Aprendeu muito. Foi convidada para um novo setor: O Centro Cirúrgico. Achou estranho ir para lá. Achava as pessoas de lá alienígenas. Lá parecia um apêndice do hospital. Pensou: “- Meu Deus vou ver abrir uma pessoa!”

- Eu quero saber o nome das pinças para anotar -, pediu Maria de Lourdes.

A colega de trabalho pegou o papel, amassou-o e disse:

-Não vai anotar nada.

E completou taxativamente, mostrando-a o dedo indicador:

- Você tem que anotar aqui na cabeça.

- Gente, mas é para eu lembrar... -Disse Maria de Lourdes.

- Como é que você vai lembrar em casa se a pinça não vai estar lá criatura?

Com quatro dias de Centro Cirúrgico, colocaram Maria de Lourdes para Instrumentar uma Nefrectomia (retirada do rim) do Dr. Ovídeo. Olharam a lista de Instrumentação. A vez era dela, o bom senso não. Letícia e sua amiga mais antiga, que a ensinara trabalhar, faziam de tudo para não entrar na cirurgia do Dr. Ovídeo. As outras duas eram diaristas e tinham ido almoçar.

“Meu Deus me ajuda!” -, pediu em silêncio.

O paciente em decúbito dorsal e com tudo pronto para iniciar a cirurgia, Maria de Lourdes pediu:

-Traz o tablado para mim.

Ela tinha cerca de um metro e meio. Precisava visualizar a cirurgia e acompanhar os tempos cirúrgicos.

Olhou para a mesa e conferiu se as tesouras do Dr. Ovídio estavam todas lá. Banhadas em ouro.

“Jesus de Nazaré me ajuda!”

Começou a Instrumentar. No meio da cirurgia começou um sangramento. O Cirurgião começou a ficar irritado. E a irritação era direcionada para quem? Jogou pinça no chão, xingou. Maria de Lourdes com o olho arregalado. Ele xingou mais. Ela começou a chorar. As lágrimas desciam.

As duas colegas diaristas tinham voltado do almoço e perguntaram se queria que elas escovassem e entrassem na cirurgia.

-Vou ficar até o fim. Só se ele me mandar sair.

Ele pegou e jogou o bico de aspirador no chão. Pisoteou-o. Quebrou-o todo.

Olhou para Maria de Lourdes e disse: “- Me dá o aspirador!”

- Dr. Ovídeo, não tem! Só tem esse aqui que é descartável.

Ele odiava.

- Eu não quero esse bico! E agora como é que vou fazer a cirurgia?

- Eu não sei! Tem o descartável aqui.

Seu Cirurgião Auxiliar era mais jovem e conduziu a situação. Maria de Lourdes suava muito. Tensão em todos... Em meio a tudo isto, um paciente.

Terminada a cirurgia e com a saída do seu colega, o Cirurgião Auxiliar disse para a jovem:

- Que covardia fizeram com você. Te colocaram numa cirurgia tão complexa!

Com o tempo e a aprendizagem, Maria de Lourdes não deixava outras colegas passarem pelo mesmo problema. Deixava para os novatos as cirurgias menores ou “menos complexas”, como cesariana. Mesmo assim sentiu-se feliz. Passara por uma prova de fogo. Resistiu.

Era uma mulher de se levantar de uma queda e dar a mão na ciranda.

Relicários de vidas, de existências.

Muitas pessoas na Casa eram da mesma família e trabalhavam na Enfermagem. Algumas famílias eram Negras. Hélen pediu para a irmã Heloísa um emprego. Foram exitosas. Veio a pergunta para Heloísa:

- Você quer Limpeza ou Enfermagem?

- Enfermagem!

Veio o primeiro plantão. Ficou chocada com tudo que viu.

Nas primeiras semanas pensou em desistir devido à dura rotina do hospital, e por causa de pessoas que não gostavam de ensinar.

- Desiste não! É assim mesmo! -, disse a “Enfermeira Supervisora”.

- Acho que não vou conseguir aprender.

- Você vai aprender. Está começando agora.

E ela foi ficando: Pediatria, Clínica Médica B, Clínicas Cirúrgicas.

Cuidava dos pacientes. Dava café, depois dava o banho, olhava os sinais vitais. Na hora do almoço, alimentava o paciente com amor e carinho. Dava água. Percebeu que as pessoas que estavam chegando não faziam isso: achavam esse serviço algo menor.

Ela gostava de deixar os cabelos das pacientes bem penteados. Ela e as colegas. As pessoas mandavam para ela laranja, mexerica, banana. E diziam: “- É para a Enfermeira Heloísa”. Lembravam dela na rua e a cumprimentavam. Procurava cuidar dos pacientes da melhor maneira possível, mesmo na correria dos últimos dias para terminar o Primeiro Grau.

Um dia lhe chamaram na Gerência de Enfermagem: - Heloísa você está sabendo da Lei do Exercício Profissional?

- Sim. Estamos fazendo o Supletivo em Lajinha-MG.

Ela tinha a sétima série. Fazendo o Supletivo, poderia fazer o Curso de Auxiliar pelo Programa de Formação de Auxiliares de Enfermagem do Governo Federal. A Casa de Caridade já estava com um quadro de pessoas formadas em cursos particulares de outros lugares e alguns eram de um curso Técnico de quatro anos da Faculdade da Cidade da década de 80. A Casa estava proibida de contratar pessoas sem o Curso de Auxiliar de Enfermagem.

Elas se esforçavam o máximo possível. Tentavam fazer as leituras e os exercícios escolares para ter um certificado do Primeiro Grau, atual Ensino Fundamental. Sempre pediam uma ajuda para outros colegas, quando o plantão estava mais calmo. Pagavam até mesmo aula particular.

Uma amiga de lida, na mesma situação, procurou-lhe na Pediatria desesperada num plantão:

- Heloísa nosso curso é falso!

- Não acredito!

- Infelizmente perdemos tudo!

Ela chorou muito. Decidiu desistir da Enfermagem, depois de anos dedicado à profissão.

A Diretoria lhe informou:

- Sem o curso não temos como mantê-la na Enfermagem.

- Falta muito para eu aposentar -, disse a Enfermeira.

-Tem vaga na Limpeza.

O coração triste com a mudança. Deixaria de fazer o que aprendeu a gostar e sabia fazer.

- Eu tenho experiência e não posso exercer. Só não tenho o canudo.

- Lamentamos, mas não temos outra alternativa.

- Então tá -, disse chorando.

- É a Lei do Exercício Profissional Heloísa. É a lei!

Saiu da Diretoria e procurou a Irmã responsável pela Higienização. Tirou a roupa branca, trocou o uniforme em prantos. Secou as lágrimas e foi para a lida com o seu uniforme azul. As pessoas estranhavam o fato de vê-la sem o branco, por mais que fosse público e notório a questão entre os funcionários. Passou a cuidar através da Limpeza.

Um curso de Auxiliar de Enfermagem particular se instalou na cidade: também era falso. Na região, Faculdades particulares de Enfermagem se instalaram. Tempos depois a “Enf-ciência” para formação de Técnicos passou a suprir a demanda da Enfermagem no Casa de Carangola e região. A Enfermagem foi mudando o seu perfil.

Um dia, Heloísa estava limpando o quarto de uma paciente. Bateu na porta. A acompanhante abriu. “-Bom dia!” Pediu licença e perguntou se poderia limpar. Liberaram. Estava limpando em silêncio o chão. Olhou rapidamente o gotejamento do soro. Viu que estava acabando. Nada disse. A acompanhante aflita na porta esperando a Enfermagem:

“- Onde estão as Enfermeiras?”

A campainha foi tocada mais uma vez.

O plantão agitado.

Heloísa viu o último gotejamento no conta-gotas do equipo.

O soro acabou.

Aos poucos o sangue fazia seu movimento de refluxo do scalp para o equipo.

A acompanhante tocou a campainha mais uma vez. Heloísa decidiu “fechar o soro” até alguém colocar um outro, para não perder o acesso venoso e evitar que a paciente tomasse uma nova agulhada. Estava difícil fazer punções venosas periféricas.

Foi no quarto onde as colegas davam banho em uma paciente acamada. Bateu à porta. Não percebeu a amabilidade das pessoas como na época de sua infância, quando corriam pela cidade em busca de balas de São Cosme e Damião:

-Entra.

- Tem uma paciente precisando de vocês.

- O que foi que aconteceu?

- O soro acabou. Está voltando sangue. Vai coagular e “perder a veia”.

Uma continuou a higiene da paciente acamada sozinha. A outra foi lá ver o que estava acontecendo.

Era a Auxiliar de Enfermagem Emenilda. Elas trabalharam na Enfermagem durante muito tempo juntas. A colega de Heloísa terminara o Curso de Auxiliar de Enfermagem pelo PROFAE –Programa de Formação de Auxiliares de Enfermagem do Governo Federal.

Heloísa voltou para a limpeza do quarto onde estava. Trocou a sacola da lixeira. Saiu com o saco de lixo. Do lado de fora, a colega Auxiliar de Enfermagem lhe disse:

-Você não é da Enfermagem! Só porque trabalhou nela acha que é! Cuide do seu serviço!

Onde ficou o doce gosto dos festejos da infância de São Cosme e Damião quando possuía asas e voava?

São Benedito, Santo Onofre: rogai por nós.

Fechou calada a sacola de lixo preta e deu um nó.

6 CONSIDERAÇÕES...

O diálogo entre Sujeitos e suas singularidades - numa pesquisa acadêmica sobre os Atendentes de Enfermagem da Casa de Caridade de Carangola-MG -, e o processo de invisibilização e epistemicídio de saberes e fazeres de pessoas que aprenderam a arte e o ofício do cuidar com a prática cotidiana do próprio cuidado, proporcionou-me, além de uma pesquisa, possibilidades e encontros.

Refiro-me a profissionais que foram invisibilizadas com a exigência de uma certificação escolar de Ensino Fundamental ou Médio para ingressar no curso de Auxiliar ou Técnico em Enfermagem, após a égide da Lei 7.498/86, Lei do Exercício Profissional, que determinou a extinção do segmento Atendentes de Enfermagem.

Ao ouvi-los, ficou translúcido o lugar epistêmico que ocuparam, seus conhecimentos e trajetórias. Além disto, revi a minha concepção de um baú de memórias clássico, pois a memória “se faz no movimento, no acontecimento, no imprevisto” (Lacerda, 2017). Ensinaaram-me que somente eles poderiam “abrir” essas memórias, pois estavam “guardadas” dentro de cada ser. E eles, cada um de sua maneira, entre lembranças e recordações, mostraram-me “este sou eu” ou “estes somos nós”. Qualquer possibilidade de controle da minha visão clássica de baú de memórias eles poderiam fechá-lo. A chave estava nas mãos deles. As impressões e conhecimentos adquiridos para serem recuperados passam pela ação da vontade do outro. Quase nada ou nada estava em minhas mãos. O mais valioso foi tentar ouvi-los.

Dilemas, lutas e resistência de pessoas que têm muito a ensinar. Gente como a gente. Gente flor e espinho. Quem nunca admirou uma roseira? Já espinhou o dedo e sangrou? Pode não ter ouvido Cartola ou nunca cuidou de um enfermo, mas todo mundo tem suas histórias e memórias!

Refletir é um desafio. As considerações aqui escritas são fruto de algumas reflexões.

A proposta de ouvir e dialogar com esses Sujeitos fez desta dissertação um desassossego. O cotidiano da camada popular, a vida envolta nos cuidados diários dos Atendentes de Enfermagem em um “caminho possibilidade” de diálogo entre Lamparinas e Lampiões é desassossegador.

A alegria e a satisfação dos encontros na multiplicidade de vivências, memórias, focado no respeito ao outro como “ser” e não como um mero “objeto de estudo”.

Enquanto transcrevia as conversas, inúmeras possibilidades brotavam por todos os lados. Nada linear. Parecia confuso, misturado, sem possibilidade de controle. Verbalizaram um tempo e espaço específico. Eles “são o que são” e viveram seu tempo na luta pela sobrevivência, acordando cedo para preparar o café e a marmitta. Viveram encontros e desencontros, amores e dores... “A vida não é assim?”

Conheci no Mestrado pessoas que sonham, lutam e agregam múltiplos potenciais e perspectivas de estudos: creem e buscam um diálogo acadêmico e popular que envolva o povo sofrido que se vira e revira teimosamente para sobreviver. Vocês deixaram marcas em mim. Aguçaram-me um mundo de possibilidades e reflexões, onde muitas vezes o que predomina é o convencional, o tradicional da Academia calcificada e engessada por tantos!

Pensamentos, narrativas, saberes e fazeres num encontro denso no desafio de “aprender a ouvir” e tentar “conversar” em Bakhtin, Portelli e Camada Popular. Pensar e repensar! Como é difícil tentar sair de uma lógica do que Santos chama de “*Pensamento Abissal*”. É um rolo compressor de imposições em uma sociedade que se ampara na “*monocultura dos saberes*”, numa “*lógica hegemônica*”. Quero ler mais, refletir e ampliar meus horizontes acadêmicos humanizando-me, mas sem esquecer do meu esteio. Como é complexo ouvir!

Não foi possível dar conta da amplitude dos Sujeitos aqui ouvidos. Quando “reouço” o que disseram, sinto-me impotente. Existir é complexo. Pensar sobre isto é o infinito da complexidade. Impossível não se sensibilizar com os relatos. Lembro-me das lágrimas da Atendente de Enfermagem que inspirou *Ilíada e Odisséia*. Toca-me a fala de “Bebeto”, que me disse que a Enfermagem foi tudo para a vida dele: “não saberia fazer outra coisa além de cuidar”, ao mesmo tempo que a conversa ficava mais envolvente, pois “Paula, a Carinhosa,” era de uma geração anterior a dele na profissão e de uma riqueza de conhecimentos singular. A alma nua e aguerrida de “Letícia” expõe suas vísceras em suas falas. Nem eles, nem eu sabia quem seria ouvido nesta pesquisa. Fui em busca pela cidade, pelos morros. Fazendo os contatos, amadurecendo o dia de encontro e a conversa. Muitos fugiram e eu respeitei. “Letícia” citou inúmeras vezes

“Paula, a Carinhosa” em seus relatos. “Heloísa, que após aposentar, continuou no serviço durante anos e ao ser dispensada, sonhava com o hospital. Doou toda a sua vida ao nobre ato de cuidar. Ela com seus cabelos brancos, fala pausada num tom simples e elegante. Hélen, com sua timidez e falas curtas. A delicadeza dessas pessoas em flor e espinhos de ser gente. São elas que constroem a História em seu cotidiano.

A ciência se sitiou na Universidade, desapropriou o mundo e as pessoas de seus conhecimentos legítimos. Estar na academia hoje exige o compromisso com a devolução disso, ampliando o palco onde os saberes são constituídos.

Eu precisei me visitar inúmeras vezes como sujeito durante esta escrita. Em alguns momentos pareceu-me uma terapia, uma análise psicanalítica. É um processo epistêmico muito intenso! É a explosão de “mil sóis”.

Sinto-me feliz pelas clareiras epistêmicas que encadearam em meu pensamento. Tatearam-me de maneira sensível, num processo envolventemente sedutor. *Chronus* é uma escrita popular com uso de múltiplas lentes: um trabalho de parto plural de Sujeitos do Cuidado. Não se sabe quem é a parturiente ou a parteira, pois todos estamos envolvidos no cuidado coletivo e cognitivo humano. Parindo!

Foi um processo gradativo. Deixei a dúvida miar como gata no cio no telhado. A escrita “parecia tudo mudar dentro da casa”: insônia, desassossego, encantamento.

A experiência libertária e literária sorvida até pelos meus poros alforriou-me de tantas coisas que me oprimiam e violentavam. A luz do fogo, *Entre Lamparinas e Lampiões*, é suave, contou-me uma amiga. Segundo ela, não agridem os olhos, não despertam demais, nos mantém entre a lucidez e o sonho...

Em tempos de tantas crises globais e nacionais, perdas de direitos, dignidade e tantos outros retrocessos para a camada popular, com a imposição e reinado do ultraliberalismo através do governo golpista de Michel Temer, esta proposta adentra numa perspectiva contra-hegemônica. Paradigmas colonizadores, escravizadores, produtores de desigualdades de um modelo “civilizacional” agônico e mórbido. Uma sociedade doente, onde os fortes e poderosos trocam propositalmente o antibiótico pela dipirona: não há ética, não há respeito pelo ser humano, é imoral e injusto.

As estratégias dos pobres são revestidas de inteligência para sobreviver, pois a

relação Sujeito-Sujeito não lhes é permitida. Portanto, são desobedientes e singulares. O Brasil é marcado por uma História teimosa e tem um povo sequelado por séculos de exclusão dos menos favorecidos.

Existe capacidade e poder de realização de luta diante da realidade que nos oprime. Ouvir, em um mundo em que todo mundo quer se impor, inclusive através da fala. Poder falar e sermos ouvidos. Saindo de si mesmo e abrindo-se ao outro. Uma roda “bakhtiniana” e dialógica em Freire? Um devaneio? Nesse processo, toda pessoa estaria em seu local de fato e de direito: nem um milímetro acima ou abaixo do outro, respeitosamente humano. Uma proposta planetária, respeitadora da solidariedade de relações que perpassam pelo *Saber Cuidar* de Leonardo Boff. Utopia?

A História “vista por baixo”, de Peter Burke, incomoda a quem se dispõe a fazer esta caminhada, visto que transcende este materialismo capitalista que deveria nos envergonhar, pois não dá para ser feliz se falta comida no prato do seu e meu semelhante, sem justiça social, sem “*justiça cognitiva*”, como nos ensina Santos. Não é possível ter paz no descuido corrosivo da ganância injusta que deixam bilhões sem nada ou tratados como nada.

A Casa de Caridade de Carangola surgiu para acolher os excluídos em um período pós-abolicionista de uma república que para muitos seria a “modernidade”. Mais de um século transcorreu. Como tratam as feridas dos desprovidos de recursos? Por que se perpetuam rótulos como “sexagenários”, “pobres”, “miseráveis”, “pivetes”, “mendigos” ou “povo da rua”? O intelectual e carnavalesco Joãozinho Trinta, no centenário da República, fez um pedido e protesto, com seu Cristo Mendigo tampado de lona preta: “Mesmo Proibido, Olhai por Nós”. Como está o cuidado e quem cuida dos cuidados?

Como era e está o Brasil?

Penso nas estórias entrecruzadas nesta caminhada.

“Um Diálogo Entre Lamparinas e Lampiões” na possibilidade e liberdade de um “vôo pássaro!”

REFERÊNCIAS

ALVARES, Ricardo Ferrera. Teresa Michel: Perenidade do Evangelho num Mundo em Mudanças. Eckbolsheim, França: Editions Du Signe, 2004.

ASSIS, Machado. Crônicas Escolhidas. São Paulo: Ática, 1999, 13p.

AMANTE, L. N. et all **O Legado De Florence Nightingale: uma viagem no tempo.**2009. Disponível em: <www.scielo.br/scielo.br/pdf/tce/v18n4/co.pdf> Acesso em: 20.02.2017.

ANDRADE, C. D. de, **Crônicas Brasileiras.** Elenco de Cronistas Modernos. 21ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2005.

BAKHTIN, M.(Volochinov).**Marxismo e Filosofia da Linguagem.** 9ªed., São Paulo, Hucitec, 1999.

BOFF, L. **Saber cuidar: ética do humano, compaixão pela terra.** Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

BARREIRA, I. A.; BAPTISTA, S. S. O Movimento de Reconsideração do Ensino e da Pesquisa em História da Enfermagem. **Rev. Bras. Enfermagem.** Brasília, v. 56, n.6, p. 702-706, nov./dez. 2003.

BRAGA, R. **A Borboleta Amarela.** Rio de Janeiro: Editora Sabiá, 1963. p. 170-176.

BRANDÃO, I. de L.**O Estado de São Paulo**,1986-p.15

BURKE, P. A Escola dos Annales, 1929-1989. **A Revolução Francesa da Historiografia.** São Paulo, SP: UNESP, 1992.

CÂNDIDO, A. A Vida ao Rés-do-Chão. In: **Para Gostar de Ler: Crônicas.** Volume 5. São Paulo: Ática,2003, pp. 89-99).

CARELLI, R. **Efemérides Carangolenses 1827-1959.** Viçosa, MG: Editora Folha de Viçosa, 2002.

CARELLI, R. **Gazeta de Carangola**, ano LXII. Artigos Sobre a Origem da Casa de Caridade de Carangola (02/06/79; 09/06/79;16/06/79;14/07/79;21/07/79). Carangola-MG. Acervo do Arquivo Público Municipal Carangolense.

CERTEAU, M. **A Invenção do Cotidiano.** Artes de Fazer. Petrópolis, RJ: Vozes,1990.

KUBLER-ROSS, M.D. E. **A Roda da Vida.** Disponível em.<<http://groups.google.com.br/group/digitalsource>>. Acesso em:15/04/2017.

GARCIA, L. E. V. **A Filosofia do Cotidiano da Crônica Brasileira**. Revista Verso e Reverso: XXVIII (69), 2014. p. 230-236

GODOY, A. **A Menor das Ecologias**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

IBGE- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Cidades/Infográficos/Minas Gerais/Carangola. Disponível em <http://cidades.ibge.gov.br/painel/populacao.php>? Acesso em 13/03/20018

JÚNIOR, J. B. **Casa de Caridade de Carangola – 100 Anos**. Rio de Janeiro, RJ: Sir Speedy Botafogo, 2007.

LACERDA, M. P. de. O Ditado. **Calidoscópio**. Vol.15, n.1,2017. p.71-80.

LARROSA, J.. A Arte da Conversa. In: C. SKLIAR, **Pedagogia (improvável) da Diferença**: e se o outro não estivesse aí? 1ªed., Rio de Janeiro, DP&A Editora, 2003. p.211-216.

LE GOFF, J. **História e Memória**. Campinas – SP: Editora da UNICAMP, 1990. Disponível em; <<http://www.scribd.com/doc/8757274/historia-e-memoriaJacques-Le-Goff>>. Acesso em 15 de janeiro de 2012.

MARQUES, R. C.; SILVEIRA, A. J. T.; FIGUEIREDO, B. G.(Orgs). **História da Saúde em Minas Gerais: Instituições e patrimônio arquitetônico (1808-1958)**. Baueri, SP: Minha Editora, 2011. (Instituições e Edificações descritos no CD-ROM).

MARTINS, P. R. **Revisitando a Crônica Brasileira**. A condição do Cronista. Disponível em: <www.uel.br/pos/letral>. Acesso em: 22/11/17.

MELLO, M.B.C. Da Morte do General à Busca Rizomática: o Ato de Escrever como Possibilidade de Emancipação. Dissertação de Mestrado UERJ-Universidade Estadual do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro-RJ, 2005.

MERCADANTE, P. **Os Sertões do Leste. Estudo de uma Região**: A Mata Mineira. Rio de Janeiro, RJ: Zahar Editores, 1976.

OGUISSO, T.; CAMPOS F. S.; MOREIRA, A. Enfermagem Pré-profissional no Brasil: Questões e Personagens.**Enfermagem em foco**, v.2, supl., p. 68-72, 2011.

OXUM. In: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2018. Disponível em:

<<https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Oxum&oldid=51117918>>. Acesso em: 22/03/2018..

MAFFESOLI, M. **A Conquista do Presente**. Rio de Janeiro, Rocco, 1979. 231p.

POLLAK, M. Memória, Esquecimento, Silêncio, Estudos Históricos, Rio de Janeiro, 1980. Disponível em: <www2.uel.br/cch/cdph/arqtxt/memoria-esquecimento-silenciopdf> Acesso em 20/08/2016

POLLAK, M. **Memória e Identidade Social**: Estudos Históricos. Rio de Janeiro, vol.5,n10,1992. p.2002012 Disponível em: <api.ning.com/files/.../MemoriaIdentidadeSocial.pdf> Acesso em 10/09/2016

PORTELLI, A. **Ensaio de História Oral**. São Paulo: Letra e Voz, 2010.

PORTELLI, A. Tentando Aprender um Pouquinho. Algumas reflexões sobre a ética na História Oral. **Projeto História**,15:1997a. p.13-49

PORTELLI, A. O que Faz a História Oral Diferente. 1997b. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/revph:article/view/11233/8240>>. Acesso em: 18.11.2017

RODRIGUES, J. C. Cronópolis:5-9.
www.cronopios.com.br. Acesso em: 10/11/17.

SANT`ANA, Afonso Romano de. Porta de Colégio e Outras Crônicas. Para Gostar de Ler. São Paulo, vol. 16: Ática, 2003.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Para uma sociologia das ausências e uma sociologia das emergências**. In: SANTOS, Boaventura de Sousa (Org.). *Conhecimento prudente para uma vida decente*. 'Um discurso sobre as ciências' revisitado. São Paulo: Cortez Editora, 2004.

SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula (Orgs). **Epistemologias do Sul**. Série Conhecimento e Instituições. Coimbra, Edições Almedina SA, 2009a.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **A Crítica da Razão Indolente**: Contra o desperdício da experiência. São Paulo: Cortez Editora, 2009b.

TEIXEIRA, Virgínia Mascarenhas Nascimento. *De Práticos a Enfermeiros: Os Caminhos da Enfermagem em Belo Horizonte – 1897 a 1933*. Tese de Doutorado UFMG- Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte –MG, 2012.